Stylus

Link do Espaço Escola

Escola: Tempo de Elaboração

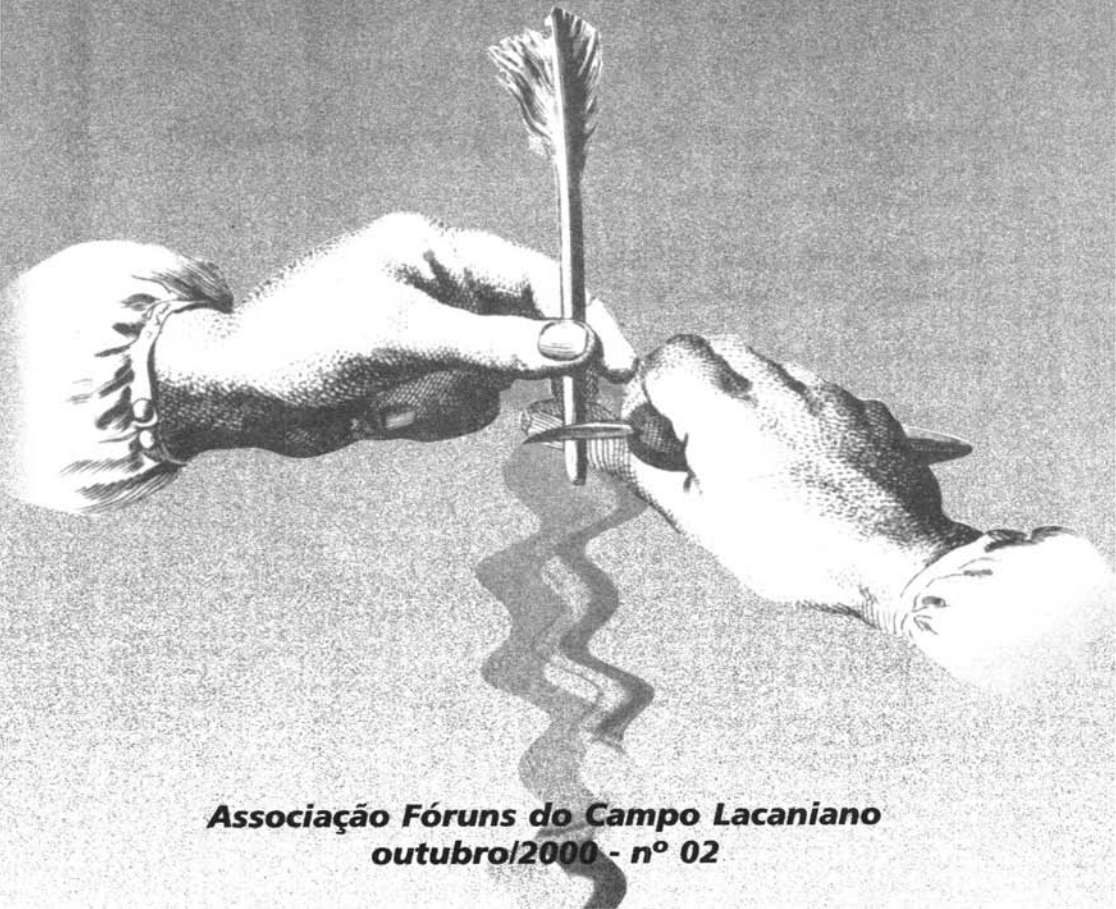


Associação Fóruns do Campo Lacaniano
outubro/2000 - nº 02

Stylus

Link do Espaço Escola

Escola: Tempo de Elaboração



Associação Fóruns do Campo Lacaniano
outubro/2000 - nº 02

© Stylus, link do Espaço Escola da Associação Fóruns do Campo Lacaniano
nº 02 - Outubro/2000
E-mail: afcl@alternex.com.br

Diretora da AFCL - *Sônia Alberti*
Coordenador do Espaço Escola (EE) - *Antonio Quinet*

Editoras de *Stylus* nº 2 - *Nilda Deiro e Andréa Hortelio Fernandes*

Comissão de Publicação
Andréa Brunetto
Andréa Hortélio Fernandes
Nilda Deiró
Sônia Magalhães

Transcrição do Fórum
Alexandre Simões
Zilda Machado

Diagramação e Arte
André da S. Cerqueira

ÍNDICE

EDITORIAL **07**

I - FUNDAMENTOS DA ESCOLA **09**

O passe, fracassos e medidas do sucesso, um comentário 11
Sônia Magalhães
Comentário do texto "A situação da psicanálise e formação do psicanalista" 19
Ângela Diniz da Costa
A situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956 revisitado em 1999 25
Eliane Costa e Silva
A partir da Carta aos Italianos 29
Vera Pollo
Que Escola queremos? Elaboração acerca da Nota aos Italianos . 33
Zilda Machado
Transmissão: A lituratura como escrita? 37
Ângela Mucida

II. TRANSFERÊNCIA E ESCOLA **41**

Transferência e Falocentrismo 43
Alexandre Simões
O novo ódio em Debate-se uma Escola 51
Bárbara M. B. Guatimosim
A transferência de trabalho e a Escola 57
Sonia Alberti
Uma comunidade de trabalho em direção à Escola de Lacan 61
Eliane Schermann

III - CONSTRUÇÃO DA ESCOLA 65

Perspectivas d'Escola: D'Escolagem, Decolagem 67
Antonio Quinet
A Escola não-toda ou a garantia gratuita 75
Ana Laura Prates
Uma Escola pelo avesso 79
Maria Nazareth Gomes de ª Plentz
Duas ou quatro questões sobre a seleção dos analistas 83
Clarice Gatto

IV - DISPOSITIVOS DE ESCOLA 95

4.1 O Passe
Da análise ao passe 97
Nilda Deiró
P # F 101
Pierre Bruno
O desejo do psicanalista no passe 109
Isabelle Morin
A Escola, o passe e o real da experiência psicanalítica 115
Andréa H. Fernandes
De um outro impasse 121
Colette Soler

4.2 A Transmissão e o Ensino
Dispositivo de ensino 131
Fátima Pereira
Função: Passador 137
Colette Chouraqui-Sepel
Psicanálise: transmissão e ensino 139
Ângela Mucida

4.3 O cartel
É tempo de cartel 145
Ana Laura Prates
O Cartel nos debates sobre a futura Escola 149
Clarice Gatto
Da inscrição à dissolução: o Mais-Um e a Escola 157
Sueli Miranda
Sobre o que o Cartel decide? 163
Anne Lopez

V - A ESCOLA DE LACAN NA ATUALIDADE

Contribuições ao debate sobre a Escola que queremos 169
Maria Anita Carneiro Ribeiro
A Nova Escola (uma que não cesse de não se escrever) 171
Rosângela Corgosinho
Consentir, reconhecer, confiar 175
Sueli Miranda
A Escola como lugar topológico 179
Idálio Valadares Bahia

FÓRUM NACIONAL DO CAMPO LACANIANO - 1999 ... 181

NOTÍCIAS 209

Notícias da Associação Fóruns do Campo Lacaniano – Sonia Alberti
Fórum Nacional da AFCL – Márcia Polido
Odisséia Lacaniana – Andréa Brunetto

EDITORIAL

ESCOLA: TEMPO DE ELABORAÇÃO

Stylus afirma-se como um produto do Espaço-Escola, instância da Associação Fóruns do Campo Lacaniano que reflete a crítica assídua do movimento analítico. Esta publicação tem como objetivo centrar o seu debate nas questões relativas à Escola como uma comunidade inédita de trabalho que acolhe e sustenta o ato analítico. Propõe-se, portanto, a trazer a público a produção individual de seus membros dentro de uma perspectiva de elaboração coletiva.

Stylus 2 ocupa-se do tema ***Escola: tempo de elaboração*** . Constataremos nesse número que o tempo de elaboração é logicamente necessário à construção dessa comunidade. Seus textos traduzem a perseverança daqueles que prosseguem com Lacan numa elaboração que almeja estar à altura de *A razão desde Freud*, pois criar a psicanálise foi instituir um novo laço social entre os homens.

Não nos será possível criar uma Escola sem discutir seus princípios, dispositivos e fundamentos. Para que ela funcione, precisamos colocar em movimento os laços sociais. Queremos uma Escola de Psicanálise que seja o lugar de acolhimento da relação de cada um com a experiência analítica e com o ato que a condiciona. Embora ele se sustente apenas na própria análise, trata-se de apostar que, na Escola, o ato analítico poderá ser traduzido em palavras.

Quando o dizemos um ato inaugural é porque acreditamos que a emergência do desejo do analista condiciona, em cada caso, uma modalidade singular de se ir além da posição de analisante, de se fazer a passagem de analisante a analista. O dispositivo do passe permite distinguir entre o desejo e a demanda de ser analista, pois se o ato analítico é um discurso sem palavras,

o passe poderá colocar no cerne da Escola o discurso do analista fundado pelos significantes primordiais do sujeito, segundo a concepção de Antonio Quinet. Somente, então, ela será uma Escola de analisantes e colocará em debate o desejo do analista.

A subversão lacaniana consistiu em introduzir o discurso analítico como vetor de orientação de sua Escola, distinguindo-a assim de outras instituições psicanalíticas orientadas pela hierarquia que o discurso do mestre necessariamente promove. Na Escola de Lacan, o cartel põe em funcionamento um modo de transmissão da psicanálise que também resulta de um trabalho de elaboração e vai ao encontro do saber universitário, para garantir a circulação do discurso analítico.

Se a Escola tem no cartel e no passe as bases sobre as quais se assenta, prosseguir com Lacan implica aceitar fazer parte de uma Escola de analisantes. Em outras palavras, dos que são afetados pelas questões cruciais da psicanálise: os pontos vivos em que ela poderá vir a fazer passe a partir dos impasses de cada um.

De acordo com a lógica itinerante, ***Stylus 2*** está sob a responsabilidade do Fórum de Salvador e conta com o apoio do coordenador do Espaço-Escola, Antonio Quinet.

Andréa Fernandes
Nilda Deiró

FUNDAMENTOS DA ESCOLA

O PASSE, FRACASSOS E MEDIDA DOS SUCESSOS

Considerações sobre o texto de Colette Soler

Sonia Campos Magalhães

Dividindo a exposição de Soler em duas partes - uma para trabalhar o tema do passe na vertente do fracasso e a outra dedicada a medir o alcance do sucesso desse dispositivo lacaniano, ela coloca logo no início o que denomina *"um problema no horizonte "*.

Perguntei-me a respeito dessa forma de Soler iniciar o seu trabalho, situando esse " *problema no horizonte*", ela vai trazer a sua posição a respeito do passe de entrada. Explico-me melhor com Soler quando ela diz: *"Há, no horizonte, o problema de saber qual é, ou quais são, as causas do maltusianismo relativo às nomeações e, também, quais serão os efeitos que daí advêm."*

Ao considerar o passe de entrada um desses efeitos, ela vai situá-lo como uma das formas de lidar com o número expressivo de respostas negativas surgidas, sobretudo, no momento inicial em que se acionou o dispositivo lacaniano. Afirma que *"o passe de entrada é um recurso para administrar a negativa da nomeação de AE"*.

Ao iniciar assim a sua fala, Soler imprime um tom à sua exposição no Seminário Espaço-Escola e é neste tom que ela vai tentar mostrar até que ponto, por uma manobra política (política - aí colocada no seu sentido banal e não no sentido da política da psicanálise) o passe tornou-se um dispositivo outro que não o dispositivo proposto por Lacan.

Para Soler, será do passe submetido a manobras políticas que virá o vocabulário da crise que culminou na Cisão de 98.

1 O fracasso em questão

Fala-se, afirma Soler, de fracasso em relação ao passe como se isto fosse de tal forma evidente que não merecesse nenhum questionamento. Ela discorda e se dispõe a colocar o fracasso em questão situando três perguntas:

* de onde vem esta formulação de fracasso?
* em nome de quê?
* frente a que obstáculo, de fato, o passe se deparou ?

Ela vai lembrar que em 1967 duas formas de oposição à *Proposição* e ao passe podem ser observadas na EFP:

1°- a dos didatas, oposição que ocasionará a retirada de alguns analistas como Piera Aulagnier, Perrier e outros, fazendo surgir o chamado Quarto Grupo;

2°- a vinculada ao movimento de maio de 68 com a sua ideologia antimestre, igualitária.

Duas objeções, portanto:

- o ceticismo e a incompreensão dos notáveis e
- a reivindicação igualitária dos "democratas"

Em textos de Lacan dessa época podemos vê-lo dirigir-se não aos notáveis mas aos democratas, aos mesmos que Soler vai chamar de *oposição pseudo-democrática.* Ela mostra que Lacan vai buscar uma renovação quando percebe que começava a existir um corpo de AE ao qual se rendia homenagem. Ele delimitará, então, a dois anos o período de AE e criará o AME para dar conta das funções de direção de modo a ser aceito pelo corpo social.

No que diz respeito a Jacques Alain Miller, Soler observa que este vai denegrir tanto os notáveis quanto os "democratas" e observa, também, que a questão da apropriação do patrimônio de Lacan por Miller começa a se evidenciar desde então. Aponta que no texto "*Todos lacanianos*", Miller já aposta nessa "herança simbólica".

O passe de Lacan e o passe da ECF não são os mesmos, enfatiza Soler e, ao fazer essa observação, ela vai situar as diferenças:

* O júri de acolhimento previsto por Lacan é substituído pelo Cartel do Passe. (É preciso notar que foram criados dois e não um cartel do passe. O que se propiciava com dois cartéis, era a oposição, e também, a emulação e a competição).

* Inaugura-se o ensino obrigatório - jornadas dos AE, noitadas dos AE- e isso vai suscitar queixas, por parte deles, de não serem ouvidos.

* um novo slogan aparece: o empuxo ao testemunho público e à repetição.

A promoção estatutariamente prevista dos AE é considerada por Soler o ponto de maior distanciamento do passe de Lacan do passe da ECF. Ser AE, a partir daí, não é apenas ter feito reconhecer "*sua capacidade de tomar responsabilidade tanto em relação à crítica quanto ao desenvolvimento da formação*"(uma definição de Lacan), ser AE, a partir dessa promoção estatutária, é uma promessa de promoção na hierarquia.

Surge uma indagação: *Quem fracassou*? Soler vai situar algumas questões do ponto de vista epistêmico. Afirma que desde que se deu início ao dispositivo do passe, esperou-se muito dos testemunhos. Esperava-se que estes viessem esclarecer o final de análise. É preciso notar, segundo Soler, que se pode encontrar em textos de Lacan uma distinção bastante precisa entre o momento de virada no qual a experiência verifica-se como acabada e o momento no qual a análise chega a seu término. Para ela, essa distinção foi totalmente esquecida ("*squeezée*"). Não se sabe detectar este momento, seja porque os analisantes ficam obnubilados pela saída, seja porque a *doxa* leva ao entusiasmo, criando obstáculos à autenticidade, fazendo com que os passantes não se mostrem em dificuldades. O fato é que não se sabe detectar este momento.

Ela vai acrescentar, em nota de rodapé, que na concepção de "passe perfeito" que Miller havia introduzido, estes dois momentos deveriam coincidir.

Trazendo a questão para o plano institucional, Soler considera que a crise sobre o passe foi política. Ela foi detonada em 1990 com a publicação do volume *As raízes da experiência*. Nessa publicação, o grupo constituído por aqueles que haviam trabalhado no passe durante os seis primeiros anos, havia tocado no intocável: publicar sem se referir a Miller e isso era transgredir a regra tácita e tocar o ponto sensível do controle das publicações. Para Soler a publicação de *As raízes da experiência* foi um ato político ainda que nem todos os autores disso estivessem advertidos. No entanto, é o que ela afirma, essa publicação contrariava a vontade hegemônica que já visava ao monopólio da transferência.

A crise foi, portanto, provocada para reforçar o controle político sobre o dispositivo do passe e sobre as publicações. Soler vai afirmar, então, que fracasso, se existe, é o da associação-escola que se mostrou incapaz de abrigar o passe concebido por Lacan, passe que, evidentemente, não tem como bússola, a política do UM – unário e uniano. A ECF fracassou, lembra

Soler, porque a sua maioria escolheu o "*conforto da multidão freudiana ao passe lacaniano que demanda, seleciona sujeitos de uma outra tablatura*".

2 O sucesso

Para Soler o passe deve ser tentado, de novo, em um outro contexto.

Para medir o alcance de sucesso do passe, ela levanta uma questão: "*Se o passe pode ser considerado um fracasso, já que não foi possível acontecer por ter se deparado com um poder totalizante que fazia obstáculo a seu êxito, como falar de sucesso do passe?*

Ela vai responder afirmando que o passe pode ser considerado um êxito em dois aspectos:

1° - mesmo como fracasso, o passe desempenhou um papel que possibilitou desmascarar a vontade hegemônica;

2° - pode-se falar em êxito do passe e este êxito está, sobretudo, em sustentar e, até mesmo, em causar o desejo de pensar a psicanálise. Com o passe não se tem deixado de pensar a psicanálise, não se tem cessado de repensá-la.

Para Soler a presença da psicanálise na civilização, a própria existência da psicanálise, exige que ela não se restrinja à clínica. É preciso sustentar o desejo de pensar a psicanálise.

Em relação a este "pensar a psicanálise", Soler vai nos levar à questão do Ato Psicanalítico. Lembra que o analista não pensa no seu ato enquanto opera. Esta tese de que o analista não pensa, diz Soler, surpreende e surpreende, sobretudo, o analista iniciante. Ela afirma que isto pode ser constatado nas supervisões, quando o supervisando se questiona sobre o que faz, sobre o que deve fazer, não fazer, etc. Pode-se notar, também, que isto vai se detendo, podendo levar ao risco do que Lacan chamou a "suficiência". O analista pode se assentar sobre a convicção de que é inútil elaborar ali onde a eficácia do sujeito-suposto-saber parece bastar. O posicionamento de Soler a respeito do ensino, a sua posição quando afirma ser preciso não só manter como encorajar o ensino, parte dessa constatação. Para ela, resvalar para a posição de "suficiência" vai na direção do pior para a psicanálise.

Nesse ponto de sua exposição, ela vai dizer algo que, me parece, deve ser discutido: ela afirma que o dispositivo do passe, em todos os casos, vai dar o empurrão para pensar, vai impelir o analisante.

Para Soler existem três tipos de analisante:

- há o analisante no dispositivo freudiano, na análise, o analisando

que elabora seu inconsciente graças ao analista em função de causa

- há o passante, analisante de sua experiência, que se incumbe de pensá-la e disto restituir algo a seus passadores; e

- há o analista, notadamente o AE, que deve pensar a psicanálise, o que é outra coisa que falar de si mesmo.

Em relação a esses três tipos de analisantes, Soler vai perguntar *: onde está aquilo que os causa?* Em relação ao primeiro tipo, ela afirma: é o analista. Para o segundo, o passante, ela responde com uma pergunta: "*como não ver que é o Outro, aquele que no dispositivo, pode, não se diria garantir nem caucionar mas, confirmar sua palavra?"* Quanto ao terceiro – o analisante-analista - Soler pergunta: *o que é que o causa a pensar a psicanálise ?* Vai lembrar que Lacan evocava, para si mesmo, o olhar de Freud.

Ela vai advertir, então, que a função do líder se presta a confusões com a função da causa analítica. Vai, também, observar que na psicanálise não se pode eliminar a função, a questão que é a modalidade da causa no campo epistêmico, então a necessidade de se manter o questionamento ativo. É nesse ponto, afirma, que o passe tem êxito no que funciona como princípio de inquietude.

Conduzindo a sua exposição para a questão do final de análise, ela pergunta: *como se verifica o ponto de finitude de uma análise? Qual é a prova deste final?*

Soler vai lembrar que Lacan sugeriu um tipo de prova em analogia com a prova pelo rir, pelo chiste - com sua terceira pessoa, que força o auditor a rir.

Ela faz uma observação: os *mots d'ésprit* são pouco transculturais, contrariamente ao cômico, que é mais universal, porque mais imaginário. Mas, de que prova se trata no chiste? Prova da cisão do sujeito pelo significante, cisão que o ultrapassa tanto quanto o inconsciente. Trata-se, no passe, de dar prova via efeito de convicção produzido sobre o cartel, por uma palavra de testemunho que, como toda palavra, veicula uma enunciação que não se pode formular em termos de saber, pois aquele que ri não é capaz de produzir a doutrina do seu rir.

Para Soler, se o sujeito dispusesse, na saída, do saber matematizado de seu objeto, de sua fórmula, ou de seu nome de sintoma, o dispositivo seria supérfluo, bastaria o escrito.

No que diz respeito ao Cartel do Passe, ela supõe que esses cartéis estão animados por uma demanda de surpresa. A espera de surpresa no dispositivo é uma demanda feita ao passante, uma demanda de que ele saiba, e que faça saber, o que os membros do Cartel não sabem. É a essa

esperança decepcionada que é preciso imputar a raridade de nomeações.

Soler afirma que a posição de expectativas dos Cartéis do Passe é denegada e que melhor seria se se parasse de fingir que não há *a priori*, (pois eles existem), e que se buscasse explicitá-los a fim de que eles se dialetizem.

Creio que teríamos outro ponto para o debate- a respeito da existência dos *a priori,* tal como Soler coloca neste ponto de sua exposição

Questões situadas nos testemunhos dos passantes.

Soler vai lembrar que podemos encontrar na *Proposição* um exemplo, explícito. Trata-se do que foi, para cada um, o momento de virada, momento dito do passe, "*um exemplo do momento de passe que coloca um término à recorrência infernal da cadeia (cadeia da fala, cadeia dos ditos, cadeia dos significantes) e abre a sequência final da análise e permite a passagem ao ato analítico.*"

Essa questão permanece e é tão insistente quanto a da instalação na prática. O início da prática distancia-se do momento de emergência das condições do ato analítico. Soler aponta situações nas quais profissões que impõem receber pacientes – como a psiquiatria e a psicologia – podem dar margem a uma instalação profissional em que a questão da passagem a analista venha a ser recoberta e, às vezes, dispensada. Para Soler, essa questão da instalação na prática vem mostrar o quanto são necessárias as provas de capacidade – entendida aí enquanto capacidade analítica.

Ela vai trazer, ainda, três questões colocadas aos testemunhos dos passantes:

1. Como se deu a separação do passante de sua análise?
2. O que aprendeu de sua análise? Quais foram as suas conclusões?
3. Que relação causal articula os dois primeiros pontos?

Em relação à primeira questão, Soler nos diz que ela é colocada incidindo sobre o como, ou sobre as modalidades e, também, sobre a causa Será preciso diferenciar a separação da análise da separação em relação ao analista. Ela observa que o momento do passe propriamente dito é um momento epistêmico. A saída é o momento no qual a libido analisante é esgotada; é um fenômeno libidinal e não epistêmico.

Isolar condições desta queda - aí estaria a questão, afirma Soler.

Em relação à segunda indagação, Soler vai ressaltar o termo conclusão advertindo que, ainda que este termo tenha todo um valor para a psicanálise, a ênfase colocada sobre ele produziu um efeito francamente superegóico. Ela destaca um texto de Christian Demoulin, como referência para o estudo dessa questão Para Soler, o ato de concluir não é a mesma coisa que produzir a fórmula da conclusão. Vai afirmar, também, que a demanda de conclusão

pode ser endereçada pelos analisantes a seus analistas e o espantoso é saber que alguns analistas não se recusam a atender essa demanda.

O imperativo, não de conclusão, mas de fornecer uma conclusão - o que não é a mesma coisa - abala a certeza de que poderia advir da experiência própria. É assim que pode acontecer, adverte Soler, que analisantes, ainda que tenham chegado ao término de seus percursos, possam acreditar que não o tenham feito, supondo haver uma norma de conclusão.

No *L'Étourdit*, lembra Soler, Lacan vai dizer que a análise deixa o sujeito "assegurado de saber" as três dimensões do impossível – porque o impossível está no plural, como as negatividades. A questão estaria em saber como o impossível (que em lógica se demonstra), verifica-se, atesta-se na análise.

No que diz respeito à terceira questão - *que relação causal articula as duas primeiras*- ela coloca as seguintes indagações: O perceber epistêmico tem efeitos libidinais? Sob que condições é um *"operçu"* como dizia Lacan?

Recorrendo a Lacan na *Proposição de 1967* e no *L'Étourdit*, Soler vai lembrar que se pode constatar que há um desnível no tempo que permite que se faça uma distinção entre o momento do passe e o fim da análise propriamente dito.

1 Trabalho apresentado em *"Debate sobre o passe"* , no Forum do Campo Lacaniano na Bahia, em 07 de junho de 2000, sobre ***"La passe, échecs et empan des succès*** - exposição de Colette Soler no Seminário Espaço-Escola – *Pour une École* – em12 de janeiro de 2000, em Paris.

COMENTÁRIO DO TEXTO "A SITUAÇÃO DA PSICANÁLISE E FORMAÇÃO DO PSICANALISTA EM 1956"

Ângela Diniz Costa

Em seu texto "A situação da psicanálise e formação do analista", Lacan afirma haver nesse título uma certa malícia e enuncia que há um entrelaçamento entre o que constitui a formação do analista, que ele coloca como válida, e a verdadeira situação na qual se encontra a psicanálise àquela época.

Nesse texto, Lacan realiza um minucioso julgamento da situação da psicanálise anunciado como sendo importante de se realizar na medida em que comemorar o centenário de um nascimento é raro, e se o comemora é por suposto que a obra desse homem (referindo-se a Freud) evoca a sobrevivência.

Então, é necessário "denunciar as aparências" num comprometimento até o "limite do possível...com a história em ação da psicanálise".

A formação do analista, tal como elaborada por Freud (1), constitui-se a partir de três aspectos: análise pessoal, análise de controle e a formação teórica.

Mas essa tríade pode resvalar, tal como a história da psicanálise nos revelou, para uma formação- tipo, resumindo a formação almejada a um formalismo instituído.

Para Freud, a análise pessoal é fundamental, na medida em que a

formação visada diz daquilo que funda e justifica a psicanálise: o saber inconsciente, que se produz a partir das manifestações do inconsciente, como um saber no lugar da verdade.

Assim, retornamos ao texto de 1956 e o tomaremos como fio condutor de uma reflexão sobre quais foram os movimentos que se transcorreram na situação da psicanálise em nossa atualidade.

No texto de 56, Lacan interroga *Como se pode ser psicanalista? Pois se pudemos definir ironicamente a psicanálise como o tratamento que se espera de um psicanalista, é justamente a psicanálise que decide sobre a qualidade do analista"*(2) Aqui claramente Lacan toca a questão de como a formação do analista se entrelaça com a experiência analítica.

Assim, a concepção de um final de análise como identificação ao analista propicia os fenômenos do ideal do eu, fazendo predominar as capturas do poder e da mestria, os efeitos imaginários de rivalidade e disputa inerentes à formação do eu, e a crença num saber atribuído ao Outro; além de se tornar uma maneira segura de *"evitar no analista a apreensão de seu estatuto no final de análise, mantendo via narcisismo o caráter privado, inarticulado, e obscuro o inacessível da transmissão da experiência"* (3).

Desse modo, a transmissão da experiência, ponto pivô da formação, é deixada de lado; os dispositivos que a IPA utiliza para a nomeação têm um grau único de hierarquia, denominado por Lacan como o da suficiência. *"Eis portanto, a organização que obriga a fala a caminhar entre dois muros de silêncio, para ali realizar as núpcias da confusão com o arbítrio. Ela (a fala) se ajeita com isso para suas funções de promoção: as suficiências regulamentam a entrada dos sapatinhos apertados..."* (4).

Logo, trago uma primeira questão: ao se referir que é a psicanálise que decide a qualidade do analista; não poderíamos relacioná-la com *"o analista se autoriza dele mesmo"*(5); ou seja, o analista se autoriza desde o ponto ao qual sua análise o levou?

Autoriza-se dele mesmo, constitui uma maneira distinta de conceber sobre o lugar da experiência analítica na formação de um analista.

Em 56, Lacan já apontava *"Não somos nós aqui que proferimos um julgamento; foi nos círculos dos didatas que se postulou e se professa a teoria que confere como finalidade à análise a identificação com o eu do analista"* (6). Desvio apontado por Lacan sobre o lugar que o trajeto analítico tem na formação da IPA: um modelo de autorizar-se de seu eu.

O autorizar-se de seu trajeto analítico é também, como Lacan aponta num *a posteriori*, autorizar-se de alguns outros, o que quer dizer autorizar-se

da instituição mínima que formaria alguns outros ao redor do analisante.

A nomeação dos analistas constitui o ponto central ao redor do qual se estabelece a subversão de Lacan, ao propor o procedimento do passe para a nomeação dos analistas, que ao permitir a elaboração de um saber sobre seus finais de análise, e assim garantir uma seleção de analistas para um grupo cujo dever fosse suportar a experiência analítica: uma Escola.

Assim me parece que quando Lacan em sua *Proposição de 9 de outubro de 67 sobre o psicanalista da Escola* afirma *"que há um real em jogo na formação do analista"*, não se trata somente de um real em jogo na cura, pois esta afirmação concerne a uma política da psicanálise, sendo que esta política influi sobre os procedimentos implicados nos títulos de sua Escola.

AME – é a Escola que o reconhece como analista. A iniciativa da garantia é a iniciativa da Escola. Título outorgado pela Escola, e não demandado.

AE - aquele que se encarrega de poder testemunhar dos problemas cruciais, dos pontos candentes para o analista. Título que implica que alguém o demande.

Assim o real que se trata na *Proposição*, não é um real que se coloca somente na cura, senão é também um real que tem uma correspondência na instituição analítica, tal como proposto por Lacan em seu Discurso à EFP em 67, quando ao se referir a sua Proposição, diz que ela fracassa para aqueles que separam o ato analítico que institui o psicanalista, do ato psicanalítico como tal.

Aqui me parece haver uma referência explícita aos que pensam que a instituição é que seria o agente do ato analítico.

Para Lacan, o ato que institui o psicanalista na cura é inseparável do ato político em si. Assim poderíamos pensar que a política institucional visada por Lacan enquanto conseqüência de seu ensino é uma resposta:

- à própria direção da cura
- sobre a eficácia da psicanálise, que é formar, produzir um analista
- à introdução de uma *tiquê* no *autômaton* da hierarquia institucional
- no recrutamento *"sugiro-lhes a partir daquilo que tive de refundar de um Outro grupo: a Escola Freudiana de Paris, que o analista chamado para se dizer da Escola – AE, de agora em diante seja recrutado, e nada o obriga; pois à alguns a Escola lhes reserva o título de AME"* (7).

Então, não há separação entre a cura e o político, enquanto duas vertentes do mesmo ato. Tanto na cura quanto na insituição, o ato analítico instaura no analisante o desejo do psicanalista, desejo graças ao qual o ato, como diz Lacan fracassa *"da boa maneira"* (8).

Sabemos que os finais de análise não se equivalem. Demandar o passe

constitui tão somente uma das boas maneiras (há outras, tais como já explicitados por Lacan: fazer do analisante um erudito que possa voltar a seus estudos; ou alguém que se dedique a formar uma família) de se cumprir aquilo que é sempre um fracasso; afinal isto se relaciona com a natureza do ato analítico que em sua natureza é falho.

O que se evidencia é que para Lacan o decidir-se analista é a partir da experiência de um trajeto analítico e não de uma candidatura.

Um ponto de conclusão

A partir do julgamento realizado por Lacan em 56 da Situação da Psicanálise e sua relação com a formação do analista; e do que podemos depreender do percurso de seu ensino, a Escola do Passe é um legado lacaniano com a intenção de fazer emergir uma formação válida, que diz de como uma psicanálise verdadeira decide da qualidade do analista.

Por isso, estabelecer *"um estudo da situação do psicanalista seria edificante de ser estendido até os efeitos do estilo de vida do psicanalista"*.(9)

Estilo que em seu texto de abertura dos *Escritos*, Lacan coloca *"é o objeto a que responde à pergunta sobre o estilo. Objeto que como causa de desejo revela 'em que o sujeito se eclipsa, suporte do sujeito entre verdade e saber. Queremos, com o percurso de que esses textos são os marcos, e com o estilo que seu endereçamento impõe, levar o leitor a uma conseqüência em que ele precise colocar algo de si"*.

Essa é a maneira que Lacan nos convida a ler seus *Escritos*, apontando-nos que colocar de sua parte face ao objeto que é causa, é um trabalho permanente na medida em que se trata da transmissão da psicanálise. Na psicanálise trata-se de transmitir o saber de uma operação na qual se conduz o saber ao lugar da verdade, ao se propor averiguar a relação do sujeito com seu mais de gozar.

Não é pela transmissão desse saber que a psicanálise pode buscar não ser uma verdade esquecida?

Assim podemos dizer que Lacan é freudiano em seus princípios éticos, pois não abandonou o tripé constituído por Freud para se referir à formação do analista; tanto que ele não se recusou a organizar um programa de estudos para os analistas.

Lacan soube ler em Freud que a *"visada da formação do analista, ou o que funda e justifica a psicanálise é o saber inconsciente, que se produz a partir das manifestações inconscientes, um saber no lugar da verdade"*.(10)

Então a crítica esboçada por Lacan em 56, antecipa aquilo que em seu Discurso à EFP elabora sobre sua Proposição, ao referir-se que não é a instituição que agencia o ato analítico (a IPA regulamentava a lista dos didatas, a eleição dos candidatos; bem como determinava que a análise de controle deveria ser feita com um analista distinto daquele com quem se realizava a análise didática; bem como regulamentava sobre o número de horas, ou de anos de uma análise para poder se candidatar, etc).

Dessa forma, a IPA ao separar o ato analítico do ato político, o que se refere a uma política de direção de cura nos possibilita dizer com Lacan que também foi assim que a IPA não deixou lugar para o inconsciente ser o furo do todo-institucional.

Referências bibliográficas

1. FREUD, S. *A questão da análise leiga.* 1926. Edição Standard Brasileira
2. LACAN, J. *A situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In:* Escritos, JZEditor, 1998.
3. Akves Stélio Lage. In: *Fascínnio e Servidão.* Editora Autêntica.
4. LACAN, J. *Ibidem.*
5. _____ *Proposição de 9 de outubro de 1967.*
6. Idem referência 3
7. LACAN, J. *Nota aos italianos.*
8. _____ *Proposição de 9 de outubro de 1967*
9. _____ *Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 56.*
10. THÁ, Fábio. *Algumas notas sobre a formação em psicanálise.* Letras da Coisa, nº 14. Publicação de Coisa Freudiana, Curitiba.

A SITUAÇÃO DA PSICANÁLISE E A FORMAÇÃO DO PSICANALISTA EM 1956, REVISITADA EM 1999

Eliane Costa e Silva

Este texto trata de uma crítica a formação dos analistas e da transmissão da psicanálise pelo modelo da IPA, propondo como alternativa a isso a instituição de um campo instaurado pelo discurso analítico, através do passe.

Citando Freud em *Totem e Tabu*, Lacan ressalta a posição primordial do significante, na afirmação de que o verdadeiro pai, o pai simbólico, é o pai morto. Coloca-se aí uma questão de que este efeito do significante só vale se considerarmos que ele implica um fato de linguagem, de escrita, ponto de relevância no que diz respeito à formação.

Situanod historicamente a IPA como a instituição fundada em 1912 para conservar o legado de Freud, Lacan questiona a função do chefe em tal organização que, para sustentar a própria fala, apóia-se "num vínculo simbólico, isto é, numa tradição ou numa disciplina, mas não de modo equivalente, já que tradição e disciplina davam-se ali como objeto de questionar-lhes o princípio, juntamente com a relação do homem com a fala". Esse modelo traz à tona a problemática das relações do eu com a verdade, concedendo a sua estrutura (do eu) um efeito de identificação imaginária.

Para desenvolver esta idéia, Lacan busca na dialética hegeliana da enfatuação (que significa presunção, orgulho, arrogância) o conceito de suficiência ao gradus na hierarquia psicanalítica, que se coloca como uma base democrática para a instituição mas, como nos lembra, a democracia

entre os gregos antigos só cabe aos mestres e senhores.

A suficiência marca, então, um lugar de um saber não dialético, encontrando-se para além de qualquer comprovação. Ela se basta em si mesma, carregando um saber absoluto. É o caso do analista que só o é em sua prática, em ato. O ato não carece de saber, mas é um ponto limite. Suficiência significa o ter que ser suficiente para o ato sem o Outro. Para se transmitir, resta-lhe a via da reprodução imaginária, produzindo um certo número de exemplares em que um único se pluraliza. A entrada na comunidade é sujeita à análise didática, que tem como finalidade a identificação com o eu do analista. A suficiência posta às metas das formação, afirmadas como postulados psicológicos, introduzindo no grupo uma forma de autoridade sem precedentes na ciência, priorizando a identificação com a imagem que dá ao grupo seu eu ideal.

Nessa graduação, Lacan cita a hierarquia necessária para sustentar a suficiência:

- sapatinhos apertados – estar fora da suficiência provoca uma situação de desconforto, manifestando a suficiência velada de sua oposição à suficiência.

- Os Bens necessários – destacam o uso da fala, em que impera o silêncio. A esses é reservada a manutenção de um discurso da suficiência, exortando o silêncio, povoando-o com os seus discursos. "Desligado de sua própria lógica, o que nele se encontra não se choca, o que nele se cruza não se ofende, o que nele se exclui, não se decide". Ou seja, é um discurso que não produz uma nova articulação do significante, tornando-se redundante e supérfluo.

- As Beatitudes – derivadas das seitas estóicas e epicuristas, têm como finalidade atingir a satisfação da suficiência através da mediação da fala permanecida no Outro e sem retornar ao Mesmo. Assim as Beatitudes falam em monólogos, colocando-se na dimensão do Oráculo.

Colette Soler em seu texto *O analista e sua instituição* trata da nomeação das instituições, privilegiando três:

- A IPA, em que o efeito de grupo baseado na identificação, coloca em risco o efeito do discurso.

- A sociedade psicanalítica, que desloca o aspecto comunitário para o saber, que é pensado nos moldes de uma Sociedade Científica. O problema é que em psicanálise nem tudo é saber.

- A Escola, que mantém a ênfase sobre a problemática do saber, evidenciando a sua elaboração e preocupando-se com a formação , fazendo referência ao ensino.

O grupo analítico origina-se no discurso analítico, que é o laço social

criado por uma análise. A história da psicanálise carrega uma série de rupturas segregativas, sendo uma história de cisões. Os grupos analíticos, por serem menos encobertos pelos ideais coletivos, têm uma tendência desagregativa maior. A posição do saber no discurso analítico coloca a necessidade da instituição analítica mas, ao mesmo tempo, a ameaça. Que alternativas podemos criar para sair desse impasse?

Lacan propõe uma distinção entre a hierarquia e o gradus. Isso está marcado na *Proposição de 9 de outubro de 1967*. Esta diferenciação contém uma ambiguidade, já que gradus pode ser traduzido como grade, que tanto significa um grau de hierarquia como algo que encerra. Mas o significante privilegiado aqui é o "passo" da marcha (gradum facere) e a posição do combatente. Assim, o gradus aponta para uma progressão por grau, de acordo com uma gradação, não vinculada à uma graduação. Trata-se de uma mudança na função e não de uma promoção hierárquica. Ela se funda sobretudo na diferenciação binária dos Aes e dos AME.

Quando Lacan busca o termo Escola, tomando como base o conceito grego para dizer de um lugar, simultaneamente de um refúgio e de uma base de operações para combater o que já se podia chamar de mal-estar na civilização, propõe que esta demarque um lugar norteado pela formação e pelo saber que circula pelos textos de Freud e do próprio Lacan, furados pelo real de um impossível. A partir daí, pensemos na especificidade da escola, tal como concebida por Lacan, que aposta no estabelecimento das condições de desenvolvimento da psicanálise e sua efetivação no psicanalista, ou seja, de como se formam os analistas. Sob essa perspectiva, dois dispositivos ganham importância: o cartel e o passe.

O cartel é a base da escola, tendo como objetivo a construção de uma nova experiência na transmissão de um saber, articulado pelo trabalho analítico e estruturado a partir de um pequeno grupo.

O passe, mais ousado, marca uma ruptura com a formação tradicional, à medida que desconsidera a distinção entre a análisse dita "didática" e análise "terapêutica". Assim, a obtenção do título de analista não mais se dá por uma escalada hierárquica baseada na identificação com o analista didata. Fundamenta-se no direito dos membros de escolher um analista, sem a necessidade de referir-se a uma lista prévia de nomes autorizados. O membro que deseja assegurar o reconhecimento do seu trabalho deve solicitá-lopor meio do passe, cujo objetivo principal é a formalização e a articulação da travessia do plano da identificação e, posteriormente, da distinção do sujeito em relação ao Outro, deparando-se com o seu próprio desejo. Retomemos Lacan, quando diz "*não há campo em que alguém se exponha mais totalmente do que ao falar da*

análise".

Stélio Lage em seu texto *Um fascínio descola*, marca com propriedade três aspectos importantes no conceito da Escola proposta por Lacan:

1. A Escola como um marco em que se ordena o material da experiência analítica, a partir da instauração de um campo de onde se efetuam os ideais conflituosos na apreensão da experiência singular e racional da transmissão.

2. A Escola como realidade de um dever ativo, baseado na criatividade que emerge de uma falha no saber.

3. A Escola como função, parte de uma doutrina lógica, que enfrenta o trato com o real pelo do registro da escritura e da matematização.

Para finalizar, trago então aos colegas analistas as seguintes questões: Como o Campo Lacaniano pode se instituir, trazendo um significante que funda um grupo, não pelo traço de uma identificação, mas fundamentado numa referência comum, na singularidade do discurso analítico? Em que se diferencia e o que concerne a cada membro deste grupo?

1 Freud, Sigmund "A questão da análise leiga". 1926. Edição Standard Brasileira.
2 Lacan Jacques "A situação da Psicanálise...
1 Alves Stélio Lage in; "Fascínio e Servidão", Editora Autêntica.
2 Lacan Jacques "Situação da Psicanálise e formação do psicanalista em 1956" in; Escritos. Jorge Zahar Editor.
3 Lacan Jacques "Proposição de 9 de outubro de 67.
4 Idem referência 3.
1 Lacan Jacques "Nota aos italianos".
2 Lacan Jacques "Proposição de 9 de outubro de 1967".
3 Lacan Jacques " Situação da Psicanálise e formação do psicanalista em 56".
1 Thá Fábio "Algumas notas sobre a Formação em Psicanálise". Letras da Coisa número 14. Publicação de Cisa Freudiana. Curitiba.

A PARTIR DA CARTA AOS ITALIANOS

Vera Pollo

Responder à pergunta 'Que Escola queremos?' é procurar dizer porque queremos a Escola com o passe e os cartéis.

Quando fui convidada pelo segundo cartel de coordenação do Fórum Rio para participar de uma das mesas de debate sobre a *Carta aos Italianos*, escrita por Lacan em 1974, propus-me como meta trabalha-la em conjunto com a aula de 9 de abril do mesmo ano, do Seminário *Os não-tolos erram* (Les non-dupes errent). Nessa última, Lacan retoma o que anunciara em 1967, esclarecendo que o "autorizar-se de si mesmo" comporta uma escolha ou decisão que jamais é tomada na solidão ou no isolamento, mas que equivale antes a um "autorizar-se de si mesmo e de alguns outros", aos moldes da escolha ou decisão que é feita pelo ser sexuado.

Na *Carta aos Italianos*, ele estabelece uma relação de implicação lógica (se...então) entre a Escola e aqueles que já definira como "analistas de sua própria experiência", relação esta que estaria no entanto condicionada à aplicação do dispositivo do passe. Ou seja: se o passe viesse a verificar a existência do AE, então, necessariamente, ele verificaria também a existência de uma Escola. Naquele momento, e nas próprias palavras de Lacan, tratava-se de contrariar sua prudência anterior e arriscar-se, inclusive, à constatação da inexistência de uma Escola. Uma seqüência se impunha assim claramente: primeiro lugar, era necessário aplicar o dispositivo do passe, que não por acaso ele chama nesse texto de "o meu princípio", em segundo lugar, viriam os AEs e, com eles, a Escola.

Todavia não nos encontramos mais em 1974, e por isso podemos colocar a questão: devemos conceber uma forma de aplicar o dispositivo do passe antes de pensarmos a fundação de uma Escola ou, levando em consideração a experiência que já tivemos, podemos concluir que a Escola de Lacan já existe e devemos sobretudo nos ocuparmos em extrair todas as conseqüências possíveis dessas experiências?

Os recentes depoimentos que tivemos a oportunidade de escutar no Fórum Rio, depoimentos de sujeitos que passaram pelo dispositivo, testemunham simultaneamente o entusiasmo com que alguns viveram seus efeitos e a transmissão possível de um determinado saber (um ou outro matema e/ou ponto teórico) para além das pequenas histórias no entanto indispensáveis, pois, como observa Lacan na referida carta: *"Trata-se de colocar colaborando o simbólico e o real que o imaginário enlaça (eis porque não se pode deixá-lo cair)"*.

Nessa carta ainda nos deparamos com a aposta explícita de que os analistas saberão encontrar a marca de um "congênere". Mas onde Lacan situa o analista em 1974? Na aula do seminário *Os não-tolos erram*, ele o situa num espaço entre-dois, cujas coordenadas permaneciam por serem precisadas. Precisamente, ele o situa entre o homem de ciência e o artista, acrescentando que a função determinante do momento em que ele faz sua escolha restava enigmática. Cabia-lhe, como lhe cabe ainda, desenvolver m método que lhe propiciasse beber nessas duas fontes: a do rigor da lógica e a do grão da arte, "para fazermos de nós esse terceiro, além do cientista e do artista, que ainda não foi classificado".

É então, no retorno ao escrito sobre *O tempo lógico* que ele nos aconselha buscarmos novas pistas, dando-nos a entender que "autorizar-se de si mesmo" implica a função lógica da pressa e uma asserção antecipatória". Tal asserção será posteriormente submetida à "prova da dúvida", mas "ela não poderia sequer ser verificada, se não tivesse sido alcançada primeiramente na certeza". Seguindo o raciocínio freudiano em seu texto sobre *Construções em análise* (1937), no qual ele sugere: primeiramente a construção, em seguida a verificação de sua veracidade, Lacan propõe: em primeiro lugar a asserção (o afirmar-se como analista), para posteriormente submeter-se à verificação do que houve de verdadeiro no que teve início como uma certeza.

Isso quer dizer que poderíamos estabelecer uma equivalência entre o dispositivo do passe e o que Lacan chama nesse texto de "prova da dúvida"? Parece-me que sim, uma vez que o que está em jogo nessa prova é a verificação do alcance de um "fazer-se", no caso, "o fazer-se analista". Retomemos o momento lógico de concluir, tal como ele o escreve

em *O tempo lógico*: *"Apresso-me a me afirmar como branco(homem,etc) para que esses brancos, assim considerados por mim, não me precedam reconhecendo-se pelo que são"* (Escritos, 1998: 206).

Se aceitarmos que é esse o momento em que o analista se autoriza de si mesmo e de alguns outros, devemos concluir que nessa autorização ele sabe apenas o que não é um analista, posto que deduz "o que lhe é possível deduzir do que ele não vê", tomando como referência os que estão com ele num mesmo movimento. Sua dedução é conseqüência de seu desejo de não perder a possibilidade de concluir.

Pois bem, voltando à aula de 9 de abril de 1974, Lacan ressalta que a oferta de um corpo ou organização imaginária é o que faz a passagem da multidão ao grupo, ao passo que a passagem do grupo à Escola implica algo mais. Ela implica um novo laço, capaz de transformar o "sujeito suposto saber" (o trabalho de transferência) em "saber suposto sujeito" (a transferência de trabalho). Em outras palavras, para que haja Escola, é preciso que não permaneçamos na posição daquele que atribui desejo de saber ao Outro, para satisfazer aquilo que se supõe que o Outro quereria, enquanto ele mesmo se satisfaz em sua anorexia mental.

Para Lacan, não pode haver Escola sem produção de escritos, uma vez que o saber se escreve e que o trabalho com a letra é o único que lida com "o significante que não tem Outro" (aula de 17 de março de 1971, Seminário *De um discurso que não seria do semblante*).

Do texto freudiano, esse novo arranjo de letras que Freud introduziu no mundo, resultou a emergência do grupo de analistas, isto é, de um novo real ou de um novo discurso. Mas, como fazer desse discurso de Escola? É uma pergunta a que Lacan se coloca, e à qual responde com a invenção dos cartéis e do dispositivo do passe.

Os cartéis visam a uma forma de provocar uma elaboração analítica, escrita e singular, porque esta vai contra o movimento espontâneo do sujeito de atribuição do desejo de saber ao Outro. O dispositivo do passe visa ir contra a queda no esquecimento do passe clínico, que Lacan definiu, em 1967, como a destituição subjetiva do analisante e o desser do analista, antecipando desse modo que o agente do discurso do analista não é o sujeito e que o objeto de que o analista faz semblante tem apenas uma consistência lógica, a ser deduzida da análise de cada um. Sua aposta era a de que seria possível prestar contas de um ato real de autorização, cujas coordenadas simbólico-imaginárias o sujeito geralmente tem horror a saber quais são, e esclarecer a mudança discursiva que responde pelo desejo de reproduzir com outros a experiência analítica por que passamos.

Saber lidar com a transferência numa comunidade de analistas, para além do respeito pela análise de cada um, seu trabalho de transferência, é também propiciar a existência de lugares de endereçamentos dos escritos, ou seja, das transferências de trabalho.

QUE ESCOLA QUEREMOS? ELABORAÇÃO ACERCA DA NOTA AOS ITALIANOS

Zilda Machado

Instigada que fui pela *Nota aos Italianos*, tentei fazer uma aproximação.

Trata-se de uma carta que foi endereçada por Lacan ao seu grupo italiano que não deu seqüência às sugestões nela expressas. Penso que neste momento, quando se tem num horizonte próximo a criação de uma Escola, seria pertinente que nos detivéssemos nesse texto. É que essa carta transcende seu destino. É a nós que ela está endereçada nesse momento crucial de criação de uma Escola Lacaniana.

Está aí a nossa proposta de debate para o Fórum Nacional a se realizar em outubro: Que Escola queremos?

Que Escola propõe Lacan em 1973 ao seu grupo italiano?

Anteriormente, na *Proposição de 9 de outubro de 1967*, Lacan propõe como entrada na Escola duas formas a que ele chama de modo de *gradus: "o reconhecimento do praticante da psicanálise – trabalhador decidido que é reconhecido com o título de AME – e o que autentica o próprio analista e o desejo que o define com o título de AE".*

Nesse texto, ora em discussão – *Nota aos Italianos* - Lacan só retém a segunda forma de entrada, e conforme diz Colette Soler, Lacan o faz porque o seu grupo italiano não estava em condições de dar o título de AME a quem quer que fosse.

Nesse texto há uma disjunção entre a autorização de praticante da psicanálise e a produção do analista – do se fazer , do se tornar analista.

Nada de garantias que a Escola possa dar com os títulos que ela mesma oferece. Nada de regras que venham a escamotear a inconsistência. Um analista só é enquanto função, ele insiste. Penso ser isso o mais importante deste texto, a audácia de Lacan em propor que a sua Escola seja composta por analistas que tenham tido não uma nomeação outorgada por ela, mas uma entrada pelo dispositivo do passe.

O que é o passe?

É um dispositivo que supõe um sujeito que tenha tido tão longe em sua análise, ao ponto de desejar produzir um saber sobre o que fez nele a psicanálise. E, conseqüentemente, o que pode a psicanálise fazer pelos outros. Mas, principalmente, que a psicanálise o tenha levado tão longe que tenha chegado às últimas conseqüências de queda das identificações, da destituição subjetiva e do atravessamento da fantasia. Com a dessuposição de saber, ao chegar à redução do analista ao puro objeto que, na transferência cai enquanto dejeto, chegar ao desejo genuíno de, a partir daí, ocupar este lugar para um outro. É este o momento crucial a partir do qual se pode demonstrar a passagem de analisante a analista.

O que se trata de verificar no passe é o momento "preciso" em que o analisante passa a analista. Instante de ver que após um tempo de compreender poderá impor ao sujeito o pedido de passe no momento de concluir. Relembrando o que nos disse Graciela Bessa quando nos fez o relato de seu passe, algo tão imperioso que ao sujeito só resta consentir, algo de que não se pode recuar. Sabemos que o passe é um dispositivo a que só tem acesso quem assim o deseja, sabemos também que muitas são as formas de saída da análise. Frente a essas alternativas o que se apresenta é ainda, e uma vez mais, fazer a aposta da psicanálise e colocar-se a seu serviço.

E por que esse dispositivo é tão importante? Para que a psicanálise não seja uma letra morta escrita em um papel em branco, mas que essa letra possa mostrar toda sua operatividade e assim, continuar viva enquanto a fabulosa teoria criada por Freud. É isso o que faz com que seja possível a cada um de nós ir traçando esses alinhavos na "tessitura" da psicanálise. Podermos assim, cada um de nós, contribuirmos com o seu avanço no seio de um espaço que nos uma não por um ideal, ou por pretensas garantias. Mas um espaço que nos unas por um desejo decidido, por uma transferência de trabalho à psicanálise, ao discurso analítico: a Escola de Lacan.

Uma questão crucial a ser debatida é como podemos operar a construção de uma Escola cuja postura ética seja a garantia da doutrina da psicanálise e não a dos psicanalistas? E como sustentar isto apesar dos impasses colocados pelas questões institucionais?

TRANSMISSÃO:
A "LITURATURA" COMO ESCRITA?

Ângela Mucida

Inicio por uma questão do texto "Psicanálise: transmissão e ensino" , buscando dar a ela outros contornos. - Qual será o tratamento possível dado ao "lixo", aos restos, na "escola que queremos"? Ou seja, como sustentar uma transmissão pela letra e pela clínica dos nós? Barthes em *O prazer do texto*" faz uma distinção entre escritor (texto) de prazer e escritor (texto) de gozo. Entre um e outro não há comunicação. De um lado, a margem sensata da linguagem , lugar dos enunciados e , de outro, a margem vazia, móvel, deslocável- lugar das enunciações. Do texto de prazer é possível falar, é dizível, o texto do gozo" é in-dizível , inter-dito". (Barthes,1996: 31). Como dirá Lacan, sendo o gozo interditado ao ser falante ele só pode ser dito entre-linhas.

Fora da crítica canônica, o texto de gozo só pode ser atingido por um outro texto de gozo, pois acolhê-lo é acolher a falta ou a inconsistência do Outro, é acolher o furo no qual toda escrita se inscreve, é transitar nas lituras, nas fissuras que rasgam a língua. Litura é um neologismo criado por Lacan que não advém de *littera* (latim) – letras, mas da raiz latina de *lino*, *litura, lituratus*, tendo o significado de risco, alteração, mancha e terra. O que este ponto de *Lituraturra* nos assinala conforme o *Seminário 20,* é a própria estrutura da letra: algo que pode ser apagado, rasurado, alterado e que, nem por isto, desaparece enquanto letra.

Uma analogia com a transmissão e o relato do passe

O *escritor*: o analista confrontado com a produção de um *texto;* relato de uma experiência, "tratamento" dos restos. - Como isso se transmite de forma a produzir um furo no saber? - De que forma o estilo, enquanto objeto, pode causar o desejo no enlaçamento de outros nós na comunidade analítica? Poder-se-ia pensar aqui no estilete que faz nó. Como o que corta pode fazer nó?

Em *Lituraterra* Lacan assinala um deslizamento da letra para o lixo: resíduo, resto, a saber, a letra enquanto um significante depurado dos efeitos de sentido. É nessa via que pode ser pensado um texto de final de análise. Se o final de análise pressupõe a invenção de um significante novo, ele só é novo pelo corte que incide na cadeia significante. Ele é novo pela nova ordenação dessa cadeia, pela introdução de um outro sentido; um passo de sentido além da lógica do todo. Uma nova ordenação da cadeia, uma escrita, como assinala Duras, que *"se funda numa coisa curiosa(...) uma contradição e também um absurdo. Escrever é também não falar. É se calar . É berrar sem fazer barulho"* (Duras, 26). Um discurso, dirá Lacan no *Seminário 17, "como uma estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasioanal. O que prefiro, e até proclamei um dia, é um discurso sem palavras"*. Discurso, portanto, que não se "esbanjando no vazio da palavra" é capaz de suportar o sem sentido, o nada. Transportando uma letra vazia, uma ausência , deixa sempre um resto que causa. *"(...) o texto produz em mim o melhor se consegue fazer-se ouvir, indiretamente; se lendo-o, sou arrastado ...a ouvir outra coisa"* (Barthes, 35).

Literatura e *lituratura*

Lacan afirma, a propósito do traço unário, que *"é pelo apagamento do traço que se designa o sujeito. Ele é marcado , pois em dois tempos; eis aquilo que é rasura, litura, lituraterra (Lituraterra, & 55).* O S1 é, portanto, metaforizado como a rasura, litura, lituraterra. *"Litura pura é o litoral."* Ou, de outra forma, "entre centro e ausência, entre saber e gozo, há litoral que vira literal". Isto pode ser visualizado no discurso do analista: entre o saber (S2) e o gozo (a) está o S1: a à $ \ S2 à S1.

Rasura de nenhum traço que seja anterior, eis o que faz terra do litoral, *litura* pura é o literal. Produzir esta rasura é produzir esta metade de que subsiste o sujeito. *"(...) o que de gozo se evoca no romper de um semblante é o que,(...) no real se apresenta como sulco."* (Lacan, 26-28)

Assim, se o sujeito é dividido pela linguagem, ele pode se colocar numa referência à escritura – na sulcagem, na rasura, nesse encontro com o impossível - ou numa referência ao exercício da palavra. Isso marca uma diferença.

Ir da letra ao lixo, diz Lacan, é o que de melhor poder-se-ia esperar na análise em seu fim. Sua preocupação, como demonstram suas formalizações em torno da letra, é então extrair os aspectos da linguagem que possam dar conta dos pontos cruciais da psicanálise em seu fim, formalizando-os. A passagem do significante à letra, enquanto destacável, manuseável, transformável; a escrita na dimensão da rasura, da letra , expõe tal preocupação. A introdução de metáforas como rasura, sulcagem, litura, estilete, compõem um conjunto que, estando do lado do descontínuo, busca nortear as possíveis trilhas dessa formalização. Acomodação dos restos? É essa a definição que Lacan dá à literatura.

"Acomodar" tem vários sentidos em português: conformar, adaptar, serenar, aquietar...ou ainda, disposição , ordenação. Se a tomamos como uma certa ordenação dos restos , uma maneira de tratar o lixo, transformando aquilo que não serve para nada - o gozo - em algo que coloca o sujeito em marcha, podemos , quem sabe, transpor a frase lacaniana, dizendo: o final de análise produz uma escrita particular de acomodação dos restos, uma *lituratura.*

Sendo *lituratura* que espécie de "crítica", de passo de sentido, ou de lógica do passe teremos de sustentar?

De início talvez uma crítica que possa pescar com "a palavra o que não é palavra" (Lispector)

Referência bibliográfica

BARTHES, R. *O prazer do texto.* São Paulo: Perspectiva,1996.
DURAS, M. *Escrever* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
LACAN, J. *O seminário. Livro 20. Mais Ainda.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
————. *Lituraterra.* In: Che vuoi, Porto Alegre, 1986.
————. *O seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise* .Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
LISPECTOR, C. *Água Viva*, Rio de Janeiro,1998.

TRANSFERÊNCIA E ESCOLA

TRANSFERÊNCIA E FALOCENTRISMO*

Alexandre Simões

No intuito de fornecer uma contribuição à indagação 'Que Escola queremos?', sem desconhecer que a mesma está subsumida ao título do vindouro Fórum Nacional 'Saber lidar com a transferência', pretendo realizar alguns comentários relativos basicamente à *Proposição de 9 de outubro de 67 sobre o psicanalista da Escola*. Todavia, de início, penso ser cabível que sejam frisados os caminhos que eu opto por não percorrer:

I) não pretendo tomar o referido artigo de Lacan como um todo para, a partir daí, efetuar comentários genéricos;

II) não me deterei sobre as distinções e/ou continuidade entre as duas versões do texto. Pois, não devemos nos esquecer de que há uma primeira versão, cujo título é *Proposição de 9 de outubro de 67*, que foi publicada somente em abril de 1978, no volume 8 da *Analytica* (suplemento ao volume 13 da revista *Ornicar?*). A versão que usualmente circula entre nós não é esta, mas a segunda, publicada no número inaugural de Scilicet, em 68. É a esta que se acrescenta, em seu título, a figura do AE, daí ela se chamar Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da Escola. Creio que não seria nem um pouco irrelevante o cotejamento destes dois textos, a despeito de todas as idiossincrasias e contingências históricas que concorreram para que houvesse não apenas uma, mas duas versões. A importância de tal comparação valoriza-se sobremaneira quando se considera o aludido acréscimo no título da segunda versão. Todavia, deixo tal sugestão aqui, sem, neste momento, ao menos lhe dar um desenvolvimento;

III) da mesma maneira, irei me abster de acompanhar as possíveis relações que se instalam entre a Proposição e o seminário que a antecede (A lógica do fantasma, concluído em 21 de junho de 67) ou que a sucede (O ato psicanalítico, iniciado em 15 de novembro de 67);

IV) por fim, evitarei apreender a *Proposição* como uma espécie de carta-proposta legada a nós por Lacan. Não que eu desconsidere tal ação completamente despropositada. Todavia, se assim for feito por alguém, lembraria que ela, a Proposição, haveria de ser justamente pensada como uma carta-proposta incrivelmente *sui generis*, uma vez que o seu próprio autor nos alerta, no parágrafo 131 (esta numeração foi feita a partir da versão publicada em Scilicet), que os seus *Écrits* (de quase mil páginas) deveriam funcionar como o prefácio à Proposição. Coisa curiosa: 924 prefaciando 17!

Pois bem, o que farei, então? Para ir direto ao ponto, diria que almejarei realizar um recorte muito específico que apreende a *Proposição* como portando elementos constituidores de um campo conceitual e, enquanto tal, como podendo nos ser bastante úteis para as nossas reflexões atuais. Para ser mais preciso ainda, gostaria de, sem ser exaustivo, me concentrar sobretudo ao redor daquilo que pode ser paulatinamente depreendido quando Lacan refere-se ao 'algoritmo' da transferência, portanto, àquilo que se situa entre os parágrafos 45 e 79. Como já deve estar sendo possível de se notar, pretendo indicar, no encaminhamento de minha argumentação, os parágrafos de referência dos assuntos tratados. Isto, longe de ser uma mera e risível adequação de minha parte a uma infrutífera exigência da Academia – que, aliás, é de onde eu vim e ainda permaneço – que rapidamente poderia ser, por um leitor desprevenido, igualada às artimanhas e arapucas do Discurso Universitário, é um sincero convite para que o leitor interessado possa, por si mesmo, ir às fontes e tirar as conclusões que ele considera cabíveis. Enfim, espera-se que esta pessoa, no mínimo, se implique aí como um leitor de Lacan e pague, nesta viagem, o pedágio que lhe cabe.

Assim, como disse mais acima, irei me concentrar ao redor do famoso algoritmo da transferência que, pela primeira vez, Lacan coloca sob uma forma escrita (literalizada, portanto) em 67. Porém, anates de abordá-lo diretamente, parece-me valioso relembrar alguns pontos que certamente poderão me auxiliar a atingir o objetivo de meu itinerário. Estes pontos, quando colocados de uma forma aforística são os seguintes:

I) há um 'problema da Sociedade Psicanalítica' (§ 2). Notem que Lacan não diz que o problema está no interior da Sociedade, porém que ela própria encarna o problema;

II) porém, as coisas não estão tão mal assim, apesar da inegável complexidade das mesmas, pois há uma proposta de solução para este problema, a saber, a distinção entre *hierarquia* e *gradus* (§ 2);

III) Lacan, com a *Proposição*, não introduz nenhuma novidade quanto às estruturas existentes e/ou asseguradas na Psicanálise, ou melhor, nos laços entre os analistas, a não ser no que diz respeito ao funcionamento das mesmas (cf. §§ 1, 2);

IV) há um propósito crucial na *Proposição:* o final de análise (cf. § 80). Para Lacan, a Escola deve lançar luzes sobre o final de análise (cf. § 92). É curioso notar como é que Lacan, neste momento tão específico, recorre a este jargão de inspiração tipicamente Iluminista: lançar luzes para dissipara a espessa penumbra. E sabemos que isto, em Lacan, não é irrelevante, de forma alguma. Se foi ele quem, na psicanálise, fortemente problematizou as pretensões e os resultados dos Iluministas sem necessariamente localizar-se no Romantismo – lembremo-nos aqui do tratamento que ele oferece a Kant, a Sade e, por fim, suas desconfianças em relação ao irrestrito reinado da Razão – foi também quem redigiu na contracapa de seus Escritos que as palavras que ali constavam orbitaram ao redor de um único debate, a saber, "o debate das luzes". E se formos a textos da envergadura de uma *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* ou *A ciência e a verdade*, iremos claramente perceber que este tão falado "debate das luzes" diz respeito a algo muito especial, a saber, à interrelação e à fronteira entre saber e verdade. Em última instância, jogar luzes sobre o final de análise é buscar a operatividade do saber e da verdade neste momento. Repito: há algo da *Proposição* que se prestaria a isso.

Dito isso, retornemos ao algoritmo da transferência para que eu comente alguns de seus elementos. *Algoritmo* não é um termo matemático sem importância e nem mesmo infreqüente em Lacan. Só para citar um exemplo, ele retorna (dessa vez articulado ao fantasma) na *Subversão do sujeito...*, à página 816 da edição francesa dos *Écrits*. Algoritmo é, sumamente falando, um conjunto de procedimentos adotados no intuito de se obter a resolução de um problema ou incógnita. Portanto, é uma operação, enfim, um processo de cálculo. Quando estamos efetuando, por exemplo, uma operação de divisão, estamos manuseando um algoritmo. Se hoje estou aqui escrevendo este texto em um computador, isto se dá graças aos algoritmos. Então, é nesta circunstância que Lacan poderá mencionar a 'resolução' da transferência ao invés de sua 'liquidação' (cf. § 26), termo este correntemente utilizado pelos pós-freudianos de sua época. Enfim, um algoritmo não liquida nada, apenas resolve.

E quanto à localização do SsS como o "pivô" (§ 50) da transferência, o que poderia ser comentado? Foi nesta atual releitura da Proposição que me dei conta de algo que até então havia, ao menos para mim, passado despercebido: pivô não é pontocentral. Quero dizer com isto que Lacan, quando se refere ao pivô da transferência está transitando pelas vias que lhe foram transmitidas por Alexandre Koyré quando este delimita um dos efeitos da instauração da Ciência Moderna: o rompimento com a imagem do círculo e a preferência pela elipse ou parábola. Enfim, àquilo que Koyré imputava como condição de passagem de um mundo fechado a um universo infinito, para me ater a termos já consagrados. Daí, a transferência ser sempre marcada por uma lateralidade ou refração. Creio que este aspecto é de suma importância: o saber lidar com a transferência, a meu ver, há de levar em consideração esta lateralidade. O SsS certamente não se furta a isto, daí, eu crer que é bem mais justo tomá-lo não como o estenograma do 'sujeito suposto saber', todavia, do 'sujeito suposto ao saber'. Este simples 'ao' conduzir-nos-ia ao exame daquela lateralidade. Assim sendo, como poderíamos percebê-la no próprio algoritmo da transferência? Creio que, ao mínimo, a partir de três aspectos.

1) o Sq que mantém um distanciamento do (S1, S2,...Sn), para nos fazer lembrar que há uma disjunção lógica entre ambos (cf. § 61);

2) a roupagem do SsS que não cai bem ao analista (cf. § 58);

3) os (articulado ao saber) que é uma significação que ocupa uma relação terceira quanto à dupla 'significante-significado' (cf. § 56-57).

Para dar prosseguimento a este exame gradual de alguns aspectos que compõem o algoritmo da transferência, eu faria a seguinte interrogação: e quanto ao sujeito que está implicado na transferência, o que podemos dizer? De início, para fazer menção às palavras de Jean-Claude Milner em sua *A obra clara* (cf. p.34/35), diria que esse conceito é tudo, menos um conceito trivial de sujeito. E é no próprio texto de Lacan que encontramos elementos que nos levam a concordar com a justeza dessa afirmação. No parágrafo 52, ainda da *Proposição*, podemos ver que o sujeito que está implicado na transferência e no saber que a ela se conecta, é um sujeito 'décrotté' de tudo aquilo que diz respeito ao subjetivo. Ora, 'décrottér' leva-nos a pensar em uma operação aos moldes de um expurgo, de uma limpeza que visa tirar uma crosta, por exemplo, de lama. Ademais, este sujeito – expurgado de subjetividade – não supõe nada, ele é suposto (cf. §§ 48, 52-53). Assim, o algoritmo da transferência nos diz de uma operação na qual o sujeito é destituído dos atributos que grande parte da Filosofia Ocidental, principalmente o eixo que vai de Descartes a Kant e culmina no *Selbstbewusstsein* de Hegel, sempre lhe intimou a acatar.

E quanto ao saber? Há uma passagem em *Televisão* (p.115, ed. Castelhana) que pode nos ser de grande valor para caminharmos na elucidação desse saber que, longe do sujeito lhe dominar, é a ele suposto. É o momento em que Lacan nos propõe que esse saber, enquanto tal, não pensa, nem calcula, nem julga sem deixar – aqui reside o essencial – de produzir um efeito de trabalho. Acho razoável afirmar que aqui, nesta conexão do saber ao trabalho, vemos um Lacan leitor de Marx, *via* Althusser. O saber que aqui vai interessar é enquanto promovedor de trabalho e sabemos desde já que ao mencionar o trabalho – que nesta circunstância não deixa de funcionar como o índice de mais-valia – Lacan estará, por conseguinte, falando em alguma coisa que faz algo fluir. Para a psicanálise, isto que flui, apesar da estase, é nada mais nada menos do que o gozo.

Prosseguindo em meu comentário, buscando chegar de fato a uma formulação que possa se posicionar perante a contemporaneidade, do 'Que Escola queremos?', relembraria algo que, desta vez, se encontra em Freud. Trata-se das diversas acepções da transferência que podemos encontrar ao longo de sua obra. De saída, quando se menciona o conceito de transferência em Freud, usualmente se pensa nos *Artigos sobre a técnica* (1913-14) bem como na Conferência XXVII das *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. É neste *ethos*, neste ambiente ou morada que encontramos a transferência abordada sobretudo – mas não exclusivamente – pela vertente imaginária, em outras palavras, é aí que vemos o jogo de esconde-esconde e travestimento do *agalma*. Daí, fica parecendo que o algoritmo da transferência em Lacan é uma boa resposta que complementa ou melhor situa o que Freud chegou a localizar sob a égide da transferência. Todavia, há também em Freud, ao menos duas outras acepções do conceito de transferência que mereceriam ser relembradas para que possamos enxergar toda a operacionalidade do algoritmo de Lacan. Refiro-me, em primeiro lugar, à transferência tal como é abordada na *Interpretação dos sonhos*, mais exatamente na terceira parte do capítulo VII, onde percebemos que falar em transferência ali é lidar com a transferência do *Vortellungsrepräsentanz*, do representante da representação. Em segundo lugar, refiro-me à transferência tal como é apresentada por Freud em seus textos sobre a sexualidade infantil e a sexualidade feminina. Estou fazendo alusão *A organização genital infantil* (1923), *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), *Algumas conseqüências psíquicas...*(1925) e a Conferência XXXIII das *Novas conferências...*, cujo título é *Feminilidade* (1932). Enfatizaria, neste momento, o texto de 1931, no momento em que Freud nos indica que a

menina, diante das batatas quentes do Complexo de Édipo e da Castração passa por uma tarefa dupla: *"...à mudança em seu próprio sexo deve corresponder uma mudança no sexo de seu objeto"* (Freud, 1931: 263). E vemos, no desenvolvimento do artigo, que esta mudança é da ordem de uma transferência.

Tal acepção não deixou de chamar a atenção de Lacan. Em seu texto *A significação do falo*, ele retoma essa problematização da incidência da castração na mulher e frisa que ela aí teria uma apresentação estrutural especialmente espinhosa, devido a diversos aspectos, um destes *"porque a própria menina se considera, nem que seja por um momento, castrada, na acepção de privada de falo, e castrada pela operação de alguém, que primeiro é a sua mãe, ponto importante, e em seguida seu pai, mas de tal maneira que temos de reconhecer nisso uma transferência no sentido analítico do termo..." (Lacan, p.686).* Gostaria que, pelo momento, pudéssemos reter a nossa atenção principalmente na parte final dessa citação, a saber, a articulação, por Lacan, da transferência na dialética 'falo-privação do falo'.

Juntando-se tudo isso ao que foi até aqui comentado sobre os elementos que constituem o algoritmo da transferência, parece-me ser possível de se sustentar que o manejo e o metabolismo da transferência mantêm íntimas, ainda que não homogêneas, relações com o falo. Por 'metabolismo da transferência', estou fazendo referência àquilo que em nosso meio já se tornou notório: a dialética (no sentido grego de um movimento de posições, sem compromissos com sínteses) entre 'trabalho de transferência' e 'transferência de trabalho'. Gostaria de me deter um pouco mais sobre este ponto, ainda que seja às expensas do tema do manejo da transferência que, no entanto, não deixa de ser fundamental. Se mantivermos presente a passagem que extraí da *A significação do falo,* nota-se que o reordenamento do posicionamento do sujeito diante do falo ocasiona repercussões diretas sobre a transferência. E o que, em termos clínicos, teríamos como operacionalizador disto, a não ser o desejo? Em acréscimo, dado que estou por enfatizar o tema do metabolismo da transferência, eu frisaria que não se trataria aqui de um desejo que não é não importa qual, todavia, de um desejo inédito: o desejo do analista. Ao assim argumentar, não estou fazendo mais do que, juntamente de Lacan, considerar que *"é o desejo do analista o que, em última instância, opera na psicanálise"* (Écrits, p. 854). Sabemos que apostar sobre este ponto, clinicamente falando, proporciona conseqüências consideráveis. Ainda que, como já deixei levemente sugerido no andamento de minha argumentação, haja sempre o nefasto risco de se proporcionar à

transferência um manejo tal que, ao se contrapor às lateralidades nela atuantes, deixe abertas as vias para o encrudescimento do falocentrismo (tanto do analista quanto do analisando), isto é, para a crença de que o *agalma* consegue envolver firmemente o objeto *a*.

Enfim, quero fazer notar que diante da oscilação 'ser-ter', que é claramente o que está implicado, do início ao fim, na dialética do falo (e as incidências clínicas disso são numerosas), uma resposta há de ser dada a isto pelo desejo do analista. Em outros termos, verifica-se uma descontinuidade entre falocentrismo e desejo do analista. Este último situando-se por sua vez em um para-além das paragens fálicas. Se Lacan, ao nos propor o algoritmo da transferência, tem de primeiramente nos fazer notar a lateralidade que nele está em operação, antes de nos recolocar o tema do *agalma* e, por fim, se tudo isso tem como pano-de-fundo a perspectiva de solução do problema que é a sociedade psicanalítica, não me parece ser infrutífero pensarmos na descontinuidade que acima descrevi.

Contextualizando essa argumentação para os dias de hoje, enfim, para a coletividade dos analistas, a meu ver, há uma descontinuidade radical entre uma coletividade que se arranje sob a égide do falocentrismo e uma Escola que lance luzes sobre o final de análise. Enfim, sobre esse ponto que não é indiferente a um desejo de não-domínio. Logo, não é sem motivo relevante que Lacan localize exatamente aí a passagem do analisante a analista (que, por ser um tema muito rico, específico e melindroso, exigiria par ao seu devido desdobramento, um texto à parte). Portanto, diante do 'Que Escola queremos?', aceitaria o implícito convite de a esta indagação responder dizendo que gostaria de uma Escola que, partindo da lateralidade que está contida no algoritmo da transferência, não desconsiderasse, portanto, a própria lateralidade que há entre o desejo do analista e o falocentrismo, proporcionado, conseqüentemente, espaço onde uma outra lógica que não a lógica agalmática do ser ou ter possa dar as provas de sua existência e o testemunho de seus resultados. É possível ou assim querer é sair nos dédalos de um ideal?

*Trabalho redigido a partir de uma intervenção feita pelo autor, no Campo Lacaniano de Belo Horizonte, em uma atividade para o Fórum Nacional de outubro.

O NOVO ÓDIO EM DEBATE-SE UMA ESCOLA

Bárbara M. B. Guatimosim

"O amor, não mais como paixão, mas como dom ativo, visa sempre, para além da cativação imaginária, o ser do sujeito amado, a sua particularidade. É por isso que pode aceitar dele até muito longe as fraquezas e os rodeios, pode mesmo admitir os erros, mas há um ponto em que pára, um ponto que só se situa a partir do ser – quando o ser amado vai muito longe na traição de si mesmo e persevera na tapeação de si, o amor não segue mais" (Lacan, Seminário Os escritos técnicos de Freud, p.315).

É difícil nos tempos belicosos de hoje não se lançar em contrapartida ao exército armado de missionários do Um em conquista territorial, numa campanha de, pelo menos, alerta (já que o despertar exige mais, exige análise) a alguns analistas: "façam análise, não façam amor", e de advertência a outros: "façam análise, não façam a guerra". Para em seguida descobrirmos que uns e outros, sobre qual nasceu primeiro, se o ódio ou o amor. O que se verifica é que acabam se casando, de um jeito ou de outro, mesmo quando aparentam estar separados. Certo mesmo é que, por princípio estrutural, bem e/ou mal, tânatos pulsante, em disjunção com eros, está no nosso calcanhar desde o início. E se no amor, espera-se sempre o ódio, não tão bem forjado "amódio" de Lacan e que a ambivalência psicótica leva às últimas conseqüências, não parece tão óbvio, nem ter merecido destaque, uma braveza ou bravura digna que, em parceria, se ajuntasse ao novo amor; este, que do inatingível (impossível) e por não ser assegurado (necessário), só encontra sua via (possível) valendo-se do acaso (contingente).

Como disse Lacan, na lição 10 do seminário sobre a identificação: *"o*

sujeito de que se trata, este do qual seguimos o rastro, as pegadas, é o sujeito do desejo e não o sujeito do amor, pela simples razão que não se é sujeito do amor, a gente é ordinariamente, a gente é normalmente vítima dele, é completamente diferente (...) O amor é Afrodite que bate (frappe)".

Podemos dizer o mesmo para o ódio basculando a dobradiça amorosa. Portanto, a substituição da postura de amado em posição de amante, não faria diferença se o amante não deixasse cair em perda o objeto ao passar pelo desejo, o que permite Lacan falar dessa subversão como sendo a metáfora do desejante. Isso nos permite um aparte por obrigar a rever o que se diz sobre a condição de sujeito dividido, que o perverso impõe à sua vítima. Se o perverso provocasse no outro, com seu ato e em sua posição, a divisão subjetiva, seria pelo menos em princípio, um considerável promotor de análises. Mas não é isso o que vemos acontecer. A vítima desmembrada na montagem perversa, joga-se em um remendar-se imediato, pela solução urgente da parceria com o objeto, que o perverso busca encarnar e de onde se oferece, ficando a vítima aí aprisionada, num gozo desenfreado, repetitivo, destrutivo. O esburacamento, despedaçamento, não é corte preciso do real da castração que divide o sujeito. E apesar do ato perverso querer, muitas vezes, passar pelo analítico, é completamente diferente: Do primeiro advém o sujeito do desejo, mas a subserviência consentida; ou, mas de acordo, voluntária. O corte analítico é o novo ódio do desejo do analista em ação; é um "pára", que não deixa de convocar um "faça diferente" – sem mais nem menos – descaridoso dos sexus, plexus e nexus acostumados; não sendo sem horror, redutível ao espanto sempre surpreendente do não-todo, da divisão, em cada ato, que o analista percebe por quê para ser "bom", "santo", como diria Lacan, não pode ter dó nem piedade; e se o indivíduo se debate, mais além do prazer, o sujeito agradece...Pois é diante da caridade que o sujeito surge enfurecido, pressentindo sua morte.

"É essa vítima comovente, evadida de alhures, inocente, que rompe com o exílio que condena o homem moderno à mais assustadora galé social, que acolhemos quando ela vem a nós; é para esse ser de nada que a nossa tarefa cotidiana consiste em reabrir o caminho de seu sentido, numa fraternidade discreta em relação à qual sempre somos por demais desiguais" (A agressividade em psicanálise, p. 126).

O esquecido

"Que se diga, fica esquecido atrás do que se diz no que se ouve" (Lacan, *Létourdit).*

Novo ódio, quase não o escrevi, pois que seria apenas um eco óbvio do novo amor. Mas quando há algo que todo mundo sabe, mas que nunca se diz, é porque pode haver interesse em que não se mexa nisso, que não soe, ou mesmo que não exista. Ouve-se falar muito no novo amor. Podemos sempre desconfiar de tanto amorrr e perguntamo-nos onde estará o novo ódio, que no anúncio desta novidade, clama por também se dizer, ou na novidade não haveria ódio? Pois da mesma forma que o amor desejante pode ser novo, por que não evocarmos um ódio inovador que fosse além da agressividade disputas imaginárias? Um ódio que não fosse apenas contraponto especular de uma lógica paranóica, ou reflexo da competição fraternal, premeditada por uma gramática persecutória, edipianamente forjada, que sempre presentifica numa demanda infinitiva, um futuro filho preterido *versus* outro, desde antes, mais que perfeito, para um patriarca imperativo. Dissonante, seria um ódio que amasse o desejo, que exigisse mais do sujeito, que o fizesse indignar-se, que apostasse mais na ancoragem ética de um real que o causa; enfim que fizesse valer e vingar este sujeito que, afinal, espera-se, deva advir, e que não concordando, faça diferente, sem a tristeza da covardia moral e com mais coragem, no gaio saber. (Pode-se dizer que o termo "utopia", prestando-se a um uso abusivo, tem corrido risco de corromper-se e alastrar-se grosseiramente como o palavrão de porte autorizado que se saca de pronto, escudo bem armado de uma significação mirada no ideal, que ricocheteia imediatamente uma recusa programada e indiscutível, com a qual o covarde, para lá de justificado, se protege daquilo que toca seu desejo, mas que não ousa perseguir, sustentar e levar adiante. O chamado "utópico", está muitas vezes na decisão de um passo; mas realizá-lo requer, no descolar-se de um topos a outros, a passagem pela atopia: sem garantias).

Um ódio então que, por não consistir senão repercutindo em novos laços sociais, nem invenções irruptivas que interditando o dito encadeado, enlaçam inéditos, se faz provar no campo do outro. E temos enfim, o que se transmite afinal, afinado pelo real do objeto, no traçado do estilo que passa. O que faz com que o desejo, por força de estar em causa, para além das colorações afetivas com as quais possa a-parecer, seja força que afeta; e que, forçando, forçosamente o desejo, parece até amor.

"Esses seminários, sobre os quais alguém ao relê-los, exclamava diante de mim recentemente, sem maiores intenções, ao que me pareceu, que era preciso que eu tivesse gostado muito daqueles a quem dirigia meu discurso, eis um outro exemplo de destituição subjetiva. Pois bem, eu lhes dou testemunho disso, a gente "ser" bastante forte nesse caso, ao ponto de parecer amar, vejam só" (Lacan, Discurso a EFP, p. 36).

Um ódio então, que não seja segregacionismo grotesco ou isolamento autista, porque vindo do sujeito do desvio, vem do que no radicular, distingue-se como singularidade, mas que ao abrir mão do narcisismo de sua solidão, pode ser então, ódio com distinção, na transmissão. *"(...) é preciso mesmo assim levantar a questão de saber se a psicanálise – eu lhes peço desculpas, eu peço desculpas ao menos aos psicanalistas – se ela não é o que se pode chamar um 'autismo a dois'. Há, aliás, uma coisa que permite forçar esse autismo: é justamente porque a língua é um afazer comum e que é justamente aí onde eu estou, quero dizer, capaz de me fazer escutar por todo mundo aqui, é aí que está a garantia; é bem por isso que eu coloquei na ordem do dia Transmissão da psicanálise; é bem por isso que é a garantia de que a psicanálise não capengue irredutivelmente pelo que eu chamei há pouco de 'autismo a dois'."* (Lacan, *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*).

Mas chego com alívio à conclusão de que o desejo faz de fato (reitero, faz, não fala necessariamente) este intrincamento do novo ódio ao novo amor, em uma outra, terceira versão do par de afetos, já que podemos dizer que há, em primeiras a-versões, "amódios" psicóticos e neuróticos. Com isto posto, talvez não seja preciso inventar nenhum novo conceito para dar lugar à indignação; e que para as pulsões, um destino menos previsível e assim, menos trágico, seja deixarem-se guiar pelo desejo; podendo daí, quedarem no diverso, as variações e formas do circuito. Resta porém a ressalva de que fica de sobra para cada um a precisão de reinventar esse conceito de desejo, sua operatividade, para que este possa fazer-se valer enquanto causa que processa um dizer e não apenas o dito e repetido.

Seria ingênuo supor que uma instituição e mesmo uma Escola podem se assegurar de resguardar ou promover o discurso analítico. O discurso analítico não faz análise por si, nem funciona independente. Só dá ares de sua graça quando atravessa o corpo do sujeito presente com seu desejo, que suportando o discurso,o empunha e, em ato, o faz operar. Ou seja, para manter o fio cortante do que se pretende analítico, é preciso insistir na análise, no desejo daqueles que se engajam na função do analista, função que trabalha como lastro de uma causa, enodando as estratégias envolvidas na intensão e extensão analíticas e não apenas como verniz de uma política, de um semblante, de uma retórica ou de um amor: que, convidado a transferir, declarar-se livremente, corre o risco de dar-se a saber precisamente no ponto, onde aquele que escuta, pode conduzi-lo ao interminável do "tudo, e mais isso", condenando, num saber fazer astucioso,

o que era a potência do desejo do sujeito, a advir como gozo impotente do vitimado que se submete. Daí a importância de, nesta escola que se demanda, reescrever a pergunta 'Que Escola queremos?' com o "saber lidar" do estilete implicado de cada um , transpondo-a em questão: "Que Escola estamos fazendo?", em cada momento, em cada passo.

Foi dito muito oportunamente em nossa primeira mesa redonda, na abertura das atividades do Fórum do Campo Lacaniano em Belo Horizonte, que a ética deveria ser restituída como palavra de ordem. Restituir um significante como palavra, é dar-lhe um peso de empenho, de responsabilidade. Diferentemente de jurar ou brandi-la em nome da mãe ou do pai; dar, empenhar a palavra, ou, mais que mantê-la, suportá-la, compromete o sujeito com o seu dizer, é tomar do significante (que pode nada significar ou dizer) é dá-lo como palavra apropriada, letra que se transmite; e é claro, para quem tem vergonha, isto tem conseqüências. E, apostando que a palavra de ordem seja de boa cepa, para atear fogo em sua lenha, mas uma observação: Lacan, no seminário da Ética, comenta que, acompanhar a evolução da metapsicologia freudiana, é rastrear a elaboração de um pensamento ético; e diz: *"Esta (elaboração) se encontra no centro de nosso trabalho, quaisquer que sejam as dificuldades das quais teremos, talvez, de tomar consciência, e é ela que mantém coeso todo esse mundo que a comunidade analítica representa, dispersão – que freqüentemente dá a impressão de espalhamento – de uma intuição fundamental que é, por cada um, retomada sob um de seus aspectos. Se sempre voltamos a Freud é porque ele partiu de uma intuição inicial, central, que é de ordem ética"* (Lacan, p.51).

A TRANSFERÊNCIA DE TRABALHO E A ESCOLA

Sonia Alberti

No começo da psicanálise está a transferência (...) Me espanta o fato de que jamais ninguém me tenha objetado (...) que a transferência Se opõe, por si só, à intersubjetividade.(..) Ela até a refuta, (a intersubjetividade) é um obstáculo (à transferência)". (Lacan, Proposição).

Inicio meu texto para o Fórum de Belo Horizonte com essas palavras de Lacan para levantar duas questões: como entender a transferência na Escola e, afinal de contas, o que é essa intersubjetividade que faz obstáculo à transferência? Pois, se a Escola é de psicanálise e se no começo da psicanálise está a transferência, então também no começo da Escola está a transferência. Nunca é repetitivo lembrar do que se trata nessa transferência: *"o sujeito suposto saber é, para nós, o pivô a partir da qual se articula tudo o que diz respeito à transferência* (idem). Esse saber é textual no qual se inscreve um vazio que garante que sempre HÁ MAIS ALGO A SABER (*ce dont il s'agit, c'est de ce qu'il a a savoir*). É também o que dá o enquadramento ao desejo do analista que se distingue definitivamente daquele que não quer saber (estou absolutamente referida aqui ao texto de 67). A Escola, como endereçamento, impõe que o analista possa também aí encontrar a possibilidade de ter o que saber. Mas o que há para saber dever, necessariamente, singularizar-se no que interessa a cada um dos membros, ao mesmo tempo que lhe dê a condição de discuti-lo, debatê-lo com os outros e a partir deles. A Escola, pois, é do um por um, MAS por meio do não-todo (que é uma outra forma de dizer esse

saber textual com um vazio). O não-todo, por sua vez, implica a percepção da impossível completude imaginária que poderia levar uma instituição a se constituir como grupo. A Escola não é um grupo, não tem uma gestalt esférica, não se constitui como um todo. Fundamentalmente porque a transferência a inicia – aquela que nos faz querer saber mais alguma coisa dos textos, dos relatos clínicos de nossos casos e dos colegas, dos depoimentos dos passes e das análises, do campo das conexões. Daí também esse conceito de transferência de trabalho no Campo que Lacan nomeou de freudiano e nós renovamos, lacaniano. *"(...) Campo – no qual cada um abrirá caminho para demonstrar o que faz do saber que a experiência deposita"* (D'Ecolage).

Não há garantia disso que se possa fazer fora do Campo, pré-condição ao vazio. Donde, na Escola, para ser de Lacan, a partir da Proposição, a transferência de trabalho centraliza, tal nó borromeano, o vazio. Isso implica a doutrina a ser construída. Na *Proposição*, Lacan sugere que ela seja produto do júri do passe, mas isso é porque Lacan construiu o passe nesse lugar central onde localizo a própria transferência na Escola – Outro que faltou quando da dissolução. Sem pressa para refazer a Escola (Lacan, 15 de janeiro de 1980), encontramos-nos nesse momento em que a sua falta obriga-nos a precisar essas observações para retomarmos a direção que queremos, na Escola que queremos. Pois poderíamos correr o risco de nos perdermos a partir de sua falta, perder a direção, a função da doutrina e da própria transferência de trabalho como lugar da centralização. É onde gostaria de retomar a questão da intersubjetividade que Lacan, em 67, diz fazer obstáculo à transferência. Na intersubjetividade não é a singularidade de cada membro que conta, pois a intersubjetividade é na verdade imaginária, fazendo obstáculo à percepção acima referida, a da impossível completude. A intersubjetividade engana por querer fazer acreditar que um sujeito supõe um outro sujeito e que, portanto, várias línguas podem ser intercambiadas numa mesma *pólis*. Já no texto dos antecedentes *Agressividade em psicanálise,* Lacan procurava fazer ver o que produz essa identificação imaginária que, em *Psicologia das massas* Freud soube referir à obnubilação do Todo. Uma Escola tal como Lacan a propõe, não comporta o ecletismo, nem tampouco o engano da intersubjetividade. Isso pode parecer paradoxal à medida que a intersubjetividade faz crer numa maior democracia em que um sujeito tem, *a priori*, tanto valor como outro sujeito. Um analista kleiniano e um analista lacaniano têm, certamente, uma relação à causa freudiana, eles podem certamente aprender um com o outro sobre o que disse J. Lacan e o que disse M. Klein, respectivamente. Os encontros, jornadas, espaços

universitários, congressos, poderiam ser – e às vezes já o são – espaços para esse relacionamento. Mas a Escola de Lacan, que justamente, não é de conhecimento, muito menos lugar de aprendizagem, é, como dito, lugar de endereçamento de um trabalho em psicanálise que se faz a partir da transferência. Na intersubjetividade, ao crer num outro sujeito, a relação necessariamente se sustenta numa demanda de reconhecimento: nesse caso, a associação com outros analistas milita por esse reconhecimento o que pode se distanciar tanto da verdade de cada um a ponto de o sujeito já nem mesmo se importar com o compromisso que tinha com ela. Também a transferência inscreve-se nos três registros: real, simbólico e imaginário. Reduzi-la a sua vertente imaginária, a da intersubjetividade, é não observar que, conforme o velho esquema L, todo imaginário se sustenta no simbólico – e portanto, no real, já que quando se afirma o simbólico, afirma-se o que lhe ex-siste. A própria intersubjetividade imprescinde do simbólico como, aliás, se verifica nessa demanda de reconhecimento. Mas, Freud já o estabelecera em 1912, o simbólico que sustenta o reconhecimento está ligado ao significante – traço do pai que confirma uma pertinência: *Bejahung*, afirmação do sujeito no traço que o singulariza a partir de sua referência a este significante. A intersubjetividade engana por fazer crer que se pode reconhecer um sujeito sem sustentar esse reconhecimento na referência significante, mas sim na identificação projetiva. A Escola, não. A marca do Campo Lacaniano é o traço significante que poderá, *a priori,* funcionar como unificador para além de todo imaginário permitindo que, a partir dele, haja espaço para o desdobramento de tantas singularidades quantas diferenças numa transferência de trabalho em que cada um possa vir a saber sempre mais alguma coisa. É claro que o analista kleiniano (acima suposto) não poderá, a partir desse significante, fazer uma transferência. Isso não o desmerece, ao contrário! Se o significante é imposto é porque quanto ao significante da marca, não há escolha, mesmo se o sujeito pode escolher – vejam-se as indicações freudianas sobre a escolha da doença - furtar-se a essa inscrição. Por outro lado, jamais um significante funciona como esse traço, essa marca, para todos, quando o significante, por sua própria existência, é ato que inaugura uma diferença (a noção da diferença, por si só, já é debitária da função significante). Não se pode pois apostar na multidão. Ao contrário, a Escola que quero é uma Escola que permita a cada um desenvolver o seu trabalho a partir da particular relação que cada um possa ter com a causa freudiana. E, em se tratando da relação com a causa analítica não há lugar para a multidão.

Então, o que se escolhe é a maneira de fazer uso desse significante e, em se tratando de uma Escola, o que se escolhe é a maneira de fazer

uso desse significante e, em se tratando de uma Escola, o que se escolhe é a maneira de como se utilizar de sua marca para nela deixar inscrita a contribuição de cada sujeito. Essa só pode ocorrer a partir da transferência de trabalho, aquela que supõe à Escola, o não-todo.

UMA COMUNIDADE DE TRABALHO EM DIREÇÃO À ESCOLA DE LACAN

Eliane Schermann

Desde os anos de 1908/1910, Freud já apresentava uma preocupação constante: como garantir a permanência da psicanálise. Ele desejava que este novo modo de saber se estendesse para além de sua pessoa e se estendesse depois de sua morte. Em muitos momentos, ele verificava a necessidade da análise pessoal de seus adeptos até mesmo para que estes pudessem, pela própria experiência, dar provas da teoria tão arduamente construída. Talvez ele apostasse que, a partir da psicanálise como experiência, seus congêneres não tivessem se afastado de seus princípios básicos. Não lhe era suficiente aproximar a psicanálise à ciência para torná-la irrefutável. Muito embora tenha se debatido sobre esse aspecto constantemente, ele insistia sobre um ponto: a psicanálise é experiência e como tal deve ser levada a ser demonstrada em seu valor científico.

Lacan persiste sobre a necessidade de conduzir a psicanálise ao ponto de distingui-la do charlatanismo e das psicoterapias que a desviam de seus conceitos e princípios sobre o saber inconsciente. Para tanto, Lacan sempre se propôs ao retorno a Freud, na tentativa de se construir um saber sobre o que é um psicanalista. Percorrendo seus seminários, observamos que além de sua reconstrução teórica, o resgate do simbólico, o retorno aos princípios freudianos colocados entre 1922 e 1924, Lacan tinha sempre uma preocupação e uma indagação: o que faz um psicanalista? Qual seria sua formação suficiente e necessária? Ele mesmo responde. O analista tem como dever ético transformar algo que aponta para um impossível de dizer

em bem-dizer. Ele se refere àquilo que se desloca do não pára de não se escrever, definido como a insistência da cadeia em forçar a escrever a impossibilidade da relação sexual, até alcançar a negação na contingência do não pára de se escrever. Nada pode dizê-la, não há dentro do dizer, existência da relação sexual. Mas, ela insiste na necessidade de um dizer sobre o ponto de suspensão a que se agarra todo amor (Sem. XX, p. 199). No final de seu ensino, o amor visa funcionar como suplência à relação sexual inexistente, diferentemente do amor como uma das paixões do ser, amor de reciprocidade; do qual nem mesmo a pessoa do analista está isento, mas desta modalidade de amor deve estar advertido.

A relação entre os seres, entre os sujeitos, não é uma relação de harmonia. Ela vacila, rateia, no entanto recorremos ao amor que alcança abordá-la na contingência do encontro. Amamos aquele ao qual supomos um saber. Diferentemente do saber científico, que quer o universal e foraclui o sujeito em relação ao sexual presente no desejo, a experiência analítica é do um por um. O saber no lugar da verdade, efeito do discurso do analista também se sustenta no amor ao pai. Embora a psicanálise afirme o amor ao pai, coloca-lhe uma restrição: o pai que se ama é o pai morto, ou seja, o significante. Este que no discurso do analista ocupa o lugar de produto do discurso. Sobre o amor, Lacan o especifica, em seu seminário Mais Ainda, paradoxalmente como feminino, utilizando-se do termo "a verdadeira". Lembremos que se no sem. XX, ele afirma "a verdadeira amor" desembocar no ódio, ou seja, na dessuposição de saber, este caminha para além das paixões do ser, - amor, ódio, e ignorância. O analista é aquele que paga com sua pessoa, apagando-a das paixões do ser às quais também ele está sujeito. Supomos uma equivalência a 'uma verdadeira amor' a referência a um amor infinito, sem limites, por Lacan antes já abordado, no seminário 11: "o desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limites, porque fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver".

Em sua essência, a mulher é não toda, signo da exclusão do universal. Fora da lógica fálica, o feminino é inexistência. No lugar do feminino, lugar destituído do universo das palavras, fazemos equivaler aquilo que nos orienta: o desejo do analista. O saber a ele referido está no lugar de causa, o que é muito diferente do desejo de querer saber. Lá um saber de gozo, um saber no real funciona no lugar de causa. A psicanálise propõe-se a extrair do horror de saber aquilo que se contrapõe ao discurso do inconsciente para fazê-lo funcionar no lugar de causa de desejo.

Mais ainda, a apreensão do saber inconsciente não depende das paixões

do ser. Estas apenas guardam em seu cerne um sentido que é sempre sexual. Elas são signo de um nada querer saber disso, efeito do recalque, lugar que indica haver algo referido à economia de gozo. Sobre esta economia, nem as mulheres podem dizer muito, mas experimentam um gozo suplementar, assim como os místicos. Essa experiência silenciosa, mas ativamente funcionando desde um lugar de mais-de-gozar, insiste em um dizer.

O analista é uma experiência. Seu ato dá provas dessa experiência. Enquanto fato psíquico, o ato do analista apenas pode perseverar ao ser enunciado. Nessa direção, Lacan coloca o passe como prova da passagem de analisante à analista. O analista enquanto tal não tem existência corpórea, mas é aquele que faz agir um saber no lugar da verdade. Neste sentido podemos fazê-lo eqüivaler à mulher barrada. Se a mulher barrada não existe, mas apenas é uma experiência de um gozo a "amais", um gozo suplementar ao fálico, poderíamos aproximar o desejo do analista à A mulher barrada. "Há sempre alguma coisa na mulher que escapa ao discurso"(Sem.XX). Em ambos, o analista e a /A/ mulher se presentifica apenas uma experiência de um gozo animado, embora indizível, mas insistente em se fazer dizer.

Nessa direção, Lacan nos ensina pelos discursos fazer do gozo, laço social. No discurso do analista, o saber vem no lugar da verdade. Verdade esta do particular, cujo saber no real, - expressão enigmática lacaniana, mas amplamente explorada -, fala desde o lugar do Isso, o âmago do pulsional. Ele escreve: *Moi, la verité, je parle* - moi, em mim, se assim podemos traduzir, a verdade se faz enunciação de um saber indizível, no real, mas que insiste em se fazer dizer. Poderíamos traduzir o desejo do analista em um desejo de fazer da psicanálise uma experiência viva em razão da transmissão de uma ética do desejo, no qual o saber já estava lá. Nesse aspecto também podemos aproximar a psicanálise à ciência já que tanto o saber do psicanalista como o saber da ciência são transmissíveis.

Isso tudo é muito paradoxal se pensamos em como considerar e avaliar a constituição de uma comunidade de analistas. O princípio de dissolução proposto por Lacan aponta nessa direção ao nos colocarmos frente a esta questão: como o particular de um enigma subsumido por "um saber no real" pode passar por uma fenda e ser conhecido em uma cifra do simbólico e surtir efeitos em uma análise? Esta é a proposta do depoimento do passe: fazer de um relato calcado no real uma tradução simbólica. Ao dizer, apoiado em Hegel, que "o conceito é o tempo do objeto", Lacan acentua o que antes havia dito, no seminário sobre a Ética: a criação *ex-nihilo* somente se produz no simbólico. Ela tende à emergência duradoura de um novo símbolo emergindo sobre o fundo de vazio da Coisa. Aqui cabe a pergunta: um analista se cria ou se faz? Poderíamos fazer eqüivaler essa criação ao fazer-se analista?

Agora podemos colocar a questão: para que uma Escola? A Escola visa à garantia. Enquanto o AME eqüivaleria ao sintoma da Escola, como nos diz Lacan em um dos seus textos, o AE, eqüivale ao S(A barrado), significante da falta no Outro, que ele também faz eqüivaler à 'mulher não existe". Nesse sentido, jamais a Escola poderia ocupar o lugar do Outro da garantia. Mas sim o lugar de endereçamento daquilo que nela se deposita como saber, seja dos produtos dos cartéis, seja da clínica do passe, ou seja, do particular a ser endereçado à comunidade de analistas. A própria nomeação de um analista de escola faz furo no conjunto de um saber-todo ao expor sua particularidade clínica. A Escola somente existirá à medida que esse furo, uma inexistência-signo do feminino, marca do ex-sexo que não faz conjunto, pode dizer da verdade do inconsciente em seu semi-dizer e trazer avanços para a teoria. Então, a comunidade analítica de Escola seria o efeito da falta de garantia produzida pelo saber inconsciente. Será que poderíamos colocar dessa forma: o que se espera de uma Escola seria o endereçamento da clínica do um a um, sustentando-se no princípio de dissolução cujo lugar vazio promove a produção do saber, de um saber sempre renovado?

CONSTRUÇÃO DA ESCOLA

PERSPECTIVAS D'ESCOLA: D'ESCOLAGEM, DECOLAGEM

Antonio Quinet

Envio para os colegas da IF minhas perspectivas de Escola a partir do debate lançado na rede. Retomo aqui algumas das idéias que já estão circulando sem referência a quem-disse-o-que-onde para entrar no debate expondo um plano geral dessas perspectivas vistas do Brasil.

1 - De volta ao futuro

A efetuação da Escola de Lacan no Brasil é bem recente: ela data dos anos noventa, década que viu surgir os dispositivos de Escola nas Escolas já existentes (Escola da Letra Freudiana e Escola Lacaniana) assim como a criação da EBP da AMP em 1995. Dentre aqueles que participaram da criação da EBP e que hoje estão nos Fóruns do Campo Lacaniano, muitos fizeram parte de Iniciativa Escola. Parece que foi ontem: o entusiasmo pela perspectiva de fazer existir uma Escola de Lacan no Brasil principalmente com o dispositivo do passe, o esforço de constituir uma comunidade de Escola de âmbito nacional com intenso intercâmbio internacional, o trabalho de fazer existir produção e literatura analítica lacaniana no Brasil de boa qualidade, e principalmente a responsabilidade de constituir uma Escola responsável pela existência do discurso do analista e pela formação de analistas – eis alguns pontos que compunham o projeto comum que fazia muitos não medirem esforços na construção da Escola. O que nos motivava, senão o desejo, e mais precisamente o desejo de fazer Escola, que pode ser abreviado por "desejo de Escola"? Não pretendo discutir a validade desse termo, mas apenas acentuar que não era apenas o desejo de Um (que se

colocava como Outro) que estava em jogo. Mas o desejo de muitos, desejo de fazer Escola tal como propõe Lacan.

A criação da EBP pelo Delegado Geral, a implantação do dispositivo do passe de entrada e sua manipulação política (que foi se acentuando com a influência cada vez maior do papel do êxtimo da AMP), a crise desencadeada pela geminação Rio-Toulouse, o ataque ao trabalho efetuado no Brasil, o empuxo-à-guerra de brasileiros contra brasileiros, e também a repercussão no Brasil da crise dos cartéis do passe da ECF enfim tudo isso acabou por resultar aqui no Brasil na cisão da EBP, três anos após sua criação. Se relembro isso é para acentuar que, na recente história da Escola de Lacan no Brasil, a implosão da EBP, com suas terríveis conversações, foi um golpe no entusiasmo em relação à Escola e teve como conseqüência um descrédito senão uma desconfiança na possibilidade de se retomar o projeto de Escola para aqueles que querem prosseguir com Lacan.

Hoje, apesar de machucados, até mesmo traumatizados e com mais desilusões na algibeira, vemo-nos partindo de novo para o projeto do passado em que o futuro de uma Escola digna desse nome se acenava como desejável, possível e também necessário. Por que? Respondo de roldão: porque o projeto de Escola no Brasil foi abortado não pela execução de seus objetivos e funcionamento concebidos por Lacan, mas pela introdução por Miller de modificações no projeto de Lacan que não condiziam com este. O que Miller introduziu (o passe na entrada, o êxtimo, o submeter-se estutário da EBP à AMP, o gradus subsumido à hierarquia, entre outros) não condizem com o projeto de Escola de Lacan. Tudo o que havíamos discutido tão honestamente (ou ingenuamente) na Iniciativa Escola foi rapidamente por água abaixo, pois tudo (ou quase tudo) era alvo de negociação na EBP e nada podia se passar sem seu consentimento.

Onde estamos hoje? No plano institucional, constituímos Fóruns de discussão, criamos no Brasil a AFCL que em seus estatutos se define como um "campo que prepara a Escola" e na qual se efetuam os Seminários de Escola no Brasil; criamos a IF onde os Fóruns do Campo Lacaniano estão representados por delegados brasileiros legitimados por eleição e que reflete uma outra modalidade de organização internacional e de relação entre colegas de diferentes países de forma bem distinta da AMP. E agora? Trata-se a meu ver de retomar o projeto de Lacan de Escola sem os acréscimos e erros cometidos na EBP e na AMP. Pelo menos sem *esses* erros... e tratar os próximos novos erros de forma distinta, baseados nos princípios de iniciativa e solidariedade (cf. a Carta de princípios da IF).

De volta ao futuro: retomar o projeto de Lacan, ou seja, fazer a experiência de aplicar os fundamentos que se encontram nos textos de 1964

e o de 1967 como norteadores de nossa futura Escola. Isso significa a Escola com sua homenagem e seu gradus, ou seja, com seus AE e AME a serem nomeados segundo as indicações presentes nesses textos e alguns outros.

Uma vez constituído o Campo Lacaniano, com os FCL e as FCCL falta-nos agora a ECL, a Escola do Campo Lacaniano, que concordo ser o nome decorrente de nossa opção.

O Campo Lacaniano constituiu-se como internacional desde o início (cf. Fórum do Rio em 1998, RV de Paris em 1999), formalizou seu internacionalismo com a IF e deve ter uma Escola também internacional e múltipla, marcas de sua origem. Uma escola poliglota, policêntrica e polifônica.

2 - A Escola como um lugar

Tenho como perspectiva uma Escola como: lugar de formação e refúgio contra o mal-estar na civilização.

2.1- Formação na Escola e as FCCL

Enquanto lugar de formação, a Escola não deve competir com Formações Clínicas que é o lugar do ensino e da pesquisa que não exclui o discurso universitário. Na EBP as funções da Escola e do ensino foram confundidas desde o início, daí os Institutos que foram introduzidos para fazerem uma demarcação posterior. No Campo Lacaniano já partimos com a distinção entre os Fóruns que preparam a Escola e têm seus cartéis e seminários coletivos e as Formações Clínicas (FCCL) com seus seminários individuais, cursos, oficinas, redes de pesquisa, apresentação de pacientes, entre outros. Concordo que as atividades das FCCL referem-se à seção da Escola, descrita na Ata de fundação da EFP, relativa à "psicanálise aplicada". Mas a forma de se trabalhar não deve ser a mesma. Na Escola, esses mesmos temas devem ser trabalhados em cartéis, jornadas, mesas redondas e outras fórmulas a inventar que favoreçam a transmissão do discurso do analista. O que se produz e se elabora em FCCL não só deve repercutir na Escola, como é a Escola quem deve nortear suas atividades tendo em vista que é nela que se elabora a doutrina da psicanálise em intensão, a "psicanálise pura". Isto é, o aspecto de formação teórica e clínica.

Quanto ao aspecto da formação do analista a ser compreendida com sua própria análise (formação analítica=formação do inconsciente) também entra a Escola na medida em que pelo dispositivo do passe ela pode garantir a relação do tratamento analítico com o advento do analista.

A Escola como lugar de formação tem como corolário a garantia sancionada pelas designações de AME e AE. Não há garantia sem formação, e não há Escola sem ambas.

2.2 - Como lugar de refúgio contra o mal-estar na civilização, a Escola é o lugar de elaboração do discurso do analista em relação ou mesmo em contraposição aos outros discursos. É a interface da Escola que se conecta com os Fóruns, na medida em que nestes se elaborariam os outros discursos e outros campos do saber que não o freudiano.

Considero que se deva manter os Fóruns e as associações nacionais dos Fóruns, assim como as Formações Clínicas, quando vier a Escola, a qual deve vetorializar o conjunto. Articulações da Escola: a Escola pode se articular com FCCL por meio de sua seção de psicanálise aplicada e aos Fóruns por meio de sua seção recenseamento do campo freudiano e conexões.

3 - Os dispositivos

3.1 - Os cartéis devem constituir a base da Escola e dos Fóruns. Eles pertencem a ambos conjuntos. Não deve existir a meu ver dois tipos de cartéis, uns dos FCL e outros da Escola. Neles pode haver membros e não membros da Escola e também não membros de Fórum. Mas o cartel é inscrito e endereçado à Escola. Quanto à constituição do cartel proponho seguirmos as indicações de Lacan da fórmula afinada do cartel quando da Causa Freudiana.

Os cartéis podem constituir uma porta de entrada para a Escola, não o cartel como grupo mas, a partir do trabalho em cartel, o cartelisante pode apresentar um projeto de trabalho para entrar na Escola.

O cartel a meu ver deve também funcionar para o dispositivo do passe, isto é, o júri deve se constituir em cartel, ou seja, com quatro membros mais-um.

3.2 - O passe e o AE

O passe deve ser apenas utilizado para verificar a passagem a analista no interior de uma análise devendo portanto ser excluído o passe como dispositivo para se entrar na Escola. Não devemos recuar diante da nomeação AE como articulado na Proposição, acrescido da possibilidade de o passante, no caso de uma resposta negativa, encontrar-se com o cartel-júri para conhecer as razões de sua não nomeação. O dispositivo deve compreender, de acordo com minha experiência no cartel do passe na EBP, dois passadores, pois aquilo que não passa com um pode passar com outro, fazendo com que seus relatos sejam suplementares e mesmo complementares em alguns aspectos.

Considero que o passe deve ser um dispositivo internacional. Como? Cada zona lingüística da IF deve ter seu secretariado para receber as demandas de passe e encaminha os passantes para os passadores.

Imaginemos uma fórmula de funcionamento. Os cartéis poderiam ser bilíngües. De imediato já poderíamos constituir: um cartel franco-português, um cartel franco-espanhol, um cartel hispano-português. Em cada cartel haveria dois membros de uma língua que entendessem ou falassem a outra língua e dois membros da outra língua com as mesmas características. Eles seriam escolhidos pelas zonas linguísticas a partir de critérios a serem estabelecidos. Esses quatro escolheriam um mais-um que entendesse as duas línguas preferencialmente. Esse cartel, no que concerne a Europa e a América do Sul, se reuniria duas vezes por ano para escutar os passadores, uma vez de um lado e outra vez do outro lado do Atlântico. Haveria passadores de todas as línguas que nos diversos países escutariam passantes. O ideal seria haver passadores bilíngües, mas talvez isso não seja necessário para todos os passadores. Deixemos essa questão mais para adiante.

Os AE nomeados pelos cartéis do passe devem ter um reconhecimento enquanto tal pela comunidade dos membros da Escola e da IF, sem que lhes seja conferido o lugar de atores de espetáculo como na AMP, nem a obrigação que façam parte da hierarquia da Escola. Será que se deve exigir um ensino especial do AE? Não estou certo, ele pode trazer à luz o que extraiu de sua experiência do passe nas atividades diversas da Escola. Sua função principal é fazer parte do dispositivo do passe e testemunhar os problemas cruciais. Se o AE não tem função de ensino, seu título deve ser transitório? Se ele não for sacralizado pela instituição, não vejo problema que ele mantenha o título como a marca de seu passe. No entanto, se decidimos escolher a indicação de Lacan no seminário da Dissolução (1980), o título de AE deve permanecer por três anos. O importante é não sacralizar o título e sua função. O importante, para chegarmos à definição de seu lugar, é a discussão sobre o que a Escola espera de seus AE. O que fazer para que o passe não se torne uma injunção mas uma oferta da Escola? A que possibilita a demanda de passar pelo dispositivo? Não fazer do título de AE um emblema hierárquico parece-me o primeiro passo. Não utilizar o passe para se entrar na Escola é outro passo.

3.3 - A garantia de AME

O título de AME deve ser mantido e garantido pela Escola a nível internacional para aquele que "a Escola reconhece como psicanalista tendo dado suas provas" (Proposição). Como fazê-lo numa comunidade internacional? A nomeação poderia ser efetuada por uma comissão de garantia internacional com representantes de cada zona lingüística que trariam os nomes a serem reconhecidos e nomeados AME. As atividades internacionais, encontros, colóquios, jornadas seriam as ocasiões para

conhecermos os trabalhos de colegas de outros países, o que implica a abertura ao estrangeiro no que ele tem a dizer, sem julgar de antemão o que ainda nem foi dito. Da mesma forma, as publicações (a revista da IF e as publicações locais) devem propiciar o intercâmbio internacional. Além disso, proponho um investimento por todos os membros com o auxílio, pelo Brasil, de Rosângela Gorgosinho da IF, na Biblioteca da rede que atualmente está sendo constituída por François Morel. A Biblioteca da IF conteria todos os trabalhos de seus membros que a qualquer momento podem ser consultados. Isso facilitará o conhecimento do conjunto da produção individual de cada um – o que é uma forma de dar provas.

Outra forma de dar provas é a de ter formado analistas. Como sabê-lo? Por exemplo, pelo dispositivo do passe, o analista do AE se tornaria automaticamente AME. E pelo que é dado a conhecer na comunidade de trabalho local, que seria transmitido à comissão de garantia internacional pelo membro eleito na zona lingüística.

4 - Os membros.

Devemos ter apenas uma categoria de membro (e não membro associado ou aderente ou estrangeiro ou etc.). O membro pode se declarar ou não analista e ter o títulos de AME ou de AE. A Escola, a meu ver, pode ter não analistas, mas não não-analisantes ou pessoas que nunca foram analisadas.

Quem se torna membro da Escola? Aquele que dá provas de um percurso de trabalho no âmbito das atividades do Campo Lacaniano e de sua Escola e, após a constituição da Escola, aquele que, ainda não tendo um longo percurso, apresenta um projeto de trabalho que efetuará em cartel comprometendo-se a trazer a céu aberto suas elaborações quando da dissolução do cartel. Em suma, entra-se na Escola pelo trabalho: efetuado ou a efetuar.

Dentro de minha perspectiva de Escola todos os membros seriam membros de uma só Escola, a ECL. No Brasil, os membros da Escola do Campo Lacaniano seriam também membros da AFCL. Em outros tempos, dentre os membros da AFCL alguns serão também membros da ECL. Teríamos uma só lista de membros em âmbito internacional, uma só lista de AE e uma só lista de AME.

5 - A Escola e os países

Escola múltipla ou Escolas múltiplas? Eu opto por uma Escola múltipla. Será que ela seria possível e viável? Façamos o exercício de

imaginá-la. Ela poderia ter um só estatuto mínimo. Ela poderia ser uma Escola de fato sem necessariamente ser uma instituição pois já temos associações nacionais registradas com membros em muitos países onde a IF está presente. E sua Escola internacional poderia ter uma carta de princípios que funcionará como estatuto de fato que regeria seu funcionamento. Teríamos assim a ECL em cada país da IF, a qual teria como função organizar os cartéis, o secretariado do passe e as atividades epistêmicas articuladas a nível local com os FCL e as FCCL e a nível nacional com a AFCL, no caso do Brasil.

6 - AFCL e ECL

O engajamento no Campo Lacaniano poderá ser efetuado gradativamente: como membro local de um FCL, como membro nacional da AFCL e como membro internacional da ECL. Se os Fóruns têm como vocação a articulação dos outros discursos com o discurso do analista, não vejo problema que constituam um conjunto que circunde a Escola, a qual se encontraria em seu âmago, que seria portanto ao mesmo tempo interna e externa à AFCL. Assim a ECL corresponderia ao furo do interior do toro (circundada pela borda do desejo, cf. Lacan no sem. IX).

7 – Proposta de decolagem:

Primeiro tempo: constituição do conjunto de membros da ECL. Isto poderia ser feito em cada país a partir, por exemplo, dos delegados mais o representante que constituiriam assim de fato uma comissão de acolhimento das demandas de se entrar na Escola a partir de critérios internacionais comuns.

Segundo tempo: uma vez constituído o conjunto de membros da Escola, seria efetuado o processo de constituição de um colegiado internacional de garantia, que ficaria proposto sobre os dispositivos de disjunção de AME e lançamento do cronograma de constituição da ECL na Assembléia da IF em 2001.

Rio de Janeiro, 4 de junho de 2000

A ESCOLA NÃO-TODA – OU A GARANTIA GRATUITA

Ana Laura Prates

Eis alguns pontos para discutirmos a questão da garantia, já presente desde o início do movimento psicanalítico.

1. A proposição de Ferenczi.

Em 1910, Ferenczi apresenta um trabalho no II Congresso de Psicanálise de Nuremberg, em que defende a criação de uma associação de psicanalistas – que será fundada no mesmo ano. Nesse trabalho, Ferenczi mostra-se francamente favorável à organização dos analistas, em oposição ao isolacionismo que provocaria tendências individuais, em detrimento das "teses centrais" da psicanálise.

Ferenczi questiona, nessa discussão, quais princípios poderiam servir de base a uma união sólida e duradoura entre psicanalistas. Vale a pena nos atermos à enumeração feita por Ferenczi daquilo que nomeia "patologia das instituições" e que, segundo ele, poderia ser equiparada a uma organização familiar. A comicidade dessa "lista" não esconde seu valor de verdade:

Megalomania pueril
Vaidade
Repetição de fórmulas ocas
Obediência cega ao mestre
Interesses pessoais

Voltemos, então, à questão dos princípios, que teriam a função de

possibilitar a existência da organização e ao mesmo tempo lidar com as patologias descritas que, desde o início, parecem ser inevitáveis. A proposição de Ferenczi é que a associação deve oferecer uma GARANTIA de que seus membros apliquem o método analítico inventado por Freud. O significante garantia, aliás, parece central para o encaminhamento da discussão sobre a relação do analista com a associação, posto que se desdobra em inúmeras questões:

O que uma associação de analistas garante?
A garantia é para quem?
Quem ou o que garante na associação?
Como se dá essa garantia?

Se partirmos do pressuposto de que, aquilo que se supõe garantir numa associação de psicanalistas, é que exista o analista, passamos imediatamente ao segundo grupo de questões:

O que é um analista?
Como se forma um analista?
Quais os critérios para se verificar onde há um analista?

2. **A posição de Freud**

Freud, em 1914, num texto chamado *A história do movimento psicanalítico*, discute a questão da autonomia do analista, enfatizando os riscos de desvio doutrinário que ela implica. Freud aponta para algo que eu chamei de PARADOXO DO MESTRE, que consiste na tensão existente entre a desejável "independência teórica" do analista, favorecida pela própria análise; e o imprescindível "rigor científico" para a sustentação da doutrina psicanalítica.

Assim, para Freud, a necessidade da associação vincula-se intimamente com a implicação dos analistas à doutrina e à causa analítica. Se a questão doutrinária parece ocupar um lugar fundamental para Freud no que diz respeito à necessidade da associação entre os analistas, ele não deixa de articulá-la aos problemas envolvidos na formação do analista enquanto tal, ou seja, à clínica. O texto *A questão da análise leiga*, de 1926, é talvez, a tentativa mais ousada de Freud de responder à questão "o que é um analista?", a partir do diálogo com um "interlocutor imaginário". Nesse texto extremamente bem-humorado, ele diz o tempo todo que aquilo que realmente forma o analista é sua própria análise; e é esse o principal argumento de Freud, quanto à possibilidade de não-médicos poderem se formar analistas.

Para Freud, então, os chamados institutos seriam os lugares

apropriados para um leigo transformar-se em psicanalista, pois teriam condições de exigir que os candidatos fossem submetidos à análise, além de encarregarem-se da transmissão teórica e de oferecerem supervisão de analistas experientes àqueles que começam a exercer atividades clínicas. Dessa forma, poderíamos novamente perguntar que tipo de GARANTIA os institutos oferecem, e a quem. No texto de Freud, quem pede garantias, curiosamente, é o "interlocutor imaginário" O que GARANTE que o método analítico funcione? – ele pergunta. E ainda: como saber não se tratar de charlatanismo, no caso de um não médico dirigir o tratamento? Como confiar nas conclusões analíticas sobre a vida sexual das crianças? As respostas de Freud a essas supostas desconfianças, apontam sempre para uma direção: a própria análise. Essa vinculação entre a doutrina e a clínica – que Lacan retoma na proposta do passe – é explicitada por Freud num apêndice de 1927: *"Na psicanálise sempre reinou, desde o princípio, uma união indissolúvel entre curar e investigar; o conhecimento trouxe consigo o êxito terapêutico; foi impossível tratar um paciente sem aprender ao mesmo tempo algo novo; não se pôde adquirir nenhuma nova informação sem experimentar, simultaneamente, seus resultados benéficos. Nosso procedimento analítico é o único no qual permanece assegurada esta preciosa conjunção"*(Freud, 1957).

Parece que Freud gostaria de ter nas associações psicanalíticas uma GARANTIA de que a doutrina e a prática analítica não fossem desviadas, mesmo depois de sua morte.Ele sabia que representava uma espécie de Pai da Horda, que todos desejavam jantar num banquete totêmico, mas que, por isso mesmo, sustentava a série de psicanalistas pelo nome. Freud ocupava o lugar da exceção, do médico que subverteu o discurso do mestre, criando o seu avesso, o discurso analítico, e viu-se preso (ou a presa?) no paradoxo entre o discurso do mestre, que sustentava como fundador da psicanálise, e o discurso analítico que acabara de inventar com seu ato.

Mas se um analista é o produto de uma análise, a concepção de final de análise é correlata da questão sobre o que é um analista. Isso fica claro, em 1937, quando Freud propõe limite à análise na rocha da castração...Na análise e na associação psicanalítica freudiana, não era possível transpor o pai pois a garantia estava encarnada em seu nome.

3. A proposição de Lacan

Em 1972, no Seminário *O Saber do Psicanalista,* aula do dia 03 de março, Lacan vai dizer algo bastante curioso sobre a garantia, a partir da lógica do não-todo na qual continuava trabalhando durante aquele ano: o universal masculino pode retomar seu equilíbrio na GARANTIA de não

existir mulher a ser castrada. E as razões para tal lhe parecem evidentes. Porém, de fato isso não tem maior alcance, pela razão de ser uma GARANTIA GRATUITA. Se a suposição baseia-se de algum modo na GARANTIA de tratar-se de um impossível – cúmulo do real – isso não abala tampouco a fragilidade da conjuntura, pois que, em todo caso a mulher não tem maior GARANTIA de sua essência universal.

A garantia gratuita do *cúmulo do real* refere-se justamente ao saber do psicanalista, um saber no lugar de verdade, a irmã do gozo. Um analista deveria saber que não há fiador para o gozo. Então porque, em sua *Proposição de 09 de outubro de 1967,* Lacan coloca a questão da GARANTIA como um ponto central? De que GARANTIA ele está falando?

No mesmo ano da Proposição, Lacan oferecia o seminário *O ato analítico* no qual ele começa a trabalhar o que ele chama de "outra lógica" – que depois será aplicada à sexuação no que se refere ao analista. O que nós garantimos, diz Lacan, é que se chegou ao fim da análise uma vez. Assim, para que haja análise, é necessário que exista um psicanalista, o que não significa que O psicanalista exista. Segundo Lacan, teríamos aqui um silogismo: se existe um psicanalista, tudo está garantido, pode haver muitos outros. Ledo engano na esperança do universal, pois não há garantia de que o ato que transforma o psicanalisante em psicanalista possa operar. Trata-se, assim como na mulher, de uma contingência. A contingência, entretanto, não é sem relação com a garantia. Uma garantia, no entanto, não-toda, ou como quer Lacan, gratuita.

Assim, Lacan dirá na *Proposição* que a Escola pode garantir a relação do analista com a formação que ela dispensa. Em outras palavras: garantir a efetuação no psicanalista, das estruturas asseguradas na psicanálise. Essa formação – ou efetuação – diz respeito à passagem de psicanalisante a psicanalista. Lacan questiona, então, onde devem funcionar os órgãos da garantia, e responde: no início e no final da análise. Portanto, a garantia – aliás como já postulava Freud – não está em outro lugar senão na própria análise. É da preservação do analítico que a Escola pode e deve cuidar, como ele diz na *Proposição*. Como? Por meio dos dispositivos que não permitam o retorno do universal. Na Escola reina a contingência.

Resta, além de outras, a questão sobre a diferença entre a garantia que a Escola oferece quanto ao AME (reconhecimento vitalício por um "projeto de trabalho") e ao AE (nomeação provisória advinda da relação de cada um com a causa analítica).

UMA ESCOLA PELO AVESSO

Maria Nazareth Plentz

Introdução: Colóquio

Este texto é uma elaboração produzida a partir de uma intervenção em uma oficina de um fórum do Campo Lacaniano. Portanto, "no só depois", a escritura vem dar corpo ao já falado. Por isso, retroajo e retomo o momento anterior e o efeito disso na via de trabalho escolhida e no título que o nomeia.

Presente pela primeira vez em uma atividade do Campo Lacaniano, fico surpreendida com a pergunta feita pela coordenação: quem quer ser responsável pelo próximo seminário e falar sobre a Escola de psicanálise?

Ao colocar por minha vez o "'eu quero", tenho acolhido o meu desejo, que se articula assim ao desejo daqueles outros.

Sou então apresentada como uma pessoa vinda de outro lugar e sou tida como tendo experiência de Escola. Novamente sou surpreendida pela fala do outro. Estes dois momentos que apreendem o sujeito na surpresa, eu os leio assim: uma demanda é formulada, endereçada ao significante qualquer, mas que tem que ser alguém, nos ensina Lacan. É preciso que aí se empreste um corpo para lhe dar suporte.

A estrutura discursiva, assim instalada, interroga-me sobre as conseqüências lógicas em um laço social, a partir do discurso que o engendra. E a escola de psicanálise, também efeito de linguagem, como situá-la em seu funcionamento?

Quanto à apresentação que me é concedida, não a contesto, mas a esclareço: não tenho experiência de Escola, não tenho um saber sobre

ela. Experimentei sim muitas coisas em um lugar, fiz um percurso que sofreu um desvio e é por ter passado por esse lugar que posso construir sobre este recolhido, que faço transmissão e novamente me coloco no trabalho em direção a ... O que me coloca em dívida: sou grata.

Dois Instantes Da Escola De Lacan, Com Lacan

"*Fundo tão sozinho como sempre estive em minha relação com a causa analítica*" é o que primeiro se lê, porque assim está escrito, na Ata de Fundação de Junho de 1964. Convoca assim àqueles que o seguem a um trabalho, retomada do campo inaugurado por Freud, campo do inconsciente, um novo laço com o saber, um saber outro, uma nova maneira de situar-se frente ao mal-estar na civilização e *''aí saber fazer''* com o real.

Retomo e me detenho sobre dois pontos destes enunciados: ''tão sozinho" e "aí saber" e os articulo. Estar sozinho não é ser solitário, não é estar condenado à solidão; ''aí saber'' não se confunde com o saber fazer. *Estar sozinho* é irredutível, é estrutural, é a causa do desejo. Onde o Outro falta para responder sobre o ser a- posta em ato: fundo.

Neste momento de elaboração, de alguns que se dispõem a tentar outra vez, dois instantes da ''Odisséia Lacaniana'' parecem-me indissociáveis, um não vai sem o outro: a Ata de Fundação e a Carta de Dissolução. Um testemunho é deixado como herança: "me atrapalhei", mas ''persevero". Um ciclo que em tempo cronológico vai de 1964 à 1980 e, um tempo lógico, que cumpre o olhar, compreender e concluir. Fica a causa e ...novamente. Afinal, é também esta um história de amor.

Reflexão: Um Escola Pelo Avesso

O que marca a diferença entre as escolas clássicas, que têm o ensinar a ser como objetivo, e como conseqüência um título, um diploma, que garante o ter aprendido a fazer - logo um conceito cheio - e a Escola fundada por Lacan em sua especificidade? A quem se propõe esta Escola, tão sozinha entre as demais, que toma sob sua responsabilidade ética a psicanálise em sua vertente da formação de analista, a intensão, e em conseqüência sua transmissão no mundo, a extensão, já que só há psicanálise onde há um psicanalista? Formulo uma resposta possível: essa é uma Escola para analisantes.

Há um equívoco com conseqüências fatais, ao tomar o significante Escola de Lacan como um S1, um significante amo. Esse colocado como

agente de um discurso, por uma conseqüência lógica da relação dialética entre os termos, resulta em uma escola funcionando sob a égide do mestre, assim a divisão do sujeito no lugar da verdade mantida sob a barra. Um disfuncionamento: a lógica das suficiências.

O discurso do analista, como o avesso ou a diversidade, leva em consideração o um a um do particular de cada sujeito aí presente no lugar do outro, é radicalmente oposto à uniformização, ao academicismo é o eixo a ser tomado por uma escola que se quer lacaniana.

Pensá-la funcionando somente nessa estrutura discursiva seria certamente uma utopia. Pensá-la e querê-la para analisantes, situa os sujeitos que aí estão como divididos em relação ao inconsciente, a Escola ocupando o lugar de agente - a - como pivô de uma transferência de trabalho - causa - A isso eqüivaleria, como efeito discursivo, que os que aí se emprestam, pois há que tê-los, para sustentar os lugares de direção, abandonassem o lugar imaginário de encarnação do mestre, para se saberem uma função. Ao "eu sou" o passe para "estou". Do produto obtido no discurso do mestre como gozo do Outro, o discurso do analista faz causa, o que diz que os que aí estão não cedem de seu desejo ou consentem com a castração. Sendo que o saber, no lugar da verdade revela a Escola sustentada pelo meio dizer, um enigma, e usando uma expressão que neste momento me é cara, "uma quimera". Sempre no horizonte, a ser construída, não toda sabida. Por isso o desejo. Aí, no sozinho, onde o Outro falta A Escola ocupa o mesmo lugar que o analista, a mulher, a morte. Não há uma Escola de Lacan absoluta.

A Título De Conclusão

Por que disse que a Ata de Fundação está articulada à Carta de Dissolução? Proponho que a dialética que se estabelece entre os termos de um discurso e entre os discursos também podem ser pensados como fundação e dissolução, me referindo à "diz- solução". Aí está a operação que cabe àquele que ocupa a função de autoridade autêntica numa Escola. Função, digo.

Desse lugar, esse ninguém que deve ser alguém, um x, pode por sua intervenção girar o discurso e virá-lo no avesso. Penso então, que a construção de uma Escola será possível assim, nessa dialética discursiva. O que também quer dizer que uma autoridade autêntica não se vincula a um que fala, mas de onde "esse" fala.

Lembro Goethe: *o que herdaste de teu pai conquista-o para fazê-lo teu.*

A Escola Lacaniana não é posse por direito. É conquista, no um a um de todos que aí se dispõem a estar.

Referências Bibliográficas
LACAN, J- Seminário Livro XVII - O avesso da psicanálise - Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora 1992
LETRA Freudiana - Escola, Psicanálise, Transmissão - Documentos para uma Escola, ano I número 0.

DUAS OU QUATRO QUESTÕES SOBRE A SELEÇÃO DOS ANALISTAS

Clarice Gatto

> [...]
> *Para aqueles que me seguem nesse caminho, mas que no entanto viessem a lamentar não terem uma qualificação repousante, ofereço como prometi, a outra via além de me deixar: que me ultrapassem no meu discurso até torná-lo obsoleto. Saberei enfim que ele não foi em vão."*
> [...]
> Jacques Lacan, *Discurso à E.F.P.*, 1967.

Lacan pronunciou o *Discurso à E.F.P* em 6 de dezembro de 1967 como resposta às críticas recebidas à sua *Proposição* (primeira versão) apresentada à comunidade da *Escola Freudiana de Paris* em 9 de outubro de 1967. Nesse texto, ele nos propõe um outro princípio para "a seleção" dos analistas no âmbito de sua Escola. Retomo, especialmente a leitura desses dois textos para refletir sobre *as garantias* - escritas por ele no plural - a partir do princípio fundamental que governou sua Escola.

Lacan havia trabalhado o seminário "A lógica da fantasia" durante o ano de 1967, cuja primeira aula foi em 16 de novembro de 1966. Sua *Proposição* é gerada no âmbito de uma reflexão fecunda sobre a lógica da "significação de verdade" que a "fantasia" (*fantasme*) como "proposição significante" articula às demais proposições do sujeito ante

o *mais-de-gozar*. Em novembro de 1967, ele inicia o seminário "O ato psicanalítico" (1967-68), cuja interrogação pretendia verificar esse momento e a posição do analista na história do sujeito. O *Discurso à EFP* é por sua vez concomitante aos textos "O engano do sujeito suposto saber", "De Roma 53 a Roma 67: A psicanálise. Razão de um insucesso", "Da psicanálise em suas relações com a realidade".

É bom lembrar que de janeiro de 1964 - período imediatamente posterior à decisão da Sociedade Francesa de Psicanálise de que "o Dr. Lacan não era reconhecido como analista didata" -, até essa data (1967), ele lecionou quatro seminários importantes e publicou seus *Escritos* (Seuil, 1966). É nesse período fecundo, torno a repetir, que ele decide propor algo novo para o funcionamento da comunidade da Escola de Psicanálise à qual pertencia: o testemunho do passe. (Lacan não usa a expressão foucaultiana "dispositivo" para falar do passe, apesar de criar as condições de possibilidade para que esse pudesse acontecer.)

É portanto no calor da emoção que ele escreve. Por meio de seus ditos e escritos podemos acompanhar essa aventura. Ele se move na massa que o acompanha causada por seu ensino. (Embora muitas vezes essa massa tenha querido lhe fazer calar: ora não o deixando permanecer, ora simplesmente o abandonando). Escreve, talvez, para proclamar que o "eclipse do saber" cria dificuldades de se manter acesa a chama do trabalho da Psicanálise entre aqueles que reclamam por seu ensino, sua prática e sua novidade. Escreve, certamente, para que possamos lê-lo ainda hoje e nos encontrarmos de novo nos embaraços que outrora atravessaram seu caminho. De novo, porque passar por seus significantes não é sem conseqüências para nós.

"Tinha uma pedra no meio do caminho..." escreve nosso poeta maior, mas Lacan, como diz nesse texto, era poema.

Então, como lê-lo?

Como ler "lacanianamente" Lacan? Há algo aqui já em esboço que ele só irá formalizar depois ("crer encontrar os truques transmissíveis")? Como recolher de seu ensino isso que *não cessa de se escrever*? O *odioamoroso*, a função lógica da pressa, a causa, um desejo inédito, o *mais-de-gozar* e tantos algos...

Essa "pressa", talvez um desses algos, que nunca cessa de se escrever... e ele dizia e repetia a *função lógica da pressa - h(a)te* - porque inclui o objeto pequeno *a causa* de desejo no âmbito da coletividade. É importante nos lembrarmos, nesse momento, desse texto de 1949, *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada* sempre retomado por ele. Hoje, porém, utilizado mais como referência às modalidades do

tempo na "travessia da fantasia" em uma análise (tecnicamente falando), e freqüentemente descontextualizado da referência à coletividade, razão da interpretação do apólogo dos três prisioneiros por Lacan. Ou seja, a instituição do sujeito para Lacan, para Freud, e acredito que para nós, passa por essa *dritte Person* que a coletividade *faz-de-conta.* (Lugar também ocupado pelo psicanalista. "O analista não é o único", informa-nos Lacan. "Ele faz parte de um grupo, de uma massa no sentido que tem esse termo no artigo de Freud, *Massenpsychologie und Ich-Analyse.*", 1921)

A pressa destituída de sua função lógica serve-nos apenas para distinguir o "narcisismo das pequenas diferenças" (Freud) - freqüentemente presente no discurso dos que dizem o "meu" desejo, ao qual Lacan atribuía uma análise possível -, da noção de *desejo do analista* a qual dizia "que não se trata de modo algum de analisar..." e nem de "teorizar senão por dever fazer o desejo do sujeito como desejo do grande-outro, ou seja fazer-se causa desse desejo." (*Discurso à E.F.P.*) Se na primeira situação "... o objeto *a causa* de desejo, "por estar à mercê do grande-outro, portanto angustia na ocasião, reveste-se contrafobicamente com a autonomia do eu, como faz o bernardo-eremita com qualquer carapaça"; na outra é a *causa* elevada à dignidade de Coisa (*Ding*) de onde 'algo' pode ser recolhido para contornar - seja lá o que for que nos *afeta* na discórdia - o mal-estar, a angústia, a dor ou ardor. Portanto, são posições muito diversas e as conseqüências que se podem tirar também.

"A espera de Lacan" durante o processo de julgamento e segregação de seu ensino na SFP até o instante em que escolheu sair, demarca essa *função lógica da pressa*, sobretudo pelo que veio logo em seguida: a Escola como um *desejo inédito* - compartilhado? ou compartilhada? por muitos outros. Eis aí a *equivocidade* para onde Lacan sempre nos leva.

Um princípio ético de Lacan

Lacan na *Ata de fundação da Escola Freudiana de Paris* em 21 de junho de 1964 escreve um princípio ético que ele sustentará até o fim de seu ensino: "O analista só se autoriza dele mesmo". "O" princípio fundamental, como há no tratamento a regra fundamental", lembra-nos Marc Strauss. Mesmo quando essa fórmula foi estendida por Lacan posteriormente para "O analista só se autoriza dele mesmo e de alguns outros", mantém-se esse princípio ético, sendo a extensão numérica "a alguns outros" o que caracteriza o estatuto lógico dessa autorização.

Em *O início do tratamento*, 1913, Freud diz que a decisão de aceitar

ou não a demanda de análise de alguém para 'iniciar a psicanálise' é obra do psicanalista, seu ato -, e depois de decidido restava ao psicanalista se colocar na via da "exploração do inconsciente".

Porém, como testemunhar o final de uma psicanálise que foi um dia iniciada? Qual o interesse em dizê-lo? Em publicar seus truques? O que nos interessa na trajetória de uma análise de colegas e/ou de nossos próprios analisantes?

Essas perguntas também foram formuladas por Freud em diversos momentos de sua obra e pelos analistas de sua geração. Sobretudo porque as análises tornavam-se cada vez mais longas... Para ele, depois da longa caminhada, esse fim se resume ao reconhecimento dos efeitos das formações do inconsciente na vida cotidiana. Ele entendia que as análises são sempre parciais e que, portanto seria necessário de tempos em tempos retornar a elas. Porém, essa afirmação freudiana não se constituiu como campo de investigação. O debate no campo freudiano propriamente dito passou a girar em torno do final da análise e da pergunta "o que é um analista".

A solução da IPA que supomos conhecer, é a identificação com o analista. Suponho que ninguém imagina que seja uma identificação com a pessoa do analista, isso seria por demasiado ingênuo! Portanto, supondo saber "o que é um analista" alguém que foi psicanalisante e se candidatou a ser um psicanalista poderá tranqüilamente ocupar de novo esse lugar. E os correligionários da IPA e Cia. passaram literalmente a ocupar o lugar do analista. Lacan, porém, *desmente* essa possibilidade. Em sua interpretação memorável do desejo de Freud ele assinala que esse lugar, originariamente ocupado por Freud, será uma interpretação de cada analista.

Ao dizer isso, evidentemente que Lacan experimentará na carne a própria "destituição subjetiva" do lugar de didata que ocupava na SFP, pois ele não aceitava ceder às demandas dos psicanalistas quanto à direção do tratamento, criada no que ele sobretudo se fiava: sua experiência psicanalítica e seu "retorno a Freud" . Ele insistia em falar disso, porém as portas se fecharam! Mas se elas se fecham é porque há portas...

Após meia década, já em sua *École*, Lacan encontra os mesmos problemas que outrora criticara na SFP. Ele percebe que já não há novidade nos enunciados e enunciações entre os psicanalistas de sua Escola e ele identifica os mais diversos interesses - institucionais, políticos-partidários - permeando os finais das análises, até porque sabia que sua Escola não estaria impune às negociações que impõem o convívio entre os humanos!

Então na *Proposição de 9 de outubro de 1967* Lacan incita-nos

a darmos provas (*épreuve*) de uma experiência - a da "destituição subjetiva" -, a testemunharmos uma passagem - a do *des-ser*. Tributárias do *ato analítico*, essas vivências apresentam-se para nós por meio de diversas dimensões, propiciando "... a volta a mais, na duplicação que nos permite aí engendrar o desejo do psicanalista." (*Proposição de 9 de outubro de 1967*).

Lembremos de Freud quando já em 1916, nas conferências introdutórias, 27, *A transferência*, e 28, *A terapia analítica*, retoma algumas interrogações acerca do *saber do analista*. Ele diz que sai de cena o interesse pela psicanálise enquanto uma prática e sua ciência e entram em cena interrogações acerca do lugar subversivo aberto pelos *atos* da experiência psicanalítica.

O que significa dizer que já estavam em questão mesmo antes da difusão da Psicanálise "os atos" que essa experiência, a psicanalítica, evoca.

Por que será que Lacan em sua *Proposição* chama-nos, justamente, a testemunhar sobre o *tempo* do ato analítico?

Como transmitir algo, então, sobre as conseqüências tiradas do ato analítico? Será que Lacan queria saber como se faz um analista? Ou como se faz uma análise? As *performances* entre os parceiros da cena analítica? Provavelmente, não! Sua teoria do sujeito revela-nos que não há um significante que possa dizer o que é o ser do sujeito, apenas representá-lo. Isso vale também para o "um" analista. Talvez Lacan quisesse saber se "houve análise", mas isso é outra coisa.

A *Proposição* de Lacan, formulada dessa forma, abria a possibilidade para que qualquer pessoa que demandasse uma análise, e chegasse a seu final, pudesse transmitir algo. Essa era, então, a sua invenção. Nessa perspectiva, qualquer pessoa que julgasse ter concluído sua análise poderia vir a dizer algo desse momento, mesmo aqueles que não praticam a Psicanálise, e que ele denominou, por falta de um significante que possa dizê-los, de não-analistas, com a barra da negação.

Esse foi o princípio ético mantido por Lacan até o fim de seu ensino: propor e garantir a todos sem distinção o direito de dizê-lo.

2. Que garantias queremos?

Lacan abre a *Proposição de 9 de outubro de 1967* escrevendo "Trata-se de fundar num estatuto bastante durável, para ser submetido à experiência, *as garantias* com que nossa Escola poderia autorizar, por sua formação, um psicanalista - e a partir de então responder por ele."

Poderíamos nos perguntar "que garantias queremos" em uma Escola de Psicanálise?

Diversas foram as propostas de Lacan ao longo de seu ensino.

Demarco algumas: no "Preâmbulo" da *Ata de Fundação da E.F.P.* ele assinala *a Escola como um lugar de refúgio*, e até de bases de operação, *contra o mal-estar na civilização*. O *cartel*, esse pequeno grupo de trabalho, com seu estilo próprio de estudo, permitindo descompletar o agrupamento no âmbito da Escola. As *demandas de análises* e suas vicissitudes: sessões clínicas, formação do analista, final de análise. O *testemunho do passe* por sua particularidade possibilitando descompletar o conjunto da *Comunidade analítica*. A história cronológica da psicanálise *versus* o movimento psicanalítico e o modo de se lidar com as rupturas no coração das instituições de Psicanálise. A *permutação* como requisito fundamental para o funcionamento hierárquico da política organizacional da Escola. A presentificação da psicanálise no mundo por meio do confronto com outros campos de saberes. Há outras, certamente.

As garantias no âmbito da Escola:

4. Acolher o ato psicanalítico, por intermédio da invenção de um espaço que garanta que haja testemunhos dessa passagem.

"É por isso que aliás é somente a partir do ato psicanalítico que é preciso situar o que articulo como desejo-do-analista..." (*Discurso à EFP*) "A Escola pode testemunhar que o psicanalista nessa iniciativa [de sua autonomia] traz uma garantia de formação suficiente." (*Proposição*) Ou, dito de outro modo, "minha Proposição é interessar-se pelo passe, onde o ato (analítico) poderia ser apreendido no tempo em que se produz." (*Discurso à EFP*)

"O ato [psicanalítico] é por sua própria dimensão *um dizer*. O ato diz algo". (Lacan, *O ato psicanalítico*, aula de 17-1-1968.)

"... o sujeito no passe, no momento do ato analítico nada sabe a seu respeito. Isso justamente porque ele tornou a verdade desse saber, se posso dizer assim, uma verdade que é atingida "não sem saber" (*pas sans le savoir*), como dizia há pouco..., bem é incurável: somos esta verdade." (*O ato psicanalítico*, aula de 10-1-1968.)

Na *Proposição* a *admissão à Escola* deve girar em torno da função do saber na "lógica da fantasia" a propósito do passe. Ele escreve...

"É nessa linha que se coloca a lógica da fantasia. A lógica do analista é o "*agalma*, que se integra à fantasia radical que o psicanalisante

constrói. Essa ordenação da ordem do saber em função no processo analítico, é em torno disso que deve girar *a admissão à Escola.* Ela implica todo o tipo de aparelhos - cuja alma deve ser buscada nas funções já delegadas no Diretório - Ensino, Direção de trabalhos, Publicação."

Lacan, então, se pergunta "Não é algo que nós só poderíamos enunciar entre nós? Não seria isso suficiente para espalhar o pânico, o horror, a maldição, ou mesmo o atentado? E em todo o caso para justificar as aversões prejudiciais à entrada na psicanálise?"

Aí, sua proposição desdobra-se e ele propõe novamente, eis as conseqüências de seu ato.

5. Acolher a *psicanálise em intensão.*

Ele escreve "Designar unicamente na *psicanálise em intensão* a iniciativa possível de um novo modo de acesso do psicanalista a uma *garantia coletiva.*" (*Proposição*)

Essa *garantia coletiva* define-se pelo lugar conferido às *experiências* e às vicissitudes que nos implica dizer ou escrever a partir dela. "O que importa é que elas não podem se sustentar em seu sucesso presente sem um apoio certo no *real* da *experiência psicanalítica.* É preciso pois interrogar esse real para saber como ele conduz ao seu próprio desconhecimento, ou até mesmo produz sua negação sistemática." E Lacan prossegue dizendo que o *feed-back* desviante só pode ser detectado pela via da *psicanálise em inten(s)ão.* (*Proposição.*)

O *real,* Lacan o demarca, é *contingente.*

A garantia fora da Escola:

6. Presentificar a Psicanálise no mundo pela *psicanálise em extensão.*

"Ela provém dos motivos da competição social. Isso não querendo dizer que considerar a psicanálise em extensão - ou seja os interesses, a pesquisa, a ideologia que ela acumula, não seja necessário à crítica das sociedades tal como sustentam essa garantia fora da nossa Escola, (não seja necessário) à orientação a ser dada a uma Escola nova." (*Proposição*)

Lacan propõe então: simbólico, imaginário e real.

Simbólico: pelo ensinamento oral ou escrito de um saber referencial (mito edípico) endereçado a um público escolhido ou anônimo. (Lacan faz aqui uma observação importante quando nos diz "retirem o Édipo e a Psicanálise em extensão, direi, cai totalmente na jurisdição do delírio do

presidente Schereber.) *Imaginário:* constituído pelo 'corpo social' da Escola analítica em escala internacional! *Real*: pela presença física do analista na sociedade de hoje, onde esse saber *real* que é "A" ciência, desde o século XVII, em seus efeitos de "recomposição dos agrupamentos sociais" cada vez mais duros dos processos de segregação: na escola, na medicina, na política, na economia, na religião, etc. O psicanalista por sua *atopia* - que não é seu isolamento - não conforta essas identificações segregativas: médico/doente, sagrado/profano, sábio/ignorante, adulto/criança, imigrante/paraíba, judeu/pagão, patrão/operário, etc.

3. Duas ou quatro questões sobre "a seleção" dos analistas

Primeira questão: a passagem do psicanalisante a analista

Na *Proposição*, Lacan escreve "A psicanálise mostra em seu final uma ingenuidade que permite indagar se podemos colocá-la no nível de garantia na passagem do *desejo de ser psicanalista* (*désir d'être psychanalyste*).

Passagem que está articulada ao testemunho sobre o momento em que um psicanalisante se autoriza analista, e se restringia a falar da análise (*Proposição*, 2ª versão). Porém na *Nota aos Italianos*, 1973, Lacan esclarece "é esta a condição pela qual, por algum lado de suas aventuras, o analista deve levar a marca. Cabe aos seus congêneres "saber" encontrá-las. Salta aos olhos que isso supõe um outro saber elaborado anteriormente, do qual o saber científico forneceu o modelo, e carrega a responsabilidade. É a mesma que eu lhe imputo de ter, somente aos *dejetos da douta ignorância*, transmitido um *desejo inédito*. Que se trata de verificar: para fazer analista." (*Inédito* é aquilo que não foi publicado ou impresso, nunca visto; original; incomum.)

No final da *Nota* Lacan demarca "tudo deve girar em torno dos escritos a serem publicados."

No *posfácio* de *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1973, Lacan escreve "Mas a *função do escrito* não constitui então o catálogo, mas a via mesma da estrada de ferro. E o objeto (a), tal como escrevo, ele é o trilho por onde chega ao *mais-de-gozar* o de que se habita, mesmo se abriga a demanda a interpretar." (JZE, 1979)

O que nos convoca pela via do trabalho "entre" os pares de campo ainda que plurais em nossas ações! O trabalho em Psicanálise posso resumi-lo: *trabalho do sonho, trabalho do Witz, a exigência de trabalho da pulsão, trabalho do luto* e a *Durcharbeiten*, esse significante

freudiano que só posso tomá-lo assemanticamente.

Hannah Arendt no capítulo "A fragilidade dos negócios humanos", no livro *A condição humana*, 1958, nos lembra que "Ao contrário da fabricação, a ação jamais é possível no isolamento. Estar isolado é estar privado da capacidade de agir."

Segunda questão: "o passe não tem nada a ver com a análise"

Em *Sobre a Experiência do passe*, 3 de novembro de 1973, Lacan escreve "É uma experiência radicalmente nova que nós instituímos, pois o passe não tem nada a ver com a análise."

Na *Proposição*, Lacan havia dito "Creio já ter dito sobre isso, para que se entenda que não se trata de modo algum de analisar o desejo do psicanalista."

Jairo Gerbase em seu texto "Passe sob transferência - o desejo do analista" retoma Lacan para demarcar que o desejo do analista é um *veut-dire*, um *querer-dizer*. Servindo-me dessa observação retomo a leitura que faz Lacan da *Versagung* de Freud, no seminário 8, *A transferência*, a propósito de *Sygne de Coûfontaine* (de Paul Claudel) para refletir sobre o que marca esse desejo, que não é de modo algum o desejo puro de *Antígona*, ainda que seja o desejo da mais pura diferença...

Terceira questão: "a *Versagung* do analista"

A *Versagung* é um *dizer não* que se articula, para Lacan, a um lugar vazio no simbólico e ao branco no imaginário. Duas faltas que não se recobrem jamais, comenta Danièle Arnoux. O lugar do analista na **transferência** será comandado, então, por essa estrutura.

Não estaria aí o segredo, 'o nascimento', do *desejo do analista...*?

"Em outras palavras nós, analistas, operamos apenas - e quem não sabe disso? - no registro da *Versagung*".

"Dizer não" à *demanda de amor* porém acolhendo-a... Dizer não, inclusive, à demanda da "instituição psicanalítica" que "deseja saber" sobre "o impossível da relação sexual" materializado nas *performances* pessoais entre analistas e analisantes.

Lembro-me do momento do passe vivido em minha análise. Fecundo momento de reconhecimento da castração simbólica no ato que faz perder as vestes imaginárias, "o desvelamento nu e cru da 'estrutura do fantasma' e de sua relação com o real na história do sujeito" (Lacan, O seminário d'

Angústia, aula de 19-12-1962), cujas conseqüências *quer dizer...* ante o que "nada se sabe" no momento do ato estava *o que isso vai dar...* a dimensão da aposta!

Na *Proposição* Lacan demarca a importância entre *o que se recusa* e *o que se admite* considerar devendo ser sabido. "O não-saber não é por modéstia, o que ainda é situar-se em relação a si-mesmo; ele é propriamente a produção "em reserva" da estrutura do único saber oportuno."

Não estaria aqui a dimensão propriamente Ética de *tornar-se bem-dito o mal-dito*? (*Télévision*, 1973.) O uso que faremos desse "de tudo fica um pouco"? Resto inominável... que nos conduz a uma *dobra* impossível, seja por conta do "recalcamento originário" (*Urverdrängung*) em que experimentamos o quanto é impossível dizermos tudo, pois é próprio da estrutura da linguagem a pluralidade de sentidos; seja porque é "impossível reconhecermos" (*Unerkannt*) o que aí está realmente implicado, pois há uma falha, uma *fissura*, nesse saber inconsciente, 'algo' faz objeção, descompletando a cadeia significante...

Em *Joyce le sinthome* Lacan ilustra esse momento com o "equívoco significante" - aquele por onde versa a castração... Ele escreve "saint homme de père" (*sinthome*) aquele que nomeia. Mas nomeia o quê? O instante em que Joyce se experimenta "objeto causa de desejo" ...

Esse momento memorável, que também pode acontecer em uma análise, *voilá le choix*! que permite ou não articular o *sinthome* - "a cisão do eu e a fantasia" (Freud), ou se quisermos, "o ego e o *a*, *mais-gozar*" (Lacan). Momento *atemporal*, que se conjuga no *futuro do pretérito* e variado em sua duração caso a caso, até concluir.

Freud na *Revisão da ciência do sonho* nos faz lembrar "A teoria dos sonhos é [...] o mais característico e singular de nossa jovem ciência; algo ímpar no acervo geral de nosso saber [...] a estranheza das principais significações que ela precisou apresentar emprestou a ela o papel de uma *Schibboleth* [*palavra de passe*] cujo emprego decidiu quem poderia se tornar um adepto da psicanálise e a quem ela permaneceria definitivamente incompreensível. [...]. Sempre que eu começava a duvidar da exatidão de meus vacilantes conhecimentos cada vez que lograva referir um sonho absurdo e embrulhado no sujeito, se renovava minha confiança de encontrar-me em bom caminho." (*Conf. 29.*)

Nessa perspectiva, o espaço aberto para o "testemunho do passe" por uma Escola de psicanálise tributária do CAMPO LACANIANO deve questionar o querer, de saída, admitir qualificar "se" o passe deve ser "de entrada" na Escola (?) ou "de final de análise" (AE). À Escola cabe

fazer sua oferta na acolhida do tempo do ato analítico, e a garantia que virá é conseqüência caso a caso. Assim, como não há grande-outro do grande-outro, não há também garantia da garantia!

Caso contrário, correremos o risco de tornar "universal", ou para todos, o que por definição é "não-toda", como observou Ana Laura Prates em seu trabalho "A Escola não-toda ou a garantia gratuita".

Porém, creio ser necessário retomarmos uma reflexão importante sobre a estrutura do ATO ANALÍTICO. Tenho dúvidas se o ATO está do lado do contingente... Poderemos cair na mesma armadilha anterior apenas deslocando o problema: "agora trata-se de saber se houve ato analítico"!?

ATO haverá sempre, "está escrito", e Lacan repetiu isso inúmeras vezes tirando diversas conseqüências em seu ensino. O que demarca sua importância e seu interesse para a Psicanálise são justamente as conseqüências que se podem ou não tirar de um ATO, ou *o que isso vai dar*... inibição, sintoma, angústia ou embaraço, comoção, perplexidade... Freud, aliás, não parou de escrever as modalidades do ato, ainda que Lacan tenha se interessado em formalizá-lo.

Arrisco em levantar uma questão: não estaria o ATO ANALITICO, na lógica dos quantificadores utilizada por Lacan, na modalidade de negação "*possível*"? (As outras sendo: o impossível, o contingente e o necessário, *Encore*, Seuil, 1975.)

O *possível em análise*, em que "por um instante o Falo, reservado nos tempos antigos aos Mistérios (de iniciação de Elêusis), parou de não se escrever. Nada mais." (*Encore*). Lacan nos diz que ele, o Falo, não entrou no *não pára* (de se escrever), no campo do qual depende a necessidade, por uma parte e, por outra, a impossibilidade. Nesse instante, existiria uma parada da *função do tempo* assinala Lacan. Porém, o que é essa parada da função do tempo: do tempo do verbo, da ação, falta fálica, *Verwerfung* edipiana, *Spaltung* do sujeito? O que é? "Se onde não está, ele pensa, se onde ele não pensa, está, é precisamente porque está nos dois lugares" (*O avesso da psicanálise*) em que algo do *real* torna-se contingente e, pela via amorosa do necessário, "se escreve" para o sujeito. Alguns autores apontam, aqui, para algo em torno de um "ter de se escrever, um dever-ser, caso contrário, é a psicose".

Daí, certamente a preocupação de Lacan em distinguir a *práxis* psicanalítica das terapêuticas.

Quarta questão: Como então nos servirmos dos *dejetos* da douta ignorância...?

Lacan propõe a Escrita, a Publicação, os Trabalhos...

Um *agrupamento* sustentado do saber no real da experiência psicanalítica e das vicissitudes que implica os ditos e escritos? O que nos isolaria dos motivos da competição social? Um agrupamento, *in initio*, submetido ao significante?

Testemunhamos isso entre nós, durante esse primeiro ano de existência: nossas segregaçõeszinhas, nossos desafetos, nossas arengas, nossos pequenos narcisismos - públicos e/ou privados -, nossas discordâncias ou o tal "*não é*" isso, nossas disputas, desenganos, ciúmes... ou coisa que o valha... demasiadamente humanas!

A "Associação" vindo simbolizar alguma coisa *só-depois*?

Seria essa nossa dura prova (*épreuve*) ao pretendermos fazer Escola de Psicanálise?

Daí uma *Comunidade analítica* nova para a Psicanálise, uma Escola como lugar que se ensina a partir da própria experiência psicanalítica sobre "a" seleção dos analistas?

Sustentaremos...? Estaremos à altura...?

Rio de Janeiro, 21 de setembro de 1999.

DISPOSITIVOS DA ESCOLA

- **O PASSE**
- **A TRANSMISSÃO E O ENSINO**
- **O CARTEL**

DA ANÁLISE AO PASSE

Nilda Deiró

O dispositivo analítico foi criado por Freud e tem como fundamento a associação livre. O funcionamento desse dispositivo implica na presença de um analista e de um analisante - um binário dissimétrico, em que de um lado está o desejo do analista e, de outro, a transferência.

O analista oferece a sua pessoa como suporte dos fenômenos de dispositivo - *dimensão imaginária* (I); sustenta o desejo do analista, que nada mais é senão sua enunciação - *dimensão simbólica* (S); pratica o ato que introduz o sujeito na cadeia inconsciente, *dimensão real* (R). O enodamento desses registros coloca em evidência o *semblante de causa de desejo*: *a*



O analisante recebe do analista uma orientação: *fale tudo!* Uma orientação do modo de dizer sobre o real, pois a *associação livre* é um modo de dizer que ultrapassa o *inefável,* porém isto só ocorre se houver a suposição de um sujeito ao saber inconsciente, endereçado ao analista, suposto saber sobre o sintoma. O endereçamento é a constituição do sintoma

analítico, simultaneamente com a encarnação do Sujeito suposto Saber (S s S). Quando isto acontece a transferência está instalada.

A *transferência* consiste em dirigir a *tu*, analista, as insolências concernidas ao Outro. E o que não pode ser dito em palavras é dito em ato (*aggieren*). Todorov define a transferência como o desdobramento do *tu* em *tu* e *ele*:

tu - é a pessoa a quem o analisante dirige os enunciados.

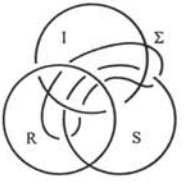
ele - é o objeto da enunciação.

O fenômeno da transferência ocorre na *hiância* entre o simbólico e o real. Transfere-se um significante do real que afeta o corpo. Real, Simbólico e Imaginário - R S I - constituem a estrutura. Uma estrutura tênue, por isso mesmo solidária, cuja consistência vem da amarração pelo sintoma, que corta o imaginário em quatro pontos, representados pelos objetos pulsionais: oral, anal, escópico e vocal.

O analisante demanda ao analista a decifração do seu sintoma. Ele vem representado por um significante (S1), que *não cessa de se impor*, afetando o corpo. Este gozo encarnado faz suplência ao impossível da relação sexual, que Lacan chama de *asexo (ualidade)*. O sintoma é uma criação do sujeito, para tamponar o impensável, o indizível.

A textura do sintoma é de palavras equívocas, determinadas pelo modo como o *infans* as ouviu, ao serem pronunciadas por *papai* e *mamãe*. O analisante só quer falar do *romance familiar*, para trazer ao discurso as palavras de *alíngua*. Os *significantes de alíngua* constituem os *uns - equívocos - enxame* - que dão existência ao inconsciente. É por isso que a análise pode desfazer pela fala o que foi feito pela fala.

No início de uma análise o analisante constrói uma ficção sustentada no romance familiar, envolvendo o enigma entre os sexos. Quando ele entende a lógica de sua ficção, é possível extrair dela os significantes equívocos e apreender o modo como estes significantes se metaforizaram e se metonimizaram para buscar sentido, pois se por um lado o gozo fixa o significante, por outro, o funcionamento do inconsciente busca decifração, através das próprias leis da linguagem, que são a metáfora e a metonímia, observadas por Freud e denominadas de condensação e deslocamento. É por isso que Lacan diz que o Inconsciente é estruturado como uma linguagem.



Caso Clínico

Prossigo trabalhando o caso já apresentado *– A – Mor(te) pelo pai ao a-mor de transferência –* , com a finalidade de demonstrar, nesse momento, a operação efetuada através do matema da transferência e o modo de satisfação

da pulsão invocante.

O analisante toma da dedicatória de um livro, um significante do analista, referido à sua mulher – *insubstituível* – e transfere para esse significante uma *letra de gozo.*

A *letra* é o nome do significante sozinho, desarticulado, porém capaz de fixar o *ser-de-gozo.* Pela sua característica, a *letra* é fora significado, portanto real. Ao ser transferida para o significante *insubstituível* há articulação com o *significante qualquer* (Sq), *não te aceito* – pela antecipação da certeza do sujeito, quanto à significação da posição de objeto no desejo do Outro:

S (*insubstituível*)————Sq (*não te aceito*).

O analisante atualiza na transfência a *dor-de-existir*, pela dialetização do gozo mortífero jamais posto em palavras, pela força do recalque. A *dor-de-existir* é uma dissonância que tem relação com a estrutura e que está a nível do real, dependente ainda de algumas efetuações, para que haja a *real-ização* de uma elaboração. A intemporalidade do inconsciente permite desvelar o *interdito*: o lugar de morto no desejo do Outro, pela emergência do significante *madrepérola.* Este significante é metáfora dos ditos do Outro: *doutor, minha mulher é uma pérola rara. Salve a mãe.*

Madrepérola comporta a divisão *mãe - mulher.* Se o lado mãe pôde ser articulado, o lado mulher guarda em si o *enigma do gozo feminino*, suposto ao analista saber, sem que o sujeito soubesse o que lhe era suposto saber, pois *insubstituível* é um significante da enunciação que está latente, e só se torna patente quando emerge o significante *madrepérola.* Ao eqüivaler insubstituível ao representante representativo da pulsão, que se manifesta na demanda ao analista, esta demanda é frustada e representada pelo significante *não te aceito*, que tem valor de objeto – *mate o filho* - colocando o sujeito diante de sua inconsistência, assim como da inconsistência do Outro, pois o analisante transfere para o Outro do amor os insultos de sua *dor - de - existir*, que se manifestara no luto pelo objeto e ora se desloca para o *objeto agalmático,* que atrai para si o *quantum* de afeto ou *energia pulsional* que alimenta o sintoma.

Consentir com esta análise é poder suportar o desamparo e a posição de objeto rejeitado no desejo do Outro, pela decisão do analisante de querer uma conclusão lógica de sua experiência subjetiva. No *só - depois* o analisante pôde entender que estava construindo um *texto de saber* sobre *o texto do gozo,* assistido pelo analista, que se ofereceu como causa para o deslizamento do desejo inconsciente, ávido de decifração.

É isto o desejo do inconsciente, um desejo de nada, uma significação dada ao desejo do Outro...

A faceta aparentemente negativa do processo analítico propiciou *bem-*

dizer o sintoma, mesmo que fosse *mal-dizendo*. Foi essa *mal - dição* que permitiu ao sujeito fazer a ultrapassagem de uma análise terapêutica a uma análise didática, que nada mais é senão a passagem de analisante a analista, determinada pela pulsão: do *isolamento* nas crises de enxaqueca à *dessubjetivação*, para se oferecer como causa de desejo do sujeito – enquanto desejo do Outro – na posição de semblante. Ou seja, de uma *necessidade de ausência da voz* à posição de *escutar*. Se a voz do Outro teve o poder de colocar o sujeito na posição de objeto morto, a análise possibilitou fazer a transmutação dessa posição: é o próprio sujeito que se oferece a ocupar o lugar de semblante de objeto, para que outros sujeitos possam se libertar do assujeitamento ao Outro. Ocorre, portanto, uma nova forma de satisfação da pulsão invocante.

O saber do analista advém do real, ensinado pela pulsão, pois a cada encontro com o real o *não-saber* aumenta e é acrescido ao *saber* que se ordena na experiência analítica. Um *saber em fracasso*, diz Lacan, que não se confunde com *fracasso do saber*, pois a fronteira entre *saber* e *não - saber* é constituída pela mesma matéria, uma vez que a demarcação da fronteira é feita pela letra. A letra é real e funda o discurso que faz laço e que também faz litoral entre *saber* e *gozo*. A condição de fazer fronteira é a ultrapassagem do limite, no qual há a marca dos *encontros faltosos*. Marca pulsional determinada pelo significante causa de gozo, que ressoa no corpo. Este significante se constitui como inscrição para o discurso e se presta aos efeitos de linguagem - *metáfora* e *metonímia*. Então, a condição de ser litoral é o retorno da letra, que fixa o gozo e que se mostra operando no discurso, tal como a escrita japonesa, que se entrelaça na pintura. Quando o analisante apreende a mestria desse significante, ele se torna agente do discurso analítico, mobilizado não mais pelo *objeto agalmático*, mas por um *desejo inédito*, que porta a alegria de um saber. Esses momentos de passe ocorridos no interior do dispositivo analítico se constituem como condição necessária ao saber do analista, este que, pelo seu ato, pôde separar-se do seu analista com a seguinte conclusão: *insubstituível é o lugar impossível a suportar.*

Após o ato esse novo sujeito pôde entender que construiu um saber não-todo e que por isso mesmo há um empuxo à elaboração dos pontos obscuros - a sombra espessa sobre a qual é necessário lançar luzes, movido por um desejo que vai articular-se a produção desse trabalho. Paradoxalmente, a tentativa de iluminar a obscuridade coloca em evidência o furo no saber. Formalizá-lo e submetê-lo à verificação dos pares é a condição suficiente para a Escola de Lacan.

Referências Bibliográficas

FREUD, S. *Recordar, repetir, elaborar.* In: Obras Completas, Vol XII, pag 193.

_____ *O instinto e suas vicissitudes.* Idem. Vol XIV pag 129.

LACAN, J *Proposição de 9 de outubro de 1967.* In: Opção Lacaniana nº 16, Revista Internacional de Psicanálise, 1996.

_____ *Discurso à EFP, 6 de dezembro de 1967.* Documentos para uma Escola II, Lacan e o Passe.

_____ *Lituraterra,* Sem XVIII, aula 12/05/71, Publicações Che Voui? Cooperativa Cultural Jacques Lacan, Revista Ano I.

P#F

Pierre Bruno[1]

P#F: *passe diferente de final.* Não é uma tese, mas uma proposição a ser submetida à prova.

Com certo constrangimento, reli as anotações feitas no curso dos trinta e cinco passes dos quais participei como membro do cartel B, com J.-F. Bouchet, Roseline Coridian, J.-A. Miller, D. Silvestre sendo mais-um. Este constrangimento, parece-me, no só depois (embora já fosse a minha opinião no momento em que isto se passava) está ligado à dificuldade de julgamento, a alguma coisa que tornava quase todo julgamento "indecidível", salvo, talvez, nos casos nos quais um *não* se impõe e naqueles, mais raros, nos quais o *sim* faz unanimidade Para dizer as coisas sem rodeios, com o distanciamento de mais de seis anos, eu diria que, no que concerne aos dois passantes nomeados AE, uma das nomeações me parece, sempre, incontestável e a outra também. Se as distingo, é porque o cartel do passe teria podido, *segundo seus critérios de então,* emitir algumas reservas em relação ao segundo passe. Eu me contento, hoje, que ele não o tenha feito.

A nomeação de um AE pelo cartel tem por função selecionar um nome próprio porque este nome próprio é o de uma enunciação singular e inédita que, levantada antecipadamente no tratamento do sujeito pelo próprio sujeito, dá provas de um efeito de deslocamento discursivo - na ocorrência, passagem de analisante a analista. Já que ele nomeia o simbólico e sai, desta maneira, do anonimato de um simbólico (isto é, de uma doutrina) sem enunciador, este nome próprio tem estatuto de sintoma. Eu o digo, prontamente, para marcar o lugar dos AE em uma comunidade

psicanalítica: fazer sintoma - marcar uma "heteridade"- ex-sistir ao grupo e não fazer tampão, casta, corpo ou vitrine. Fenomenologicamente falando, a enunciação em questão não é um elemento isolado a ser considerado intrinsecamente, mas um elemento, ou muitos, que ordenam e esclarecem o conjunto do testemunho, de tal maneira que eles o tornam receptível e motivam uma resposta *sim* à questão da passagem de analisante à analista e, simultaneamente, um *sim* ao fato de que a singularidade desta passagem foi transmitida e que ela é "ensinável" pela psicanálise De minha parte, no que diz respeito ao testemunho 1, fui sensível, principalmente, à formulação pela qual este passante enunciou que a posição do psicanalista era incompatível com a sua demanda de ser autorizado pelo analisante. Quanto ao testemunho 2, o passante trouxe um sonho bastante resolutivo provando, como conseqüência, uma queda durável da angústia.

O que se pode aprender das não nomeações é mais pobre - por definição, se poderia dizer - já que o não do cartel se motiva do que não há nada a aprender deste passante sobre a intensão da passagem analisante/ analista. Esta intensão é o que faz a singularidade epistêmica da psicanálise - não se pode apreender enquanto conceito. Ela deve ser, no entanto, algo que conte, mesmo se se apresenta como hiância já que o procedimento do passe tem vocação de captá-la e, pela decisão da nomeação, enodá-la à extensão (1).Eu retomo este ponto pois parece impreciso para muitos e porque nós, diferentemente de Lacan, que tinha um grande avanço sobre seus colegas e não podia frear seu ensino para esperá-los, por não estarmos neste caso, podemos dar uma certa prioridade ao trabalho de equipe, isto é, estarmos atentos para explicarmo-nos, uns aos outros, aquilo que, de nosso saber, pode transmitir-se. Logo, nós temos uma alternativa.

- que estejamos no universo das proposições. Assim, para retomar o famoso exemplo de Frege: *lua de Vênus* é um conceito claramente objetivável ao lado da intensão. Neste caso, já que Vênus não tem lua, se dirá que a classe *lua de Vênus* não existe ou que o conjunto é vazio (extensão zero). Certamente, eu simplifico, reduzo ao extremo, afastando todas as espécies de questões apaixonantes que não estão sem relação com o que é psicanalisar (sentido/significação/ poesia- conjunto/classe- mundos possíveis- estatuto do nome próprio- relação da essência e de predicados, etc.)

- que estejamos no real da psicanálise. Com o passe, de fato, o problema é diferente. Há algo que funda o psicanalista fora de sua auto-proclamação, mas este algo escapa ao conceito (ou, pelo menos, uma conceituação não pode ser feita senão no só depois e só no nível do saber textual). Parece-me que o caso é bastante próximo do que se passa na

arte. Quando Duchamps envia um mictório ao *Armory show* e sustenta que é arte, está aí manifesto que é impossível deduzir o caráter artístico do mictório (sua intensão) do conceito de arte. No entanto, sem a enunciação de Duchamps, a arte do século XX seria muito mais estreita. Acrescentemos que a prova de que se trata de arte está no título dado à "obra", *Fountain,* que batiza o urinol público - mictório- transformando-o em urinador, e separa, assim, o objeto do seu uso, identificando-o ao usuário. Mas, de repente, o usuário perde, também, seu valor de uso.

Podemos resumir assim a diferença: enquanto a intensão é suposta apreender uma "essência", a psicanálise se interessa pelo ato. O passe é a experiência inventada para construir uma extensão, apesar de, ou por causa da hiância da intensão (2).

Neste contexto, finalmente, as coisas não se passaram tão mal no cartel B. Eu acrescento que, mesmo se os passantes não nomeados não nos fizeram aprender nada de contundente, no entanto, o cartel aprendeu, a partir de seus testemunhos, um certo número de coisas e, notadamente, a formidável eficácia curativa da psicanálise.

Então, onde está o problema?
Vou abordá-lo pela sua face abrupta.

O problema é de um mal entendido cujas derivas politiqueiras são mais um efeito que sua razão.

A razão, eu a dei no meu título: P^1F (em todos os mundos possíveis)

A questão é a dos pressupostos teóricos que guiam, informam e incidem sobre a experiência do passe. Vou propor minhas respostas no que diz respeito ao cartel B, de 1992 a 1994: *o cartel procurou verificar o final, não o passe*. Como ocorria o mesmo com os passantes que buscavam demonstrar que tinham chegado ao final de suas análises, fazendo surgir poucas informações sobre a passagem analisante/analista, o quiproquó se tornava "indetectável". Daí uma inflexão superegóica massiva dos testemunhos, da qual resulta um efeito notável; a saber, a improbabilidade deste apertado colete teórico, de duas ocorrências de testemunhos:

a) Eu finalizei o meu tratamento mas não houve passagem de analisante /analista.

b) Eu não finalizei o meu tratamento mas posso sustentar minha passagem a analista

Ocorre que estas duas asserções que digo, forçando um pouco, não enunciáveis na experiência do passe, tal como contornada pelos

pressupostos teóricos que o comandam na ECF, são, no entanto, claramente legíveis em Lacan.

A Proposição *a:*

Eu cito a *Proposição de 9 de outubro de 1967*:

"Assim, o fim da psicanálise guarda em si uma ingenuidade acerca da qual se coloca a questão de saber se ele deve ser tomado como uma garantia na passagem ao desejo de ser psicanalista" (3).

Assim: F⇒P (É falso que o final implique o passe)

Quanto à proposição b, ela é legível no *Discurso à EFP* de dezembro de 1967.

Lacan aí evoca "a retomada do bastão do psicanalisante" por um analista. Esta retomada não significa que o passe não tenha sido franqueado; ela significa que um analista julgou necessário, a partir das dificuldades que ele encontrou em sua relação com o ato psicanalítico (e não a partir de uma suposta essência do psicanalista) uma "correção do desejo do psicanalista".

Assim: P⇒F (É falso que o passe implique o final)

É dizer que é preciso distinguir estruturalmente o final de uma análise e o ato pelo qual o passe é franqueado, mesmo quando os dois coincidem aproximadamente na cronologia e mesmo se o segundo pode não ser (problema a ser examinado) sem efeito sobre o primeiro. Por outro lado, eu vejo um duplo ganho nesta distinção.

- O testemunho do passe não é onerado, traficado, tornado ilegível, inclusive, apagado pela injunção superegóica do final. Evita-se assim o florilégio (besteiras?) das travessias da fantasia e, sem dúvida, o adiantado das identificações ao sintoma. Lembremos, rapidamente, que a observação de um estado da fantasia (por exemplo: "defecar sob o olhar de uma mulher"), não é sua travessia. Quanto à identificação ao sintoma, isto não é uma escolha cínica: "Sou assim. Amem-me assim".

- A prova do ato seria colocada em primeiro plano, isto é, este momento em que o sujeito se desaliena, separando-se da soma dos significantes, que ele descobriu como determinantes do que ele é. Liberação aí também: ele junta sua divisão entre causa e determinação. Dito de outra maneira, o analisante passa das associações a um dizer.

Há, no entanto, um problema espinhoso. A passagem de analisante à analista implica este ato; mas, este ato implica esta passagem? Eu não vou responder, vou apenas, adiantar que a escolha da passagem a analista comporta a escolha de uma loucura, ou ainda, de uma aposta de lógica

coletiva. O que poderia corresponder a isto, quando não é esta escolha que é feita?

III

Abordo, então, mais brevemente, uma última questão. A que é devida esta inflexão nociva da qual falei? Devo dizer que, J.-A Miller, na sua prática de membro do cartel, não me pareceu ser o mais envolvido nesta superegoicização do testemunho pela coalescência do passe e do final - em todo caso, não mais que qualquer um dos outros, e de mim mesmo, no cartel. Ao contrário, a orientação teórica que ele deu sobre estas questões não me parece dever se beneficiar da mesma imunidade. Eu faço alusão a este artiguinho ao qual já me referi, intitulado *O passe perfeito,* (26 de junho de 1993). É um texto que eu recomendo à leitura, porque ele chama a atenção por suas qualidades demonstrativas, o caráter esclarecedor de certas fórmulas, enfim, e sobretudo, por uma tal inteligência da argumentação que parece, de início, ser incontestável. No entanto, há como fundamento do texto, esta equação PP = F *(passe perfeito = final)* que eu critico. Miller coloca como eixo maior a diagonal(já chamei a atenção, aliás, que ele era constituinte do discurso capitalista) S- *a*, e resume o tratamento a dois momentos. O tratamento propriamente dito: 1) *a* é causa do desejo de S. 2) O passe perfeito: no lugar de *a*, enquanto causa do desejo, se substitui *a* enquanto termo forcluído do gozo. Esta substituição provoca a expulsão subjetiva (de S) Expulsão fora do tratamento analítico. Bem entendido, acrescenta Miller, este passe perfeito é raro. Regra geral, encontramos formas atenuadas. É evidente que, desde então, para o sujeito enfeudado nesta tese, quem pode mais pode menos. Dito de outra maneira, provar o final prova o passe, sendo este tanto mais perfeito quanto coincide com o final ("expulsão subjetiva").

Não criticaria, hoje, esta tese em si mesma. Não vou precipitar-me. Basta-me ter mostrado as consequências que ela tem sobre a experiência, isto é, sobre a forma dos testemunhos. O esmagamento do fim do passe é um efeito de estrutura ou um desvio? O que quer que seja, a experiência, no que ela tem tido êxito, a meu ver, deveria nos permitir um desdobramento do espaço entre passe e final; daí estudar o bem fundado, as modalidades, as razões.

IV

É sobre este desdobramento que eu vou concluir.

É, eu já adiantei isso, uma exigência que decorre da experiência do

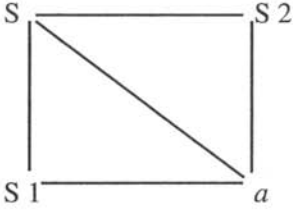
passe. É preciso, fortemente, de fato, enfatizá-lo, já que, tomando a Proposição de Outubro de 1967, poderemos encontrar argumentos para identificar final e passe. Cito: *"O término da análise chamada, redundantemente, de didática, é a passagem, de fato, do psicanalisante à psicanalista"*. Do mesmo modo, no *Discours à l'EFP,* podemos levantar o que há, aí, de convergente: o passe é este ponto no qual, por se ter chegado ao fim da sua psicanálise, o lugar que o psicanalista sustentou no seu percurso, qualquer um dá este passo para tomá-lo". Teríamos, então, uma concepção segundo a qual o final (chegar ao fim) inauguraria o passe.

É esta a última palavra de Lacan? (4)

É o que se precisa examinar sem juízo antecipado.

Eu não o faria, certamente, de uma só vez, mas posso, desde agora, dizer algo sobre isto.

Esta concepção de 1967 se caracteriza por ligar o passe, senão à travessia da fantasia, pelo menos, ao "soçobramento" da "garantia "que o sujeito "tomava de sua fantasia". É a questão: "Desejo, estás aí? Eu acreditava que estavas lá, inamovível. Ora, o gozo não continua". Mais radicalmente, perfila-se a questão de saber o que vem a ser o par desejo-fantasia, quando a atrelagem se desfaz.



Se, entretanto, correlacionamos este momento primeiro do passe com a afirmação de seu necessário recomeço, é plausível, caso se fica somente com o textual de Lacan, pensar que o final colocado, aproximadamente dez anos mais tarde, como *identificação ao sintoma* , introduz uma exigência nova. A saber, como, para o analisante autenticamente passado a analista, fazer cessar a tentação de re-supor-se subjetivamente, saber a respeito de "seu" inconsciente. Dito de outra maneira, quantos passes são precisos, depois do original, que pode, muito bem, ser considerado como o protótipo, para que a oscilação do depressivo (destituição subjetiva) e do maníaco (re-instituição subjetiva) encontre um termo eficaz por este deslocamento que permite suportar, enfim, a desconsistência do objeto que causa o desejo? Este "plausível", parece que a experiência do passe, mais de trinta anos depois do seu início, o tem

transformado em seguro.

De repente, é um fato, os tratamentos duram, e com isto devemos nos preocupar porque, evidentemente, não há psicanálise póstuma. (5)

Tradução: Sonia Campos Magalhães
Com a colaboração de Denise Maria de Oliveira Lima

[1] Texto pronunciado no seminário *Espace École* animado por Pierre Bruno: *Enjeux théoriques d'une partition*, e retomado em Toulouse no quadro dos FCL, em 14 de abril de 2000. Publicado no *Link*

1- Esta hiância da intensão não faz senão manifestar a hiância pela qual a psicanálise não é, de modo algum, regra para operar de modo eficaz, sobre a realidade....."("A psicanálise nas suas relações com a realidade" *Scilicet*, no. 1, p.54)
2- Miquel Bassols, em um artigo interessante, desenvolve muito bem esta incompatibilidade da intensão em psicanálise com um tratamento conceitual, mas parece deduzir daí a impossibilidade do toda extensão, o que é falhar a própria razão do passe(in *Lettre mensuelle*)
3- LacanJ., Scilicet, no. 1, p.26.
4- Apesar do caráter peremptório aparente destas citações, uma outra leitura destes dois textos fundadores pode ser antecipada. O fim de uma psicanálise não é, forçosamente o término da didática. Lacan enfatizando que esta (aliás nomeada assim "superfétatoirement") não pode ser reduzida à reprodução de seus operadores. O final (no sentido de finalidade) é empurrar a experiência original "ao ponto que dela figure a finitude e permita, disto, o só-depois" (Proposição sobre o psicanalista da Escola")
5- Escutando uma exposição de Marie-Jean Sauret, aprendi que Marcel Duchamp acreditava na obra póstuma, isto é, em uma obra que não encontraria seu ponto de finitude senão depois da morte de seu criador. Sobre este ponto não podemos seguí-lo salvo se nos identificarmos a uma obra.

O DESEJO DO PSICANALISTA NO PASSE*

Isabelle Morin

Em 1967, Lacan propõe o procedimento do passe à comunidade analítica. Sua proposição tinha muitas visadas. A primeira era a de responder sobre a experiência, ordenando – a, a segunda era a de dar os meios de esclarecer uma questão que coloca o final de análise quando o propomos como a produção de um analista.

Lacan fala do desejo do psicanalista acentuando o "do" impessoal para nos significar que não se trata do desejo do sujeito, mas do desejo de onde ele opera enquanto psicanalista.

O lugar do psicanalista é um lugar "estranho", um lugar orientado por uma falha. O analista é um "falhado", falha muito particular; falha do objeto e falha frente ao que visa "a eficácia social". Este lugar do analista não tem nenhum correspondente em nossas sociedades capitalistas e científicas. Em nossas sociedades "eficazes", a falta-a-ser s é tratada pelos substitutos que são a identificação de massa. Pensemos em todas as formas de inflação ou de infatuação do eu que são propostas pela mídia, ou bem na oferta de objetos destinados a tamponar esses efeitos de falta – a – ser. Em conseqüência, não cessamos de cruzar pelo caminho com os deixados para lá de nossa sociedade que quer "adaptados" (cf. os ideais da psicologia do eu) e não cessa de produzir novos modelos de desadaptados: os SEM (sem teto, sem terra), os toxicômanos, os marginais de todo tipo, novas testemunhas do mal estar na civilização.

O que acontece ao final de uma análise para que o analisante considere a possibilidade de assumir o lugar de analista? Aceitar essa falha e esse lugar de refugo no qual ele, sem falta, acabará se ele conduz

seus analisantes a esse ponto de finitude. Aceitar se prestar à transferência do analisante e pagar com sua pessoa.

Há posições em nosso mundo que têm mais charme, e, até mesmo, mais originalidade. Qual encontro se produz num dado momento em uma análise? De qual percepção se trata para que emerja essa questão?

Lacan fala dessa *"sombra espessa a recobrir esse concerto"* (1). O concerto sendo a passagem de analisante à analista. Esse "desejo novo", o desejo do psicanalista, não há nenhum modelo "em outro lugar" em que o desejo é correlato do objeto e não da falta do objeto.

Eu pretendo tentar demonstrar por qual operação a passagem de analisante à analista é possível e, depois, como a questão de assumir o lugar do analista pode surgir daí e ser construída no *a posteriori* desse momento de passe, quer dizer, no tempo do fim.

Há uma operação lógica que conduz a essa questão. No tratamento, a fantasia é construída, passo a passo, num tempo para compreender, graças ao lugar que o analista ocupa como suporte do objeto *a* do Outro. Depois, vem o momento de concluir, que é um instante, um clarão, que conduz o analisante a aperceber subitamente do mal entendido que guiava todas as suas ações e subentendia a lógica de sua vida. É como um buraco, um véu que se rasga, uma tela atravessada. Há um "de repente" e "o novo" a assumir. Entre o "de repente" e o "novo", há uma descontinuidade que releva uma experiência difícil de transmitir porque é um buraco, uma falha. Dizer que isto acontece não é suficiente, senão a experiência seria da ordem de uma mística. Trata-se, pois, de torná-la lógica para transmiti-la. O matema que Lacan dá da fantasia, S barrado<>a, nos significa que se trata, na fantasia, da relação do sujeito com o objeto. Ele propõe ler isto assim: *"o S barrado [...] em fading diante do objeto de desejo"* (2).

No momento de travessia da fantasia, trata-se, com efeito, do objeto que aparece em sua vertente pulsional, remetendo o sujeito ao que ele foi como objeto para o Outro ao qual ele endereçava sua demanda, ou seja, esse Outro implicado em seu gozo.

Esse momento é independente de um outro encontro correlativo do primeiro, mas é aí que há uma operação lógica, porque eles são ligados e o segundo se deduz do primeiro.

Este segundo tempo é o encontro com o objeto como lugar vazio, *"este objeto que é, de fato, apenas a presença de um oco, de um vazio, ocupável [...] por qualquer objeto e de que conhecemos a instância somente sob a forma do objeto perdido pequeno a"*. É o que Lacan chama de objeto causa do desejo; quer dizer, um desejo causado

pela falta.

Faço uma escansão, de dois tempos, porque o objeto em sua vertente pulsional deve ser inicialmente percebido para que sua falta apareça. Esta posição permite compreender que o passe na análise, quer dizer, este momento em que se passa de analisante a analista, não pode ter lugar antes da travessia da fantasia, devendo esta última ser atravessada para desprender-se esse lugar vazio que é o que contorna a pulsão.

A vertente pulsional dá a volta, do lado da fantasia, como o que sustentava o desejo do sujeito. O entrevisto do vazio, encerrado pela pulsão, permite deduzir a castração. É, o nota Lacan, *"a assunção da castração que cria a falta de que se institui o desejo"*.

No tratamento e, em particular, no tempo de construção da fantasia, as figuras da castração se encontram nas diferentes modalidades da falta: falta no Outro, falta a ser, falta a ter ou a gozar. Mas este encontro com o objeto a é outra coisa, desde que não se trata mais de uma queixa para o sujeito. Ele se bate contra um real. Ele pode constatar ou não as conseqüências para o desejo. É uma percepção sobre a estrutura do desejo. O analisante, ao final de uma análise, continuada após a travessia da fantasia, encontra "logicamente" esse objeto a. A questão do desejo do psicanalista, a de consentir em ocupar esse lugar, surge desse encontro. Os ideais do eu caíram, o analisante aprendeu o essencial sobre o desejo e de qual objeto se tratava, ele não está mais no mesmo lugar. É este descentramento preparado pela queda das identificações, depois catalisado pela travessia da fantasia, que o conduz, num segundo tempo, a um encontro com o objeto como falta. Mesmo sendo este segundo tempo simultâneo, convém demarcá-lo como diferente. Isto pode ser dito de diferentes maneiras: não há objeto que satisfaça a pulsão, ou ainda, o objeto é sempre inadequado, deixando, pois, aparecer a ausência de objeto, isolando assim um lugar vazio.

É aí que um encontro pode ter lugar com o que é a psicanálise e o lugar do psicanalista: aquele que ocupará, em seu ato, esse lugar.

É sobre este fundo de perdas e de encontro com um real que pode colocar-se ou surgir a questão, para um analisante, de assumir para outros o lugar de semblante de objeto. Trata-se de, com efeito, para o analista ocupar o lugar desse objeto causa do desejo, deixando-o vazio, quer dizer, assumi-lo sem estar aí enquanto sujeito, para que o desejo do analisante possa advir. Lugar vazio, mas que deve ser assumido, porque é graças a esse vazio que não se sabe se o analisante terá algumas possibilidades de fazer suportar sua relação ao objeto primordial.

É possível elaborar as coordenadas dessa passagem, fora das

particularidades de uma neurose, enquanto que estas lhe são intimamente ligadas? As coordenadas da passagem delimitam um antes e um depois a serem apreendidos, a serem transmitidos; ou seja, a lógica de um ato. A questão é demonstrar como uma análise, levada até o ponto de destituição do sujeito, confronta o analisante com esse momento chamado de passe (como momento clínico). O que eu chamo de passe é o encontro com esse vazio que encerra os objetos pulsionais e que faz surgir a estrutura do desejo.

A demanda de ser analista, quando ela é colocada no início do tratamento, não tem estritamente nada a ver com a questão que surge no fim. O desejo do psicanalista não é, em nada, o desejo de ser psicanalista. É uma outra questão. Concretamente, o desejo do psicanalista é aquilo que o sustenta em seu ato, é o que faz, por exemplo, que ele leve seus analisantes a não interromper o tratamento nos momentos difíceis ou que ele se oriente pela estrutura, mesmo que esta seja uma posição, às vezes, difícil de manter. Não ceder de seu ato é o corolário do desejo do psicanalista.

No texto *A proposição de 9 e outubro de 1967*, Lacan propõe aos passantes apreender alguma coisa desse momento de passagem. No "Discurso à EFP", ele coloca um limite. Ele propõe dizer o que *"é uma psicanálise que introduz a seu próprio ato"* (3), mas um pouco mais adiante ele afina sua posição notando *" já falei bastante, eu penso, para que se compreenda que não se trata, de jeito nenhum, de analisar o desejo do psicanalista"* (4); e ele continua observando: *"Não ousaremos nem mesmo falar de seu lugar claro, antes de ter articulado, o que o necessita, da demanda do neurótico, a qual dá o ponto de onde ele não é articulável"*.

Lacan coloca, parece-me que a partir da demanda do neurótico, há uma necessidade de que ela deva ser articulada em termos de lógica. Porque em termos de lógica? Porque o necessário se deduz. Isto se deduz da demanda do neurótico, ou seja, da lógica de sua construção neurótica, quer dizer, que se há necessidade, há também uma descontinuidade ligada ao salto do ato. Isto não se deduz estritamente da demanda do neurótico, quer dizer, da lógica do neurótico; há um laço de necessidade, mas há também da contingência. O contingente é esse encontro com o objeto nessas duas vertentes, pulsional e de vazio. O que não se deduz por definição é a contingência; ela pode ter lugar ou não. No salto, a ruptura, que representa a travessia da fantasia, a descontinuidade situa uma parte do desejo do analista como inarticulável, uma parte que escapa, como se pudéssemos prestar contas de um antes e de um depois, mas não do momento de ruptura.

O analisante deve, pois, tentar demarcar em sua história a qual lógica

estava ligada sua questão inicial endereçada à psicanálise. Por exemplo, a questão do pai é central na neurose. A função do pai consiste em colocar ordem na lei do desejo. O surgimento dessa função pode inscrever-se no tempo do fim, tanto para o obsessivo como para a histérica, como saída de um saber sobre o desejo, quer dizer, como um efeito do nome do pai. A questão de assumir o lugar do analista para os outros pode articular-se a esse saber, lá onde o analisante "sabe" os efeitos das modalidades do desejo de um pai. Consentir em ocupar esse lugar de analista pode ser uma resposta a um saber sobre os efeitos da posição do pai no lugar do desejo. Há numerosas ocorrências que podem presidir a esse "consentimento" no final de análise - tantas ocorrências quanto passantes, cabe a cada um demonstrá-lo.

De qual natureza é a decisão necessária ao ato analítico? É este um consentimento, uma escolha forçada ou uma decisão? É, às vezes, uma questão muito viva, cujas coordenadas poderiam esclarecer o desejo do analista.

Após o tratamento e o procedimento do passe, permanece alguma coisa que é, ao mesmo tempo, alívio e seriedade. Alívio porque desalienada da fantasia e do Outro e séria porque atada a uma nova orientação, surgida como central, evidente, destacada de todo objeto e de que o sujeito tem como responsabilidade suportar doravante o saber e suas conseqüências. Suportar o saber, isto é sério.

Lacan fala de entusiasmo. É um entusiasmo que não é levado pela identificação a uma causa, mas ligado ao encontro do "que causa"; é a diferença entre qualquer causa militante, que identifica e a causa analítica. Este encontro com "o que causa", sob as espécies do objeto a, pode orientar um sujeito na via da psicanálise, mas não é a única possibilidade; alguns, como Pierre Rey, testemunharam sobre outras decisões como sair do campo da psicanálise para seguir uma outra via, a partir do que foi apreendido, em particular, a da criação. A psicanálise não é a via da criação.

Finalmente, dizer que um tratamento produz um analista é, simplesmente, dar ao tratamento um ponto de visada e assinalar até que encontro o tratamento deve continuar; mas um analisante pode dizer "não".

Lacan dizia mesmo que estes eram os melhores, o que possui todo um interesse. Por que para um sujeito uma escolha se imporia ou uma decisão valeria mais do que uma outra, no sentido do valor? É nestes termos que a questão pode ser abordada?

O que o causa vem da inscrição na linguagem e da perda que se segue e, logo, da maneira pela qual o sujeito se constitui no Outro do desejo, onde ele encontra sua inscrição como sujeito desejante, mas desejante do desejo do Outro.

O sujeito pode, no final da análise, optar por uma posição onde o que ele aprendeu da falta-a-ser, ele o sente como não podendo se esquivar disso. É a vertente escolha forçada, um "não é possível não", a psicanálise não larga, então aja! É também o lado incurável da neurose, ocupar o lugar do analista, quer dizer, daquele "que não recobre a castração", mas que terá por função levá-la às suas mais extremas conseqüências; e conduzir aqueles que demandam uma análise a esse ponto de encontro, pode se impor como questão crucial. Mas nesse ponto, ninguém pré-julga ainda a resposta.

O que o sujeito aprendeu sobre o desejo não é suficiente para evidenciar sua decisão em assumir esse lugar, é preciso ainda um "esforço", pois, por que esse lugar valeria mais do que os outros?

O analista não é um bom samaritano que quer fazer o outro aproveitar de sua descoberta, na idéia de seu bem; ao contrário, ele estaria mais inclinado a ir embora sem olhar para trás.

Não é uma posição invejável, posição onde nem o objeto, nem o narcisismo guiam em posição de analista. É preciso muito abandono e aceitação de perda.

É uma decisão na vertente do consentimento ligado ao que vale do desejo, ligado ao que, se o desejo se orienta pelo que falta, ele vale mais do que todos "os objetos do mundo", é uma conclusão lógica. O analisante poderá, então, decidir ocupar esse lugar de semblante de objeto.

Falar do que vale é difícil porque o preço para cada um do que vale não está inscrito em nenhum lugar, não há modelo. Isso é transmissível ou pode ser experimentado? Lacan chama isso um Ato. Aquele que se engaja no procedimento do passe pode esforçar-se em dizer a qual lógica o Ato presidiu. É a única maneira de avançar sobre a questão do que é uma análise levada ao termo de produzir um analista.

* Texto publicado na Revue de l'École de la Cause Freudienne, nº 27, 1994.
Tradução: Rosângela Corgosinho

Referências Bibliográficas:

1. Lacan Jacques. *Proposition du 9 octobre 1967 pour la procédure de la passe*, Scilicet, nº 1, p. 24.
2. Lacan j.. *La direction de la cure*, Écrits, Paris, Seuil, 1996, p. 634.
3. Lacan j.. *Discours à EFP*, Scilicet, nº 2/3, Paris, Seuil, 1970, p. 19.
4. Idem. p. 23.

A ESCOLA, O PASSE E O REAL DA EXPERIÊNCIA PSICANALÍTICA

Andréa H. Fernandes

Alguns psicanalistas fizeram escola, influenciando outros analistas, ao se engajarem num esforço de cura. Esta situação fez com que Freud, em 1937, alertasse os analistas para, ao invés de se indagarem sobre como se dá a cura pela análise, se interessassem pelos obstáculos que se colocavam no caminho que levava ao final de uma análise[1]. A advertência freudiana é retomada por Lacan quando percebe que existe na clínica um real e vê como única forma possível para o analista lidar com isso a condução da análise até o momento final em que o analista é reduzido ao objeto *a*.

Como nos mostra a história da psicanálise, o tema sobre o final de análise, tal qual foi tratado por Ferenczi, foi diversas vezes comentado por Freud. Sabemos que Ferenczi, de início, adotou na sua clínica a interdição de satisfações substitutivas, orientando-se, então, pelo princípio freudiano da abstinência. Entretanto, ele acreditava que para conseguir conduzir as análises até o final era necessário acelerar o processo analítico; para isso ele provocava a atualização da fantasia na transferência e depois agia em favor da sua interdição. Como resultado houve o aumento das resistências, o que o forçou a abandonar a técnica ativa e passar à neocatarse. Num intervalo de dez anos, ele muda de opinião sobre o que permitiria ultrapassar as resistências na análise. Para ele, a neocatarse poderia alcançar tal objetivo, pois esta se baseava na idéia dos transtornos psíquicos estarem associados ao fato de que o primeiro encontro da criança com o mundo adulto tivera sido traumático. Logo, Ferenczi defende, com a neocatarse,

ser preciso proporcionar gratificações aos pacientes para assim criar uma relação com o Outro sem a presença da frustração.

No texto *Análise terminável e interminável*, Freud tece alguns comentários sobre o que Ferenczi teria dito sobre "*o problema do final da análise*[2]". Nesta ocasião, Freud retoma o que tinha dito nos textos sobre a técnica psicanalítica. Ele fala que o analista deve conduzir a análise em estado de frustração e que o tratamento deve ser praticado sob abstinência.

Muitos trabalhos de Freud e Ferenczi interrogam os meios que levam ao final da análise. Segundo Ferenczi, Freud, nas primeiras comunicações sobre a técnica, deixava um espaço livre a outros métodos de trabalho em psicanálise, fora o seu. Esta situação favorecia que a técnica psicanalítica fosse pensada como algo de individual, que estava relacionado à pessoa do analista. Entretanto, nos diz Ferenczi, depois da introdução da "segunda regra fundamental" da psicanálise, as diferenças na técnica psicanalítica começaram a desaparecer[3]. A regra em questão preconizava que toda pessoa que quisesse praticar a psicanálise deveria ela mesma submeter-se a uma análise.

Ainda em outro texto sobre a técnica, Freud diz que na psicanálise existem diferentes maneiras de trabalhar, mas, por outro lado, a resposta para as questões da técnica em psicanálise nunca é coisa rotineira[4]. Ele afirma que "embora haja talvez mais de um bom caminho a seguir, existem ainda muitíssimos maus, e uma comparação entre os diversos métodos não deixa de ser esclarecedora, mesmo que não conduza a uma decisão em favor de algum especificamente[5]".

No que tange a Ferenczi, sendo seu objetivo principal descobrir como chegar a analisar uma pessoa a fundo, ele foi levado a inventar novas técnicas psicanalíticas. Na época da neocatarse, mais especificamente, ele defende a necessidade de encontrar o fato traumático e fazer com que o paciente o reviva, de outra maneira, na análise. Como a origem do traumatismo remontava a mais tenra infância, para alcançar seu objetivo de realizar uma análise a fundo, ele acreditava ser preciso dar gratificações ao paciente que no passado tinha sido frustrado.

Para Ferenczi, a questão de analisar a fundo estava associada à análise do analista, tema que Lacan vem interessar-se muitos anos mais tarde através do passe. A tese de Ferenczi é que "toda pessoa que foi analisada a fundo, que aprendeu a conhecer completamente e a controlar suas inevitáveis fraquezas e particularidades de caráter, chegará necessariamente nas mesmas constatações objetivas, no decorrer do exame e do tratamento do mesmo objeto de investigação psíquica e, por via de

conseqüência, adotará as mesmas medidas táticas e técnicas[6]". A análise do analista é descrita, neste caso, de forma idealizada - o que não acontece no passe lacaniano, pois neste, o analista é apresentado como um rebotalho[7].

Ainda, com relação à técnica adotada por Ferenczi para diminuir a duração do tratamento e conseguir analisar a fundo, Freud, já em 1913, faz o seguinte comentário:

"Eu percebo que nossas divergências se dão sobre um detalhe técnico que vale a pena ser discutido. Você não dissimulou o fato de abraçar seus pacientes e de deixar que seus pacientes o abracem; eu também ouvi isto dos meus pacientes. Mas quando você decidir explicitar detalhadamente sua técnica e seus resultados, você terá de escolher entre duas possibilidades: ou você conta isto, ou guarda para você...

Na nossa técnica, nós temos defendido que as satisfações eróticas devem ser recusadas aos pacientes...

Imagine quais serão as conseqüências da publicação de sua técnica. Não há revolucionário que um outro revolucionário mais radical não suplante...[8]".

De fato, se sob um aspecto a influência de Ferenczi não chegou à fundação de uma escola ferencziana de psicanálise, uma vez que não temos analistas ferenczianos, sob outro aspecto, seu prestígio agiu sobre muitos outros analistas. Dentre eles, nós encontramos os húngaros Michael Balint, sendo seu representante maior. E ainda, sua influência ultrapassou as fronteiras, uma vez que encontramos vestígios da mesma em Winnicott, que morava em Londres[9]. Podemos encontrar esta aproximação entre Ferenczi e Winnicott, no seminário de Lacan, *O Ato Psicanalítico*.

Sobre o ato analítico, Lacan fez questão de afirmar que ele não foi visto, percebido ou discutido antes dele na psicanálise. Referindo-se ao momento eletivo da passagem do psicanalisante à psicanalista, este ato diz respeito a um dizer que muda o sujeito e não a um ato no nível de uma ação do analista. Contrariamente à definição de Lacan do ato analítico, tanto Ferenczi como Winnicott deram provas, na clínica, de que o analista deveria agir em análise de forma a propiciar uma nova relação do paciente com o Outro.

Retomemos um dos momentos onde percebemos que estes dois autores estão associados. Isto ocorre em meio aos elogios que Lacan endereça a Winnicott; ele o define como "um bom psicanalista[10]" e um "autor excelente[11]". Entretanto, quanto ao ato psicanalítico, ele diz que há a perda do psicanalista[12]. Segundo Lacan, Winnicott toma uma via contrária à do ato analítico, já que "ele adota a posição de fazer, pela qual ele assume,

como se exprime um outro analista, responder a todas as necessidades do paciente[13]". Como sabemos, foi justamente Ferenczi que preconizou que o analista devia dar gratificações aos pacientes para assim possibilitar uma reconciliação com o Outro.

Um outro ponto a ser destacado é que se de um lado, Ferenczi era capaz de sacrificar seu próprio conforto para conseguir levar uma análise até o seu final, de outro lado, Winnicott também não se abstinha. Para este último, era necessário que o analista funcionasse como uma "mãe suficientemente boa"; assim, encarnava um Outro sob medida e esta era a condição para fazer emergir o verdadeiro *self* do paciente, que se encontrava escondido por detrás de um falso *self*. Seguindo a linha revolucionária inaugurada por Ferenczi, Winnicott contribuiu com o seu próprio *self* para conduzir o paciente, através da regressão, até o seu verdadeiro *self*.

As tentativas ferenczianas e winnicottianas de criar um Outro sob medida produziram modificações na técnica freudiana e favoreceram novas concepções de final de análise.

Ferenczi concebeu o final de análise como o momento no qual era possível ultrapassar o complexo de castração. Compreendendo a ambição reparadora posta em prática na clínica ferencziana, Freud, conhecendo os obstáculos que se colocam no caminho da cura - entre eles o complexo de castração - adverte que se no final da análise há algum tipo de travessia, esta diz respeito a uma modificação na posição subjetiva do sujeito.

Talvez possamos compreender porque Freud quando trata da questão do final da análise mantém uma interlocução com Ferenczi. O que Freud está tentando fazer é chamar a atenção dos analistas sobre os "perigos da análise" para o parceiro ativo da situação analítica, o analista, em razão do mau uso da transferência na análise. Pois, como o diz Lacan, "o analista é aquele que sustenta a demanda, não, como se costuma dizer, para frustrar o sujeito, mas para que reapareçam os significantes em que sua frustração está retida[14]". Dentro dessa lógica, quando Ferenczi responde às demandas dos pacientes, ele desconhece a dialética do desejo no tratamento, e trata os objetos do desejo da mesma maneira que os objetos da necessidade. Sua função em análise está vinculada a permitir uma reconciliação lá onde o Outro falhou; dito de outro modo, ele busca esconder a falta do Outro. Logo, o final de análise ferenciziano visa atender expectativas idealizadas.

Quanto a Winnicott, no final da análise encontramos um verdadeiro *self* resultado não de uma produção da análise, mas de um reencontro conduzido pelo analista. Isto acontece quando o analista abandona o ato

analítico e decide assumir o papel da "mãe suficientemente boa". Desse modo, o *self* do analista vem no lugar do objeto real que faltou à criança no início de sua vida, devido à ausência de uma "mãe suficientemente boa".

Estas duas proposições de final de análise puderam alcançar resultados terapêuticos. Nós sabemos que no final de uma análise podemos encontrar efeitos terapêuticos, mas eles não são suficientes uma vez que existe um real no tratamento psicanalítico que vai ao encontro à "fé fanática" de curar.

O real da experiência analítica revela que uma análise é didática na medida em que o psicanalisante vivencia a redução do psicanalista ao objeto *a*. Desta experiência, o analisante extrai o ensinamento de que não poderá estar no ato analítico, a não ser que consinta em expor a si mesmo a este tipo de destituição.

Assim, se com Lacan podemos conceber que o ato "está ao alcance em cada entrada de análise[15]", consequentemente, a sua Escola se sustenta na perspectiva de que aqueles que experimentaram o ato analítico possam testemunhá-lo no passe. É através do testemunho do passe, enquanto ele traz em si o real da experiência psicanalítica, que podemos esperar que a escola[16] de Lacan permaneça viva.

1 Freud, S., "Análise terminável e interminável"(1937), in *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII, Rio de Janeiro, Imago, p. 252.
2 Ferenczi, S., "O problema do fim da análise"(1927), in *Obras Completas* – Sandor Ferenczi, vol. 4, São Paulo, Martins Fontes, 1992, pp. 15-24.
3 Idem, "Elasticidade da técnica psicanalítica"(1927), in *Op. Cit.*, pp. 26-27.
4 Freud, S., "O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise"(1911), in *Op. Cit.*, vol. XII, p. 121.
5 Idem.
6 Ferenczi, S., "Elasticidade da técnica psicanalítica"(1927), in *Op. Cit.*, pp. 26-27.
7 Ver Lacan, J., "Note Italienne", in *Ornicar?*, nº 25, Paris, Navarin, 1982.
8 Freud, S., /Ferenczi, S., *Correspondance*(1920-1933), vol. 3, Paris, Calmann-Lévy, 2000, p. 477.
9 Ver sobre isto o posfácio do Diário Clínico de Ferenczi. Ferenczi, S., *Diário Clínico*, Martins Fontes, São Paulo, 1990, p. 267.
10 Lacan, J., *O Seminário*, O Ato Psicanalítico, inédito, aula do dia 29 de novembro de 1967.
11 Idem., aula do dia 6 de dezembro de 1967.
12 Lacan, J., "Comptes rendus d'enseignements"(1964-1968), in *Ornicar?*, nº 29, Paris, Navarin, 1984, p. 21.
13 Lacan, J., *O Seminário*, O Ato Psicanalítico, inédito, aula do dia 6 de dezembro de 1967.
14 Lacan, J., "A direção do tratamento e os princípios de seu poder"(1958), in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 624.
15 Lacan, J., "Comptes rendus d'enseignements"(1964-1968), in *Op. cit.*, p. 21.
16 Chamamos a atenção do leitor que ao fazermos referência a escola de Lacan estamos nos referindo a corrente da psicanálise estruturada a partir do pensamento de Jacques Lacan.

DE UM OUTRO IMPASSE

Encontro internacional dos FCL, 1 e 2 de julho de 2000

Colette Soler

Gostaria de abordar de frente uma questão crucial, que geralmente é tocada somente de forma tangencial: em que a Escola tem efeitos no tratamento? Dito de outra maneira, analisa - se de maneira diferente e melhor numa Escola do que fora de uma Escola? Porque, do contrário, qual seria sua utilidade? Mais genericamente, em que as análises são função do estado das comunidades analíticas, quer dizer, do discurso que este comanda.

Lacan evocou esse ponto no seu "Discurso à EFP" de 1967. Ele diz, ao falar do passe, contestado naquele momento: "Minha proposição mudou apenas numa linha a demanda de análise com fins de formação. Essa linha foi o suficiente, contanto que se soube sua prática." De fato, como a demanda de análise didática, seja qual for o momento em que surge, no início ou no curso de uma análise, assim como a resposta que o analista dá a essa demanda, como seriam elas, uma e outra, sem relação com as expectativas de final, com o que se pode exigir de sua conclusão? Já nesse sentido, a existência ou a não existência do passe tem efeitos de retroação no conjunto dos analistas. Resta ainda se perguntar qual é o sinal desta modificação: positivo ou negativo? Já foi dito: tudo o que não é proibido torna-se obrigatório. Como disse Lacan, o desejo que sustenta a invenção do dispositivo pode, em certas conjunturas, se degradar em efeito de super-eu coletivo. Algumas pessoas já se preocuparam com isso e eu retornarei a esse ponto.

Começarei por desenvolver uma tese, que creio ser fundamental.

Sabe-se que Lacan dissipou a distinção escorregadia entre análise pessoal e análise didática, com apenas uma fórmula: "a psicanálise, didática". Quer dizer, - mas se tem a devida dimensão? – não existe outra, uma outra assegurada, em todo o caso, pois se o sujeito não fizer ensino, ainda assim, pode haver efeito terapêutico; o efeito analítico , o que é propriamente didático, permanece indecidível. Por conseguinte, deve-se estabelecer a identidade, como o fazia Lacan: "da psicanálise didática e do ensino da psicanálise". Frase inevitável e a ser lida nos dois sentidos: uma análise é didática na medida que tenha sido um ensinamento para o sujeito, mas como sabe-lo sem um ensino que fale do que seja a psicanálise e que diga o que ela ensinou? Neste sentido, aliás, o AE não é um didata, é antes um "ditatisado" de sua psicanálise, se me permitem o neologismo.

Paralelamente a essa tese, tento explorar uma outra, à qual está em conexão. Eu a formulo assim: há identidade do problema da Escola com o problema de cada psicanálise. Uma e outra não visam com efeito, a nada diferente do que chamei *Aufhebung*, a ultrapassagem das verdades particulares e das singularidades sintomáticas de cada sujeito, em direção ao desejo do psicanalista. Logo, um objeto comum. Ora, esse desejo é um "ponto de absoluto": sem o passe ao desejo do analista não há ato analítico possível e, sem o ato analítico, não há psicanálise. Para operar contra o recalque, contra a escolha natural do "eu não penso" e da recusa de saber, é preciso esse ato que supõe esse desejo, a ser definido como um desejo anti-recalque por excelência, o que faz seu parentesco com o desejo de saber e que indica, acredito eu, que ele possa ser encontrado fora do tratamento, naquele mesmo que não quer tornar-se analista. Temos como sabido que esse desejo é produzido pelo tratamento, mas a questão é saber se ele não deve alguma coisa à Escola. É o que implica a noção de Escola como experiência original.

Começo pelo tratamento. Lacan construiu a topologia que articula passe e impasse, sendo os dois solidários. O passe no qual uma psicanálise encontra seu ponto de basta final só é pensável pelo impasse. De onde a tese de Lacan: o sucesso só chega à via analisante por aquilo em que ele falhou. É necessário, ainda, precisar que não se trata de um impasse qualquer. Falamos, de bom grado, de impasses próprios a um sujeito, e até mesmo dos impasses de uma vida e, é claro, de tratamento em impasse.

Mas o impasse em questão é impasse de estrutura que se deve à própria linguagem, ao fato de ser falante e que é, pois, para todos, universal. É Lacan quem o batizou com este termo porque, na psicanálise, ele tem ainda outros nomes. Castração é o seu nome freudiano, a não - relação sexual é a tradução lacaniana; impasse do sujeito suposto saber, de fato, a

aplicação ao tratamento introduzido na Lógica da Fantasia. Esse impasse designa um impossível, inerente à serie associativa, que, por estrutura, fracassa em bastear sua própria cadeia e, pois, não produz nada de outro enquanto tal, senão uma significação de castração. O inconsciente não conclui, a coisa extima que deriva na metonímia permanece inapreensível.. Esse impasse condiciona o passe, ou seja, o que chamarei, de boa vontade, um forçamento possível do impasse o qual, no entanto, sobrevive ao forçamento. Na diacronia do tratamento, da mesma forma que a palavra do poeta pode emergir no lugar do objeto indizível, uma percepção, um dizer podem se produzir, de maneira tal, que basteiem o impasse. Mas essa saída só é pensável porque a diacronia do tratamento desdobra, no tempo, uma sincronia que não é a do significante único, mas de seus nós com o fantasma- ou sintoma, segundo a definição que se dá a esse termo.

Há bem um passe possível após a longa passagem pela experiência da prova reiterada pelo impasse desse SsS2. Um passe que basteia todo o processo, que conclui e que dá, pois, sua solução ao impasse. Isso nos obrigaria a dizer que o passe inédito se conclui numa solução cujo núcleo não estaria aí, se já não estivesse, no essencial, mas que não se adequaria ao sujeito, e, até mesmo, que o horrorizaria. Nós o sabemos, a castração está inscrita no seio do inconsciente: horror! Horror intransponível, segundo Freud, que disse a verdade. Mas o Horror está foliado, se posso dizer assim, há um outro extrato desse horror, de onde se reduplica o " eu não quero saber nada disso" do sujeito que está no princípio da defesa propriamente neurótica e do recalque que ela engendra. Esse horror pára frente à solução de gozo que responde à castração. E é esta que o passe pode atravessar sem, no entanto, resolver a própria castração que é real. Freud tinha razão, mas Lacan não está enganado: a castração, por mais intransponível que seja, não constitui o impasse ao tratamento. Uma psicanálise se julga por esse ponto de basta final que conclui um processo, mesmo que esse ponto possa se repetir, e é somente nesse ponto que podem ser postas as condições do desejo do analista. Neste sentido, identificar - se ao sintoma ou saber fazer com ele, como gostam de dizer, é, sem dúvida, um progresso para a neurose, mas está longe de ser o fim do fim para o analista. Sem a conclusão de passe, o sujeito poderá registrar efeitos terapêuticos positivos, poderá dar provas sobre a impotência de concluir da associação livre, ele poderá, até mesmo, ter aprendido alguma coisinha sobre si mesmo e, daí, ele poderá, sem dúvida, colocar um fim com a idéia de que, no fundo, não há fim, mas o efeito propriamente didático permanecerá truncado.

Ora, ao contrário do impasse do SsS2, que é real, porque se refere

a um impossível, que não cessa de não se inscrever, o passe, este, só é possível. O impasse é para todos, o passe não é para todos, de fato. À parte de *autômaton* que há na elaboração de transferência, não responde nenhum *autômaton* de virada final. É que essa virada coloca a aposta mais do que a percepção do impasse. Põe em jogo o julgamento mais íntimo do sujeito, aquele em que a lógica e a ética se confundem. É por isso que, em outra ocasião, falei do "analisante lógico". Dito de outra maneira, o passe no dizer que conclui é um ato no sentido forte, ou seja, uma ruptura de causalidade, o ato introduzindo-se, em hiato, como uma causa nova. Aliás, um problema para os cartéis, me parece. Se eles não perceberam a dimensão de que o ato de passe é indedutível, de que o passante pode explicar tudo da conjuntura, mas nada do ato propriamente dito, não saberão autentifica-lo. Esta contingência do passe explica muito bem o seguinte: que analistas supostos haver tido a mesma experiência, pelo menos em alguma coisa, possam dizer, seja, que uma análise não tem outro fim além de sua parada, ou seja, o extremo oposto, como afirmamos junto com Lacan, que há um passe onde o interminável do impasse se resolve pela destituição, dando ao tratamento sua conclusão.

Isso, é claro, porque o passe sendo apenas possível, e, aliás, nem mesmo necessariamente freqüente, a verificação caso a caso se impõe ao dispositivo. Aqui o nó com a Escola já aparece. Não vou insistir sobre este ponto, relativamente evidente.

Mas isso não é tudo, este nó tem um outro fundamento. Produzir o desejo do analista no tratamento e verificá-lo no dispositivo de Escola, ainda não é suficiente. Há que se sustentar esse desejo. Com efeito, não apenas o passe é só possível e efêmero, assim como o instante do fantasma, sempre a recomeçar, pois, por pouco que ele diga de novo, o sujeito retorna ao impasse.

O desejo do analista permanece longe da indestrutibilidade que Freud atribuía ao desejo inconsciente. A transformação que um sujeito sofre numa análise terminada é, certamente em muitos pontos, irreversível. O ensinamento que tirou dela, indelével.

Mas o desejo, que brota daí, não é indestrutível, é sobretudo episódico e bem precário. É precisamente para compor suas eclipses que a Escola se impõe. Cabe a ela, não se encarregar, o termo seria impróprio, mas, digamos, entreter, no prolongamento do tratamento, o desejo que este produziu. Porque, não esqueçamos, esse desejo do analista, como qualquer outro, é um efeito de discurso que se entretém, se pontua, se corrige, e, oportunamente, também se restaura, enfim o que se causa e não de uma vez por todas. Disso resulta que é contraditório, frente à estrutura, o querer

o passe sem querer a Escola onde esse efeito de discurso se sustenta. Retornarei a este ponto.

Volto, pois, à função de Escola em sua relação com os impasses e passes em direção ao desejo do analista. Ela começa com a verificação que se opera no dispositivo, mas ela não pára aí.

A verificação se impõe mais do que nunca no contexto atual, em que os analistas existem e cada vez mais numerosos. Mas quem são esses psicanalistas senão "aqueles que se declaram como tal", como dizia Lacan em 1973? É a única profissão em que basta se declarar como tal para se crer que seja. Se dizer tal, para si mesmo, pode, efetivamente, já ser um sinal. Que Freud tenha podido, só e o primeiro, se declarar enquanto tal, é alguma coisa de inaudita e vale, de fato, como prova de um desejo que estava lá, único e verdadeiramente novo. Hoje é quase o inverso. Autorizar - se, afirmando-se como tal, é de tal forma admitido na doxa que vale como sugestão, quase pré - autorização, até mesmo norma de fim. A coisa está de tal forma banalizada, tão frouxa após alguns anos de análise, que, prontamente, o recuo de alguns sujeitos, diante dessa indução de grupo, seria quase um sinal de que eles estão mais próximos do que outros do desejo do analista.

Existem, pois, dois estratos quando dizemos os analistas. Há os que se dizem tal, eles existem independentemente do mundo, mas isso não prova nada. É justamente porque isso não prova nada que, mais do que nunca, é necessário "provar a formação", segundo a expressão de Lacan em 70 e não negligenciar o segundo estrato, o do analista autentificado ou que deu suas provas.

Essa distinção reflete-se, aliás, imediatamente sobre o didata. Lacan simplificou sensivelmente sua fórmula, sabemos, dizendo que só há didata de fato. É didata quem conduziu uma análise ou várias análises, que se confirmaram didáticas; estando a carreira, desde então, aberta a qualquer um, mas o desdobramento precedente reaparece: elas são confirmadas por um ou pelos que se declararam como tais, ou por um ou pelos que foram autentificados. No que diz respeito a dar provas, há diversos gêneros. Há, inicialmente, "a experiência enquanto avaliada pelos outros", entendam, os outros da mesma comunidade necessariamente, há, em seguida,o ensinamento digno deste nome. Lacan é o exemplo, ele que, quando foi posto em questão por todos, forneceu o que eu chamarei a prova pelo Seminário que vai muito além da própria psicanálise; e depois, sobretudo, há a prova pelo passe, essencial, em que o analista é autentificado pelo testemunho de sua análise, didática.

Eu sempre disse que, na minha opinião, uma Escola deve se apoiar

sobre o alicerce de uma associação que agrupe os que demandaram estar nela. Isso não impede que uma Escola de psicanálise não seja, enquanto tal, uma associação profissional: ela não tem outra realidade, a Escola, além do discurso, ainda que o discurso também suponha dispositivos.

Todas as indicações de Lacan, como as leio, realmente todas, a especificam pelo trabalho e pela elaboração em todos os níveis. Quer dizer que a prioridade é dada à posição analisante. Por que não falar do analisante de Escola? Eu não digo analisante da Escola. É analisante de Escola aquele que acrescenta, ao trabalho do tratamento e das supervisões, o trabalho de elaboração- prefiro este termo ao de pesquisa, vou dizer porque- aos outros níveis, leitura, estudos, a própria produção. Ler as formações do inconsciente não é, certamente, a mesma coisa que ler ou mesmo, às vezes, produzir um texto, mas são, de qualquer forma, tarefas analisantes. E quando se pergunta, entre parênteses, quem pode entrar na Escola, pois não é todo mundo, poderíamos até ficar tentados a inverter a idéia comum e, preferindo o analisante de Escola ao analista quando este está irremediavelmente instalado fora da via analisante, dizer: ninguém entra se não for analisante ou analisante de Escola em potencial.

Mas, no que diz respeito a isso, vocês perguntarão: não há muitos analisantes de Escola aqui e ali? Na verdade não. É certo que o analisante de Escola trabalha, mas nem todo trabalho é analítico. Ele só o é quando introduz, efetivamente, contra o recalque, porque, na psicanálise, somente há saber que se ganha seja do recalque ou da foraclusão - diferentemente da ciência. Emprego esse termo freudiano de recalque, mas eu o especifico. O saber que se inventa, ou antes, o dizer do saber que se inventa, se ganha sempre, não do recalque, mas do ponto de foraclusão da estrutura. S (A barrado). Quanto ao saber que já está aí, já elaborado, depositado no texto de cada inconsciente ou nos textos de doutrina, ele deve ser reconquistado a cada vez e ser recebido, de novo, do recalque sempre atuante. É por isso que o termo de pesquisa que convém à ciência, ocupada com o saber no real, não convém verdadeiramente para a psicanálise. A ele, prefiro o termo de elaboração, *in progress*, se possível.

Ora, entre o analisante em tratamento e o analisante de Escola há uma diferença: é que, além de seu próprio recalque, o analisante de Escola deve trabalhar contra o recalque de grupo, o recalque que veicula a doxa do grupo que assenta a Escola.

Não importa que se possa, assim, encontrar um analisante de Escola sem Escola. A recíproca é que não é verdadeira, infelizmente, e nós sabemos, muito bem, pela experiência que muitos de nós acabaram de atravessar, que se pode também trabalhar em uma associação dita Escola...

para consolidar o recalque.

Todo o coletivo se funda com esse recalque. Num sentido mais amplo, todos os laços sociais não analíticos, mesmo o discurso da histérica que pretende amar o saber, funda-se com o recalque e se estabelece em um " eu não quero saber nada disso". Na Carta aos Italianos, Lacan evocava, vocês se lembram, o horror da castração "próprio" a cada um. Esse termo se refere, precisamente, ao horror que não é próprio, o horror de grupo, se posso dizer, embora suas formas sejam variadas e relativas às diversas conjunturas. Freud aproximou bem a natureza do recalque de grupo. Como todo recalque, ele instaura uma relação de defesa frente ao real, que se serve do significante mestre, mas encarnado aí em um objeto. Tal é o impasse próprio do grupo. No próprio tratamento, o objeto da transferência, instituído via saber suposto (e, logo, a ser escrito: a/S2), transforma-se, quase automaticamente, na idealização (melhor escrita: a expondo o I do ideal), mas o desejo do analista trabalha contra esta instituição idealizadora do objeto, e obtém, o que é o mais freqüente, a sua queda ao final do processo e sua redução à única função da causa. Daí a questão, mais que questão, a necessidade de encontrar uma função homóloga ao desejo do analista para fazer frente ao impasse próprio do grupo.

As formas desse impasse variam na história. É preciso tempo para que o recalque de grupo opere e, sobretudo, para que se torne legível, mas podemos, no *a posteriori*, fazer um diagnóstico de sua forma preferencial em cada conjuntura da instituição analítica. Na IPA é o mais legível e o mais declarado: é o *standard* instituído e, principalmente, o do didata instituído que, mascarando a foraclusão estrutural, abre para o recalque das singularidades subjetivas e do ato. Na EFP, vimos emergir, após algum tempo, algo como uma suplência espontânea do objeto *standard* da IPA. Os chefes de equipe, modelos surgidos espontaneamente, múltiplos e divididos (desenvolvi este ponto, em julho de 80, em Caracas). Lacan teve muitos termos para designar isso, chegando até o "asno-a-lista". A EFP tinha deixado instaurar - se uma fragmentação interna que lhe foi fatal. Na AMP, como é conhecido, a voz-(e) (escrevam com z e com e também), a voz-(e) Una, maiúscula, substituiu as vozes justapostas que murmuravam na EFP, mas que permaneciam, ainda, encobertas pela voz de Lacan.

Será que já podemos imaginar, antecipadamente, qual será o nosso próprio recalque de grupo? O conjunto que formamos nos Foruns, vasto e heterogêneo, proveniente, no essencial, de uma experiência comum, apresenta vantagens imediatas, ou, pelo menos duas. Inicialmente, é o fato de que nossos Foruns são muito novos para que as estases do recalque

de grupo já estejam fixadas. Elas ainda são apenas embrionárias e, freqüentemente, seqüelas do passado, mas já perceptíveis, às vezes, o bastante para que possamos prever, acredito, apesar de todos os receios do retorno da AMP que ouvimos ecoar, que essas estases do recalque trabalharão mais a favor de uma fragmentação interna tipo EFP, ainda que sem Lacan desta vez, e ainda maior. Duplo inconveniente, porque o regime da justaposição das consistências de grupo não vale mais para uma Escola do que uma consistência unificada pelo Um, já que a Escola visa justamente à inconsistência do recalque de grupo.

Ora, o que pode operar contra esse recalque do grupo, contra as figuras idealizadas do sujeito suposto saber, que servem de defesa à hiância do Outro e ao gozo que a obtura, uma vez que a denúncia não serve para nada? Senão, como no tratamento, com a elaboração sempre analisante, seja no passe, nos cartéis, no ensinamento? Deixando claro que esta elaboração, ainda como no caso do tratamento, deve ser causada, na contracorrente. A homologia fica completa com isso. O que já seria uma razão para desejar o analisante de Escola, o que quer dizer que todos os analistas, incluindo os AEs, sejam A(d'E). A verdadeira permutação está aqui. É a que faz alternar a via analisante com a via analista, porque permutação, que opera no âmbito da gestão, não tem efeito na Escola.

A Escola, se ela quer ser, verdadeiramente, solução para o impasse próprio ao grupo, não pode se limitar ao dispositivo do passe. Ela deve, antes de mais nada, desenvolver o discurso que torne possível o funcionamento desse dispositivo, sustentando o desejo do analista, e eu poderia dizer, dos analistas. O ato que força as abordagens do real- tanto o real seja definido como impossível ou como o fora do simbólico, que os força contra o horror do sujeito e a despeito de seus suspiros- violência de que os analistas têm horror, segundo Lacan- o ato então é contracorrente demais para que o desejo, que o suporta, possa se sustentar sem o suporte das incitações de Escola, quer dizer, do próprio discurso analítico. Isso é da ordem do supereu? O próprio entusiasmo que Lacan evoca na Carta aos Italianos como o afeto eventual da heteronomia do real o mais êxtimo, não tem a mesma consistência desse real. Então, produzir a duras penas um desejo inédito, como resultado de uma análise, verificar esse desejo no dispositivo do passe e não criar em torno desse dispositivo as condições de discursos sem as quais esse desejo tem todas as chances de se deixar estrangular, sufocar pelo impasse de grupo, seria ilógico e faria falta para o discurso analítico. O analista e a Escola estão atados irremediavelmente: de um lado, é preciso o desejo do analista para que haja Escola. O AE deveria então ser a pedra angular, como analista da experiência da Escola,

quer dizer, como causa dessa experiência. Mas sem Escola, o que resta do desejo do analista, que, assim como o inconsciente e o DA, se perde em pôr sua própria natureza? Daí o círculo que não é vicioso: a Escola suporta o AE que sustenta a Escola que não é sem analisantes de Escola, pois uma formação se mede por sua potência anti-recalque.

Insistem muito no laço inédito que conviria aos analistas. Eu não o nego, mas não acredito que o essencial esteja aí. O essencial está antes em sustentar, favorecer a relação de cada um com a experiência analítica. Experiência que não se reduz à prática ou à clínica do tratamento, que inclui a prática, e, me arrisco em dizer, a clínica da Escola, à medida que os dois, tratamento e Escola são experiências em que se deve trabalhar para o mesmo discurso que sustenta e suporta o mesmo desejo... do analista. A criação da Escola punha no programa a "expansão do ato". Esta é a expressão do Discurso a EFP que designa a multiplicação necessária dos psicanalistas e, sobretudo, o aumento do perímetro do ato que deixa de permanecer aquartelado pelo tratamento e que vai até à instituição Escola. Isso é o mesmo que dizer que a cada vez que opomos, e o fazemos com freqüência, o interesse pela psicanálise de um lado e o interesse pelo problema da Escola de outro, estamos ao lado da placa - a placa lacaniana. Não só a Escola é um problema analítico no sentido forte, mas, reciprocamente, as psicanálises uma a uma, não deixam de lhe levar sua marca.

Eu retorno para terminar por onde comecei: a natureza do efeito de uma Escola sobre as próprias análises. Poderíamos pensar que esse efeito estivesse mitigado, se abordarmos a questão pelos passes falhados. A existência do discurso da Escola muda as expectativas analisantes a títulos diversos. Afirmando que a experiência é estruturada, ele lhes insufla a exigência de se encontrar nela; colocando o passe como possível, ele os faz esperá-lo. Por um pouco que o analisante fracasse numa ou noutra tarefa, o sentimento de impasse será tanto maior quanto, talvez, igualmente desencorajador. A possibilidade do passe faz, com efeito, aparecer como em impasse as análises que não o atingem. É, talvez, o que dá às vezes o sentimento de que a Escola sobrecarrega o analisante com um supereu suplementar que, no caso de passe falhado, só pode prolongar os tratamentos. Não deixa de ser verdade, mas essa visão é apenas parcial, pois o essencial da psicanálise está à mercê do desejo do analista, desejo sem o qual a prática se abate rapidamente a uma mera terapia. Para esse desejo, tentei mostrar, é preciso imperativamente uma Escola e, sem ela, o passe mesmo não tem nenhuma chance de produzir o que Lacan esperava dele. Eu insisto sobre o desejo do analista como condição primeira e

necessária, mas não quero dizer com isso que este desejo seja o suficiente para toda a psicanálise. Evidentemente, é preciso que se acrescentem todos os elementos que resultam de uma formação: de saída, um certo saber clínico, depois o que Lacan chamava o "savoir faire" do psicanalista que fixa, segundo ele, os limites da responsabilidade de cada analista e, finalmente, uma certa arte de interpretação.

Dito de outra forma, a inteligibilidade da estrutura, uma certa liberdade adquirida em relação ao sintoma próprio, uma atitude a se prestar à transferência e, talvez, também uma pequena alguma coisa como talento próprio.

Eu havia falado de um outro impasse. Vocês terão compreendido que se trata do mesmo, transferido para o lado Escola. Este só pode ser tratado da mesma forma, pelo trabalho abalizador. Não esqueçamos, pois, que o passe deve: "como o mar , ser sempre recomeçado".

Termino, deixando-os com uma questão. Não fiquem assustados, como eu estou, com estes momentos em que percebemos, num ou noutro e também em nós mesmos, temos testemunhos suficientes, a deflação, o desfalecimento do desejo que sustenta toda a experiência e, com ela, inseparável, a triste ascensão do discurso do desencanto, e até mesmo da depreciação da psicanálise em nome das aventuras lamentáveis dos psicanalistas. Esse discurso, se quer não-tolo mas, a meus olhos, simplesmente perdeu o fio da meada , o fio que nos reuniu e que funda a necessidade propriamente analítica da Escola.

DISPOSITIVO DE ENSINO

Maria de Fátima Alves Pereira

A questão da formação do analista tem sido sempre o móvel das grandes discussões, querelas e dissidências na história do movimento psicanalítico. Neste Fórum, a questão axial, a partir da qual a discussão será estabelecida pode, em suas linhas gerais, se resumir na pergunta de quais seriam os fundamentos que sustentam a prática psicanalítica.

Com relação ao dispositivo de ensino, nossa hipótese norteadora é a de que os *desvios no ensino* têm uma relação de congruência com os *desvios na doutrina.* A psicanálise não é um sistema que parta de conceitos claramente definidos, fato que normalmente ocorre, por exemplo, com os grandes sistemas filosóficos. Acha-se sempre *incompleta* e sempre pronta para *retificar* suas teorias, tal como as ciências da física - novas teorias subsistem às anteriores à medida que a *práxis* se estende para fatos não comportados pela teoria anterior.

Fundar uma Escola de analistas não é apenas nomear uma associação, mas estabelecer um tipo de funcionamento, em que o *saber teórico* e o *fazer técnico* articulem-se com o "particular da experiência do inconsciente", tal como Freud o conceberá. Ao contrário do ensino nos Institutos, onde a padronização da formação não leva em conta a transmissão desse saber particular que só a experiência do final de análise permite apreender, ou seja, *um saber sobre a falta estrutural*, - a Escola leva em conta esse ensino que cada analisante, a partir de sua experiência pessoal, pode transmitir na experiência do passe. O passe, nesse contexto, seria um dispositivo capaz de permitir a teorização a partir da própria análise, fazendo avançar a teoria.

Tudo isso nos leva a uma primeira dedução com base no texto de Freud de 1919 *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades*. Para Freud o ensino da psicanálise poderia ocorrer na Universidade por meio de aulas práticas associadas à pesquisa, quer seja na formação de médicos, como também nas áreas onde se concentra o ensino da arte, da filosofia e da religião. Contudo, conclui que *a aprendizagem da psicanálise não forma um analista.*

É preciso, portanto, distinguir o ensino sustentado na Universidade e o discurso sustentado na psicanálise. Para que o ensino da psicanálise tenha *valor formativo* é preciso que as aulas e os textos aí apresentados provoquem uma *elaboração de saber inconsciente*. Mais do que isso, é preciso que se provoque um *desejo de saber* (S2), ou seja, o surgimento de um saber que não se sabe. Assim, o ensino da psicanálise ao mesmo tempo que é da ordem de um saber inconsciente, se distingue do saber universitário. Ora, o saber consciente é o que tem se chamado *conhecimento*. Todavia, o dispositivo do ensino da psicanálise só contribuirá para a formação do analista se provocar a elaboração de um saber inconsciente, em que, por exemplo, ao se ouvir uma aula de psicanálise ela *provoque uma interpretação*. Para que essa idéia fique mais clara é preciso que afastemos do ensino da psicanálise a idéia de um saber cumulativo. Não pretendemos no ensino da psicanálise nem que o professor exponha um saber acumulado, nem que o aluno adquira um saber acumulado. O que queremos é que de repente o professor *diga algo que não saiba* e o aluno *entenda algo* que o professor não disse.

Joel Birman quando aqui esteve entre nós num simpósio da UFBa (1999), dizia que a transmissão da psicanálise está passando por uma crise porque o texto psicanalíco perdeu o poder de impacto, perdeu a perplexividade, a surpresa, a estranheza que outrora provocara. A estranheza deve-se ao fato de que a psicanálise não é redutível aos códigos de saber que estamos acostumados. O texto psicanalítico *não* tem as características do texto sociológico, antropológico ou filosófico. Também não é um texto literário. Esse código distinto que nos faz aprender o discurso psicanalítico assenta-se na diferença entre *saber* e *conhecimento* (como colocou Jairo Gerbase por ocasião desse Simpósio). Ouvimos o discurso científico como *conhecimento* e o discurso psicanalítico como *não-saber.* Ora, o saber anda, progride. O *não-saber* também progride. Assim esse código distinto que a psicanálise faz uso é o *não-saber.*

Daí, portanto, a grande dificuldade de se avaliar a *aprendizagem* em psicanálise com os métodos habituais utilizados nas Universidades em geral: - provas, testes; é que *não* se está transmitindo um saber cumulativo. Por não poder ser mensurada, a aprendizagem em psicanálise não pode

se circunscrever aos programas de crédito, comuns aos meios acadêmicos...

Por isso, podemos dizer que o ensino da psicanálise é necessário, mas não suficiente para formar um psicanalista. Isto não quer dizer que a formação teórica possa ser dispensada. Quando Freud refere-se a esse assunto em seu texto *" A questão da análise leiga "* (1926) destaca esses pontos com muita precisão:

"Nesses institutos os próprios candidatos são submetidos à análise, recebem instrução teórica mediante conferências sobre todos os assuntos que são importantes para eles, e desfrutam da supervisão de analistas mais velhos e mais experimentados quando lhes é permitido fazer experiências com casos relativamente brandos"... (p. 259).

Tudo o que colocamos até agora de forma alguma vai contra a hipótese inicial: - a qualidade de um psicanalista depende da psicanálise que o sustenta. Assim, quando a psicanálise deixa de lado o essencial da psicanálise que são as *manifestações discursivas do inconsciente* e busca um conhecimento mais "empírico" baseando no afeto, na vivência, na necessidade de amor, na agressividade latente e nos "devaneios psicológicos", termo irônico de Lacan para designar o "eu forte" do analista, o esgotamento das fantasias, a regressão instintiva, a psicanálise cai numa vulgarização psicologizante que inevitavelmente despreza os pressupostos da psicanálise.

Em *A Psicanálise e seu ensino* (Escritos - p. 440) Lacan se pergunta: *"O que a psicanálise nos ensina, como ensiná-lo?"* Em termos genéricos o processo de análise ensina algo – o inconsciente. Mas o texto referido é um texto denúncia aos rumos que a psicanálise vinha tomando, a essa época, em que temos um dualismo típico da psicologia anterior a Freud, em que o inconsciente se opunha à consciência, o instintivo ao intelectual, o passional ao racionalizado etc. Lacan termina por enfatizar que a única formação que se pretende transmitir àqueles que seguem esse percurso é o que ele resume com a expressão "estilo" (p. 460). O que Lacan quis dizer com isso? - que a psicanálise não é uma teoria a ser ensinada, só existindo a partir de uma *práxis* do psicanalista. Daí, a questão fundamental passa a ser - *como se forma um psicanalista, o que constitui sua formação*?

Se alguém quer se tornar um analista de orientação lacaniana, demanda uma análise a um analista que supõe sê-lo, suposição que só

pode operar na transferência analítica a partir do sofrimento pelo sintoma, e nesse caso, não se diferencia de qualquer análise. É por isso que Lacan assinala no Seminário 11 (p. 258): *"Não há senão uma psicanálise, a psicanálise didática"*. Contudo, só *a posteriori* uma análise pode ser considerada didática e a possibilidade de responder o que define um psicanalista depende essencialmente do analisante que o sujeito foi.

Então, *quem ensina na Escola são os analisantes e não os analistas,* enquanto "Suficiências", termo empregado por Lacan para designar aqueles que possuem um saber que se basta, um saber completo. Por isso, em relação ao ensino não há, idealmente falando, programas pré-estabelecidos, ensino oficial, pois o objetivo não é um ideal de analista a ser atingido. Mas, como pensar uma formação além da imagem ideal ?

Se a psicanálise enquanto método implica numa técnica que só pode ser definida no singular de cada caso, o que se pode transmitir desse particular? Como ocorre a articulação entre *transmissão/formação/ formalização* no que concerne ao ensino da psicanálise ?

A transmissão é o que o analista pode transmitir das análises que ele conduz. De um lado, o psicanalista se remete aos significantes em comum (ao universal) compartilhados num grupo, mas o que está em jogo é algo da *ordem do singular de uma experiência.*

Segundo Lacan, há duas vias a percorrer: a via do *estilo* e a *via do matema.* A via do estilo relaciona-se ao objeto *a* (o objeto da pulsão). Pela função do objeto *a* o sujeito questiona as identificações aos significantes que o representaram frente ao desejo do Outro. É o que se aponta como a travessia do plano da identificação imaginária. Essa travessia reconduz o sujeito à realidade pulsional, à realidade do inconsciente, que é diferente do relacionar-se com o outro frente a um " ideal de relação sexual ".

O objeto *a* marca o lugar do real na estrutura e define-se como um modo particular de relacionar-se com a *falta-a-ser*; essa seria uma condição humana universal (a falta). Em relação aos matemas, noção inspirada nas matemáticas na década de 70, visariam a uma transmissão que inclui o *real*, pois a escrita matemática seria uma forma de representar o real.

Em suma, a Escola como formação coletiva se organizaria em torno de um " furo" (a ausência de um conceito pré-estabelecido de analista), assim como o sujeito se organiza em torno de um furo, o objeto perdido, o recalque originário. Dessa forma, *a transmissão em psicanálise seria coerente com a doutrina da psicanálise.*

A Escola assim fundada, desconheceria padronizações pré-

estabelecidas, colocando a análise pessoal como central, em que os Cartéis seriam alternativas aos grupos de estudo e os Seminários às aulas tradicionais. O que distinguiria esse dispositivo de outros, seria a relação de transmissão que não estaria preocupada em responder à demanda de saber, mas *operar* considerando essa demanda.

À guisa de conclusão, o que podemos até o momento refletir sobre a formação do analista em relação ao dispositivo de ensino girou em torno de três aspectos fundamentais: a *doutrina*, a *instituição* e a *práxis* da psicanálise.

Da *doutrina* psicanalítica fica a pergunta: como *inovar conceitualmente*, sendo fiel aos princípios freudianos que fundaram a psicanálise? Essa questão tem um desdobramento *conceitual* e outro *político*. Conhecemos os desvios de Jung, ou a crítica que Lacan fez à Psicologia do Ego, enquanto divergentes dos conceitos fundamentais da psicanálise. No viés político, vemos o reconhecimento social de determinada concepção teórica, entendida como psicanálise. Essa contribuição teórica correria o risco de ser acatada pela via da identificação da lógica dos grupos e não da lógica da psicanálise, propriamente dita.

Por outro lado, confrontar a teoria com a realidade das instituições aponta para as questões propriamente institucionais. Se na psicanálise não se trata de governar é preciso se interrogar sobre o estabelecimento de uma política analítica.

Por fim, a *práxis* psicanalítica diz respeito à análise pessoal e à prática do psicanalista. Não se pode formar um analista apenas com o aprendizado teórico dos conceitos fundamentais e de uma experiência prática supervisionada. Isso porque é na experiência pessoal da análise que o sujeito se depara com a realidade analítica, o real da castração. *A posteriori*, aquele que ultrapassou os impasses do final de análise poderia dar provas da existência desse real, mesmo que às custas de um simbólico, por meio do qual, o real é apreendido " não-todo ". Os matemas seriam os auxiliares para falar desse real.

Ser analista, portanto, não é somente dominar uma teoria, nem ter acesso a uma técnica *standart*. A teoria vai poder fundamentar a técnica na particularidade de cada caso clínico, a partir do analisante que se foi - e o seu estilo é o horizonte de sua formação.

Nota

Esta intervenção teve como referência teórica básica o trabalho de dissertação de Mestrado de Taiana Brancher Coelho, denominado ***Psicanálise e Educação no Contexto da Formação do Psicanalista*** – UFMS/Campo Grande - MS; 1998 - 98 páginas.

FUNÇÃO: PASSADOR

Colette Chouraqui – Sepel

Houve um tempo, no curso de minha análise, em que eu colocava que os trabalhos clínicos, os quais apresentava, regularmente, no círculo de meus colegas mais próximos, mereciam ser expostos a um público maior. Eles testemunhavam de minha preocupação enquanto clínica e do desejo de transmissão que me animava; eles se tornavam, assim, um material de troca, ensino que assinalava minha transferência de trabalho com a Escola. Nesse contexto, eu pedi minha entrada na ECF e fui admitida.

Depois veio um outro tempo, o do fim de análise. Eu tinha dado forma, construído, depurado e reduzido esse caso clínico que era o meu. Ele se encontrava transformado em material transmissível de que se podia, como de tudo o mais, fazer ensino. Eu fiz o passe e fui nomeada... passadora!

Essa nomeação que surgiu, donde eu não a esperava, abriu, então, um terceiro tempo, inaugurado pela surpresa e continuado numa espécie de alegria. Eis que eu me encontrava passador e a preocupação clínica, assim como o desejo de transmissão que me acompanhavam, ainda e sempre, regozijavam com isso.

O que é pois um passador? Lacan o definiu como esse "psicanalisante no passe" e, também, como esse outro que, como o passante, *"o é ainda, esse passe"* (1). Estar e o ser, dois acentos que eu escutei na resposta do cartel: um lugar, uma tarefa. Assim, eu era nomeada, sem título, para uma função num dispositivo, eu me encontrava passador em função, fazendo função de passador, o que não deixava de me lembrar esses dois momentos em que psiquiatra balbuciante, depois analista

iniciante, eu tinha exercido a função de interna e depois de analista, encarnando, de certa maneira, uma suposta competência, na espera de um título que a autentificaria. Mas exercer a função de não é estar em função. Não se trata mais, aí, da função em seu sentido de semblante, mas de suas duas outras ocorrências. O passador em função, quer dizer, no exercício de sua tarefa, é também essa própria função, no sentido matemático que faz com que se correlacionem passante e cartel. Ele é, assim, a articulação, o pivô, a correia de transmissão, na junção dos dois tempos que constituem o dispositivo do passe.

O que ele faz? Ele acolhe, da própria vivência de seu passado, o testemunho que um passante veio depositar (2); fazendo isso, ele permite que este testemunho se destaque do passante e se transforme em objeto – testemunho. Desse testemunho, que ele fez advir, ele agora se encarrega. Por sua vez, é preciso que ele o leve até o cartel e o deposite lá. Este depósito, duas vezes depositado, duas vezes decantado, o cartel saberá acolher.

Como o passador opera? Eu concebi sua operação como a apreensão do fio lógico da deposição do passante. Esse fio, sozinho, permite à deposição se tornar demonstração, por meio de uma construção que só é convincente se ela disser respeito ao real do gozo do sujeito passante (3). Tal é o material do qual acreditei dever, como passador, fazer-me antes de tudo o veículo, depois de ter sido seu filtro seletivo, e até mesmo o ativador. É o que procurei sem encontrar, sempre. Às vezes me foi necessário rastrear, desvelar, revelar esse material, ou mesmo suscitar sua emergência, supô-lo, fabricá-lo. Pareceu-me que eu não tinha outra liberdade.

Tradução: Rosângela Corgosinho

Referências Bibliográficas:
1. Lacan, J., "Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École", Scilicet, nº 1, Paris, Seuil, 1968, p. 26.
2. Idem, p. 27.
3. Morel G., "On ne badine pas avec la tautologie", La lettre mensuelle, nº 125, Paris, janvier 1994, p. 38.

PSICANÁLISE: TRANSMISSÃO E ENSINO

Ângela Mucida

Uma questão percorre de imediato a leitura desses textos de 56/57 (A situação da psicanálise em 56 e A psicanálise e seu ensino): como eles interrogam acerca do ensino, transmissão e da situação da psicanálise hoje? Optando pela primeira parte da pergunta essa leitura traça, de alguma forma, pontos concernentes à segunda.

O que a psicanálise nos ensina, como ensiná-lo?, é a questão fundamental que recobrirá os dois textos, ou seja, trata-se de formalizar as teses que instituem a psicanálise como ciência e os princípios do programa de seu ensino.

Apesar de não haver ainda uma formalização mais precisa distinguindo ensino e transmissão, Lacan diferencia a coletividade dos analistas de uma sociedade científica fundamentada numa prática comum (LACAN -a- 1998:458). Critica também os institutos fundados pela instituição psicanalítica da época que não passavam de um ensino meramente profissional e não expunham em seus programas e planejamentos nada que ultrapassasse a uma escola de dentistas. Significando com isso que tais programas não faziam valer a tese freudiana da psicanálise em intensão e extensão. E em Situação da psicanálise em 1956 ele é incisivo ao afirmar que nessa situação, a falha não é de nível mental, mas uma falha no ensino que se alia ao erro teórico na doutrina. De que erro se trata?

O tom magistral dos analistas ao sustentarem sua doutrina, quando tentam responder ao interesse de outras disciplinas pela psicanálise, conjuga-se a uma identificação imaginária, tal como descrita por Freud em Psicologia das massas. Identificação que se apoia na suficiência, uma hierarquia para além de qualquer necessidade de comprovação, que basta a si mesma.. Ensino, portanto, que não ouve a literalidade do discurso para além do mal-entendido fundamental subsistente

em todo ato de compreensão.

Finalmente, Lacan assinala que a particularidade da formação dos analistas - afirmando-se sob postulados psicológicos - introduz também uma autoridade, nada parecida em toda ciência, buscando na suficiência a sua qualificação. Concluindo que a explicação dessa situação deva ser buscada mais na psicanálise do que nos analistas, a psicanálise é definida como o tratamento que se espera de um analista, é justamente a primeira, no entanto, que decide sobre a qualidade do segundo. (LACAN b-1998:462). Marcando, dessa forma, um interesse maior pela psicanálise do que pela instituição, apesar de sabermos que a ex-sistência do analista ao saber, demanda uma instituição que saiba lidar com o Um que não faz parceiro.

Pois bem, apesar da supremacia do simbólico nesse momento, Lacan coloca em cena conceitos de verdade, sintoma, escrita, literalidade do discurso entre outros e conclui o texto, A psicanálise e seu ensino, afirmando que qualquer retorno a Freud que dê ensejo a um ensino digno desse nome(...) só se produzirá pela via do estilo. (LACAN,1998: 460) convocando, portanto, uma leitura para além do simbólico.

A tese o estilo é o homem de Buffon, acrescida por Lacan: o homem a quem nos endereçamos? (LACAN,1998:9), assinalando a incerteza do estatuto do homem, modifica-se em seu ensino para o estilo é o objeto. Atentemo-nos, inicialmente, para o conceito de estilo.

Conforme Haroldo Campos, a palavra latina stilus, tem o sentido de instrumento pontiagudo de metal ou osso, com o qual se escrevia nas tábuas enceradas (CAMPOS,1998: 138) e em português tem uma mesma proximidade etimológica: estilete. Etimologia interessante para pensarmos já de início, o ensino e a transmissão: estilo- algo que se escreve fazendo marcas, sulcos, cortes...Por sua vez, Catherine Backès-Clement acrescenta que o estilo definido por Lacan, se situa de partida fora de sua situação literária, ou antes, ele é o correlato necessário daquilo que, em Lacan, se chama LETRA, e regenera o significante literatura, que vem de belas-letras. O estilo, formação revolucionária no plano da linguagem, é o que no pensamento de Lacan, torna possível um ultrapassamento da literatura em proveito da literalidade: poder da letra, instância da letra no inconsciente.(...)

A conjunção estilo - letra nos reenvia a uma extensão do simbólico para além do campo das representações, inscrevendo uma outra materialidade também do objeto, tal como a letra em estado bruto, já que o a, que se chama objeto é, para Lacan, uma letra (LACAN -c,1985,40). Nessa direção, torna-se importante uma certa distinção entre significante e letra.

Para Milner (A obra clara, 104) o significante encarna o campo das relações de diferença, é sem positividade, sem qualidade e identidade. Ele não é

como é, mas é integralmente definido por seu lugar sistêmico, sendo impossível deslocá-lo. Dadas essas características, conclui-se que o significante é indestrutível, apesar de não está presente ali onde ele é chamado. Ele é , ainda, imperativo e causa do gozo. A letra, ao contrário, é qualificada, tem um suporte sensível, um referente e é idêntica a si mesma em um mesmo discurso. Ela pode ser deslocada, permutada; manejada. Sendo deslocável, a letra é transmitível; transmite o que ela é, enquanto o significante não transmite nada, apenas representa algo na cadeia onde ele se encontra. E no discurso analítico, afirma Lacan (LACAN,1985:52) ,é sempre isto- ao que se enuncia de significante, vocês dão sempre uma leitura outra que não o que ele significa. Ou seja, trata-se sempre dos efeitos do discurso que a letra encarna.

Apesar das diferenças, é a dimensão do significante que determina as funções da letra; a letra seria o significante destituído de efeitos de sentido ou de significância. O significante sem efeitos de significado, a letra, é assim definida por Lacan : A letra, lê-se, como uma carta. Parece mesmo feita no prolongamento da palavra .Lê-se, e literalmente. Mas não é justamente a mesma coisa ler uma letra, ou bem ler .É evidente que, no discurso analítico, só se trata disto, do que se Lê e tomando o que se lê para além do que vocês incitaram o sujeito a dizer (LACAN,1985 : 39).

Uma tese a ser extraída do Seminário 20, acerca do significante e da letra, é que quanto mais o significante funciona como letra, maior é sua operação em termos de significância e menor seu valor semântico.

Do estilo ao objeto e à letra, tais teses nos remetem ao conceito de alíngua. Retomando a tese do "inconsciente estruturado como uma linguagem, Lacan acentua no Mais, ainda que de início a linguagem não existe, mas sim a função da alíngua. Em termos gerais pode-se afirmar que a alíngua , como nos lembra Gerbase, é constituída dos signnificantes com os quais o sujeito entra em contanto antes mesmo de poder discernir sua significação (GERBASE, 1998 : 149). Portanto, significantes sem qualquer significado ou sentido. Mas alíngua , antes de implicar uma carência de língua ou de linguagem, ao contrário, é uma língua que serve a coisas inteiramente diversas da comunicação (CAMPOS,1998: 154). O que não se presta à comunicação, já sabemos, é índice essencial à transmissão.

Do significante à letra e à literalidade, Lacan apostou numa hipótese de uma transmissão integral, fundando nessa perspectiva a sua Escola. A dissolução da mesma, segundo Milner, demonstra que o tripé de hipóteses que a sustentaram não foi suficiente, a saber, na psicanálise algo se transmite integralmente e isso se dá pela Escola por meio dos matemas. Se em termos de ensino, os matemas têm sido ainda um suporte, o mesmo não ocorre com a transmissão que, pressupondo uma experiência, indo do particular ao universal, é refratária à

matematização integral. Sua eficácia, ao contrário, pressupõe que nem tudo pode ser escrito. Um "nem tudo pode ser escrito" no qual reside, no entanto, a possibilidade de leituras nas quais quem lê é convocado, impelido, a colocar ali algo de si, deixando a marca de sua escrita, efeito da letra.

De qualquer forma não podemos nos esquecer que as dissoluções, as dissidências e as desordens institucionais no campo analítico anunciam a necessidade de cortes a serem feitos no próprio saber. Cortes que nos remetem, novamente, ao estilete do estilo - a letra.

A associação entre letra e descontinuidade é aproximada por Lacan à rasura. Assim como a terra é feita de rachaduras, sulcos, rasuras...da mesma forma, quando tentamos escrever, passamos pelas "rasuras" do texto; uma palavra à outra na busca do "bem-dizer". Cada rasura acaba por traçar no texto novos rumos. Se, por um lado, as rasuras instauram a repetição, por outro lado, elas se fazem também por deslocamentos. Entretanto, a rasura da qual se trata aqui diz da busca de uma palavra mais próxima à "coisa", o que leva, inevitavelmente, aos limites do simbólico e o encontro com o real. O que o simbólico expele de seus domínios, deixa marcas no real.

Num texto de 1971 intitulado "Lituraterre", junção de "litura" (sentido de rasura) e terra, Lacan evoca uma experiência ao voltar do Japão (quando avista sob as nuvens a planície siberiana com seus sulcos e cursos d'água) como metáfora para a escrita: domínio das nuvens, cadeia significante e dos sulcos, domínio por excelência da ruptura , da letra, do gozo.

No Seminário 20 ele retoma o referido texto no ponto no qual afirmava "a nuvem da linguagem faz escrita", acentuando então que a escrita "é um traço onde se lê um efeito de linguagem. É o que se passa quando vocês garatujam alguma coisa." (LACAN,1981:164) . Garatuja, poderíamos dizer, que escava a escrita como um gozo que escava o corpo. De qualquer forma, algo que se assemelha à experiência analítica em cada análise: o sujeito capturado pelos embaraços da cadeia significante e entregue aos sulcos abertos por seus variados modos de gozar, mas tendo que dar conta desse elemento residual.

Resíduo, resto, lixo...isso nos reenvia a uma outra conotação dada por Lacan à letra. No Seminário sobre "A carta roubada" há uma cadeia entre carta (letter) - letra e lixo (littter) . A letra ou a carta é um objeto passível de ser destacável , podendo ser também manuseado, adulterado, guardado, deixado como resíduo, resto ou lixo. E sabemos com Lacan que o melhor que se espera da psicanálise em seu fim, é ir da letter a litter.(LACAN, Ornicar? :5).

Assim, ao contrário do pensava Wittgenstein (é preciso calar-se sobre o que não se deixa dizer), é necessário que façamos do estilete efeitos de escrita de uma Escola. Como? - Sabemos de antemão que as categorias apontadas por Lacan ("Situação da psicanálise em 56") da "suficiência", "insuficiência",

"sapatinhos apertados" e dos "Bem necessários", vão na contra mão do que se espera de uma escola de analistas. Sabemos , ainda, que a pressuposição de uma transmissão integral por meio de matemas não foi suficiente para sustentar sua escola. Talvez, então, devamos interrogar - formalizando a partir dos resíduos extraídos de uma experiência acumulada- como sustentar um ensino e uma transmissão pela letra e pela clínica dos nós, apostando na falência dicotômica entre mestres e discípulos.

Sabemos que hoje, mais do que nunca, o tratamento do lixo é uma questão fundamental da vida urbana. A isso a psicanálise não está também imune. Sobre a questão: "Que Escola Queremos?" devemos também nos perguntar quais seriam nela os dispositivos, ou o tratamento possível dado aos resíduos, ao lixo, na prática de seu ensino e de sua transmissão?

Referências bibliográficas

CAMPOS, H. "O afreudisíaco Lacan na Galáxia de lalíngua", In: Correio, no 18/19, EBP, janeiro 1998.

LACAN,J.(a). "A psicanálise e seu ensino". In: Escrito. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

———————(b), "Situação da psicanálise em 1956". In: Escritos, op. Cit.

———————. O Seminário. Livro 20. Mais, ainda. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

——————— ."Lituraterre". In: Ornicar? Revue du Champ Freudien, n 41,p.5

MILNER,J-C. A obra Clara.Rio de Janeiro, Jorge Zahar,1996.

É TEMPO DE CARTEL

Ana Laura Prates

O discurso analítico é aquele capaz de fundar um laço social limpo de qualquer necessidade de grupo - nos diz Lacan em *L'Etourdit* -, pois é o único que revela a não existência da relação sexual. Mas qual é o "laço social de um cartel"? Se os cartéis são a base de funcionamento da Escola e esta, por sua vez, é um refúgio ao mal estar na civilização, poderíamos extrair uma conseqüência: os cartéis têm a responsabilidade de sustentar a transmissão de um saber que não se paute na identificação ao mestre e na psicologia de massas. Poderia, então, o cartel fazer um laço social livre da cola e do efeito de grupo? Um sim puro e simples a essa questão nos faria afirmar que o laço social que sustenta um cartel é o discurso analítico. Afirmação, no mínimo, problemática.

Temos aí uma questão espinhosa, diria até mesmo paradoxal. Se todo um dispositivo complexo, artificial e pouco óbvio foi inventado por Lacan, penso que tenha sido exatamente por julgar que uma Escola de psicanálise não esteja livre do empuxo ao grupo e à proporção sexual. O cartel, a meu ver, é fundado sobre esse paradoxo: há um real em jogo no cartel, eu diria, parafraseando Lacan, e é com isso que temos que lidar.

Pretendo abordar esse paradoxo intrínseco ao cartel pelo prisma do tempo. O tempo de um cartel - o que isso quer dizer? Lacan coloca um limite - dois anos, trazendo a lógica da dissolução e da permutação para o cartel. Pois é isso mesmo que o grupo não suporta, como nos lembra Freud: a ameaça da dissolução. Como poderíamos, então, pensar num tempo universal do cartel se toda a sua constituição e seu funcionamento pautam-se no particular, ou seja, no um a um, ao mesmo tempo que sustenta

o laço social? Senão vejamos: Quais são as condições para a existência de um cartel? Eu proponho 4 + uma:

1) O desejo de estudar a partir de uma questão própria, o que se opõe ao discurso do mestre.

2) A transferência de trabalho, que não elimina por si só o imaginário, mas estabelece condições de possibilidade para manejá-lo.

3) O "pretexto" (texto ou assunto) em torno do qual o trabalho será realizado.

4) A encarnação dos lugares simbólicos na estrutura do dispositivo.

Mais uma: O próprio "mais um" que tem a difícil tarefa de evitar a cola. O "mais", portanto, não soma, ao contrário, descompleta o conjunto.

Se o dispositivo funciona, no final, cada um terá atravessado sua questão e realizado - tornado real - um produto, que possibilite abrir nova questão e ponha em marcha novo projeto de trabalho: um novo cartel. Mas, então, se há um "fim de cartel", não haveria também, por assim dizer, uma "entrada em cartel"?

A lógica do ato inaugural articulado a um fim, exige que pensemos na duração. Essa, a meu ver, só pode ser articulada a partir de um tempo que seja lógico, não cronológico. Os dois anos, longe de uma cronologia burocrática - imperativo do superego institucional - põe em cena o princípio da urgência, mola que precipita a conclusão, funcionando como causa do desejo. Assim sendo, teríamos três tempos num cartel: o instante de ver, o tempo de compreender e o momento de concluir

Se o tempo de compreender, necessário - é bom que se diga -; mas se ele não puder ser atravessado, cristaliza-se justamente no atributo ignorado do sujeito. É a pura reciprocidade, que faz com que - se bem nos lembramos dos "prisioneiros" que Lacan apresenta no texto sobre o tempo lógico - o sujeito fique com a conclusão errada. O cartel permanece, neste caso, aprisionado no imaginário do grupo.

No caso específico que tenho em mente, cartel constituído por quatro amigas em que, hora havia a ilusão da comunicação - via identificação histérica - , hora entrava em cena a disputa fálica, houve, no entanto, durante certo tempo, um verdadeiro trabalho de cartel.

Mas o momento de crise emergiu, a meu ver, porque estacionamos no tempo de compreender. Não queríamos nos desgrudar, mas o momento de concluir era colocado lá, no prazo institucional ao final de dois anos. E ficamos um bom tempo prisioneiras da conclusão equivocada : estamos em crise. Até que dois dos membros, que se sentiam trabalhando pelos outros, concluíram que era chegado o momento de finalizar.

Não estou propondo que tiremos daí um universal : "Não há crise

de cartel, mas sim fim de cartel". Penso que a estrutura do dispositivo deverá ser suficiente para suportar problemas, e manejá-los. Além disso, a função do "mais um" tem aí o seu papel. Mesmo esse cartel, e tantos outros de que participei, seja como um dos quatro, seja como "mais um", sempre tiveram impasses, dificuldades, até mesmo picuinhas. É assim mesmo...

Mas o que estou chamando de crise é algo mais específico : deixa-se de trabalhar para discutir o funcionamento. Aí penso que não se trate mais de cartel, mas de psicologia de grupo. Então, se há um tempo no cartel, e esse tempo é lógico, não se trataria do tempo particular de cada sujeito? Se o cartel pressupõe a lógica de um a um, como excluir o tempo que cada um precisa para atravessar sua questão? É claro que, por tratar-se de um laço social, é preciso tolerar, eu diria, até suportar o tempo do outro. Mas aí também há um limite entre o cinismo - não contar com o outro - e a alienação - perder-se no outro. Então, no final, retomo a questão: contando com as misteriosas relações entre o que faz laço social, ou seja, o universal, a coisa pública (*res-publica)* e o particular, a "coisa" privada, que tempo/lugar daremos para o cartel na Escola que precisamos e queremos?

O CARTEL NOS DEBATES SOBRE A FUTURA ESCOLA[1]

Clarice Gatto

Durante os meses de maio e junho últimos vários colegas fizeram circular na Rede da *Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano* (Ifcl) suas reflexões e proposições para a futura Escola do Campo Lacaniano. Diversos debates se seguiram.

Aproveitando a leitura desses escritos e com a sugestão de uma reflexão mais conceitual por parte da *Equipe de cartéis* da AFCL, reuni abaixo as diversas propostas sobre cartel - fazendo em seguida um breve comentário - de modo que possamos continuar a refletir sobre esse modo de trabalho particular proposto por Lacan: primeiro para a Escola freudiana de Paris, depois para a Causa freudiana enquanto Campo.

1. PROPOSTAS

1a. Proposta (Pierre Bruno[2]):

É favorável a uma reticulação (pequena rede) dos seminários Espaço-Escola pelos cartéis, de tal forma que:

a) eles reconquistem sua função de pesquisa sem excluir sua função de aprendizagem. b) eles reunam os membros do Campo sem levar em conta a sua pertinência a uma lista (de AE ou ACL , cf. minha carta) e os não-membros (já que ser membro de um cartel não implica a pertinência na associação).

2a. Proposta (Colette Soler[3]):

a) Propõe combinar a entrada (na Escola) pelo projeto de trabalho

e pelo cartel...

b) Acrescenta algumas condições para assegurar que isto seja mais do que uma veleidade. Imaginemos: entra-se, analista ou não, sem levar em consideração o estado de avanço da análise (pois não é uma escola de analistas), mas pela contribuição possível ao discurso analítico. Isto supõe evidentemente que se informe sobre o candidato...

c) Propõe - neste caso - uma *comissão de admissão*, mas veria também se o projeto de trabalho, já avançado num cartel, poderia ser apresentado por escrito ou sob forma de exposição oral num lugar adequado, para poder ser levado em conta.

3a. Proposta (Bernard Nominé[4]):

a) Coloca-se do lado das proposições feitas por Colette Soler quanto aos dispostivos de Escola.

4a. Proposta (Jairo Gerbase[5]):

a) Restringe o uso do Cartel.

b) Propõe *Comissão* para o passe em vez de *Cartel* (do passe.)

5a. Proposta: (Luis Izcovich[6])

a) "Não incluo então como específica da Escola a questão dos cartéis, pois por definição os cartéis não necessitam de uma Escola para existir. A prova é que existem cartéis nos fóruns e também que se pode entrar na Escola pelo cartel (Ata de fundação de 64). Logo, o cartel precede a Escola. Poderíamos ampliar este traço até o ponto de dizer: Não precisamos de Escola para o cartel, mas a recíproca não é verdadeira: é importante que existam cartéis no interior da Escola. Se o que falta atualmente não é o trabalho em cartel, o que falta? O que falta nos Fóruns e que não podemos dispensar, se queremos uma instituição segundo os votos de Lacan, é justamente a garantia e a formação."

b) "Nós falamos da entrada pelo cartel. Uma comissão poderia examinar as demandas. O que não quer dizer que ela deva ser a única forma de entrar. Por outro lado, no que diz respeito à entrada pelo cartel, não sou a favor de que ela deva necessariamente abranger o conjunto do cartel, mas o trabalho já feito ou o trabalho em curso de um cartelisante. Esta comissão também poderia pedir a ajuda de passadores, no caso em que um sujeito queira entrar para a Escola dando um testemunho do seu tratamento analítico. Bastaria que a comissão estivesse articulada com a secretaria do passe. Isto não é a entrada pelo passe, mas isto possibilita o recrutamento pelo viés do acreditar no inconsciente."

6a. Proposta (Albert Nguyên[7]):

a) Volta a dar aos cartéis uma dimensão analítica;

b) A entrada na escola pelo cartel;

c) Uma atenção especial com a função do Mais-Um e com a produção dos cartéis.

d) Propõe grupo ou cartéis de pesquisa sobre o fim da experiência analítica;

7a. Proposta (Fórum do Campo Lacaniano da Venezuela[8]):

a) Uma Escola ampla, na qual prevaleça a transmissão e a permutação...

Nessa, o cartel e a clínica compartiriam o assento de honra que lhes assinala Lacan.

8a. Proposta (Antonio Quinet[9]):

a) Os cartéis devem constituir a base da Escola e dos Fóruns. Eles pertencem a ambos conjuntos.

b) Não devem existir a meu ver dois tipos de cartéis, um dos FCL e outro da Escola. Neles pode haver membros e não-membros da Escola e também não-membros de Fóruns. Mas o cartel é inscrito e endereçado à Escola.

c) Quanto à constituição do cartel, proponho seguirmos as indicações de Lacan da fórmula afinada do cartel quando da Causa Freudiana.

d) Os cartéis podem constituir uma porta de entrada para a Escola, não o cartel como grupo, mas, a partir do trabalho em cartel, o cartelisante pode apresentar um projeto de trabalho para entrar na Escola.

e) O cartel a meu ver deve também funcionar para o dispositivo do passe, isto é, o júri deve se constituir em cartel, ou seja, com quatro membros que escolhem um mais-um.

2. COMENTÁRIO

I) A entrada pelo Cartel

Lacan, na "Ata de Fundação da Escola Freudiana de Paris", 1964, escreve na Nota Anexa um "guia do usuário" e propõe a entrada na Escola a partir de dois modos de acesso escritos nos itens: "Da candidatura à Escola" e "Do engajamento na Escola".

O que diz Lacan em "Da candidatura à Escola"?

Ele diz: "Uma coisa é a candidatura a uma Escola; outra coisa, a

qualificação de uma psicanálise didática. A candidatura à Escola exige uma seleção estabelecida segundo seus objetivos de trabalho. O cargo será preenchido, a princípio, por uma simples COMISSÃO DE RECEPÇÃO, chamada CARDO, ou seja, dobradiça em latim, o que indica seu espírito.

Lembremo-nos de que a psicanálise didática só é exigida para a primeira seção da Escola, embora seja desejável para todas."

Em "Do engajamento na Escola" Lacan discerne esses dois modos de acesso:

"O engajamento na Escola se dá agora por dois acessos.

1. O grupo constituído por escolha mútua segundo a Ata de Fundação, e que se chamará "cartel", se apresenta a minha aprovação com o "título do trabalho" que cada um pretende realizar.

2. Os indivíduos que queiram fazer-se conhecer por qualquer projeto encontrarão o caminho útil junto a um membro do CARDO: os nomes dos primeiros a aceitarem o cargo segundo minha demanda serão publicados antes de 20 de junho. Eu mesmo encaminharei a um deles, que me fará a demanda."

Comento. Há uma porta de entrada que se desdobra em dois modos de acesso.

1. "Um projeto de trabalho qualquer" que é a opção para os que querem "se fazer conhecer" - época em que a Escola freudiana de Paris estava recém-criada - e muitos que ali estavam desconheciam os analistas que já haviam dado suas provas em outro lugar (?!) 2. O acesso à Escola pelo "título do trabalho" em um cartel (que é o órgão de base da Escola) aposta no trabalho em grupo a advir e exige dos "trabalhadores" pelo menos que estejam decididos a produzir algo, de cuja finalidade "não se espera outro progresso senão o de uma exposição periódica dos resultados, assim como das crises de trabalho."

Nesse sentido arrisco dizer que o cartel é um lugar que se presta a autorizações também, e como tal confere poder sobre o saber que a experiência decanta. O estranho é que esse trabalho tão interessante venha perdendo ao longo dos anos sua força!

Os modos de acesso à Escola freudiana demarcam, portanto, a particularidade das demandas de entrada a essa "Comissão".

II) Comissão de Recepção, Júri de aceitação e Júri de acolhimento

Na *Ata de Fundação da E.F.P.* Lacan propõe apenas uma única *Comissão de Recepção* ou *Cardo* como lugar de recepção das demandas

de entrada na Escola. Mas não deixa claro como se dará a montagem (e nem a desmontagem) dessa Comissão. É bom lembrar que os significantes "circular" e "permutação" estão presentes em momentos cruciais dessa Ata. Lacan faz questão de lembrar "ninguém deve sentir-se rebaixado por entrar no nível do trabalho de base".

Na *Proposição de 9 de outubro de 1967* (1a. versão) ele substitui a Comissão e propõe dois novos lugares: um *Júri de aceitação* que aceita as demandas de passe e um *Júri de acolhimento* que acolhe as demandas de entrada na Escola.

No Brasil, foram criadas a *Comissão de Acolhimento e Intercâmbio* e a *Comissão Crítica do Passe* no âmbito da Associação Fóruns do Campo Lacaniano.

Circulam entre nós as denominações "cartel do passe" e "cartel de garantia" como propostas de novos dispositivos para a futura Escola. Tendo a concordar com o que disse Luis Carlos Nogueira na Reunião do Fórum Campo Lacaniano de São Paulo em abril que estar em um cartel já é muito. A questão que fica é se será possível desenvolvermos trabalhos à altura do dispositivo de mesmo nome proposto por Lacan.

Essa parte, com certeza, será a mais laboriosa pelo que ela implica de negociação (a ação presente no *Handel* de Freud).

III) Cartel "do" passe?

Curiosamente se produziu - não sei quando, nem onde e nem por quem - uma síntese: cartel "do" passe. Desconheço a história desse novo conceito, e solicito aos que viveram essa passagem trazer sua contribuição, contando-nos a história desse novo conceito[11].

O cartel é uma modalidade de elaboração em grupo proposta por Lacan, e até onde sei, só a encontramos entre lacanianos. A meu ver, é nesse "grupo" que Lacan inclui - mas não só, obviamente - a análise que faz Freud de "*das Ich*" e a psicologia da coletividade. A "periódica exposição dos resultados, como das crises de trabalho" formula essa questão no âmbito do cartel. Resta saber por que Lacan a formula no âmbito do cartel: eis aí uma questão...

Há funcionamento de grupo no cartel. Há idealizações também. Há "crises" que impedem o trabalho inicialmente proposto de prosseguir - as famosas partes "obscenas", os acidentes que a tecnologia moderna pretende esconder, conforme interpreta Paul Virilio. De sobra, há também funcionamento de grupo, idealizações e "crises" no agrupamento onde o cartel se inscreve.

Isto me parece o óbvio. Para não obscurecer os reais problemas Lacan eleva "as crises" - ou o que se pretende esquecer - à categoria de elaboração, promovendo a parte "obscena" a estofo material para nossas reflexões sobre o progresso da psicanálise.

Lacan é muito econômico na formulação do funcionamento em cartel. As Jornadas de Cartéis em 1975 demonstram que a singularidade está na possibilidade aberta para cada um dizer "o que é" o cartel ou "como se trabalha" num cartel. Lá encontramos concepções diferentes sobre o Mais-Um e modos próprios de articular a composição ou o tempo do cartel; ele mesmo se interroga se a composição do cartel não chegaria até seis ao aproximá-lo definitivamente do nó borromeano.

Porém o passe tem sido "a vedete" da grande maioria das reflexões ditas políticas entre os lacanianos, e as controvérsias, razão de cisões nesses agrupamentos, como apontam diversos autores. Essa exposição excessiva do passe ao longo de mais de três décadas certamente produziu sua cota de inefável... Uma delas foi o *esquecimento do cartel originário*.

Nessa perspectiva gostaria de questionar a síntese que propõe cartel "do" passe. Escrevi sobre isto outro dia no *seminário-de-jairo*[12]. Quando me pergunto por que Lacan teria inventado o testemunho do passe, acho pouco dizer que era para fazer diferente da IPA ou para livrar a psicanálise da zona de sombra que pairava sobre os finais de análise... Há aí, a meu ver, uma indicação que está remetida aos efeitos da experiência psicanalítica (que ele dirigia) e o conceito de Escola que ele propõe - como lugar de acolhimento do ato analítico e conseqüentemente do mal-estar na cultura.

Daí encontrarmos ao longo de seu ensinamento (1967, 1969 e 1973) pelo menos duas propostas diferentes para o instante do passe - seja a da passagem de analisante a analista (a partir de um ato (analítico) fazendo nascer o *desejo-do-analista*, mas não só...), seja quando a análise chega mesmo a seu termo e os problemas cruciais da psicanálise se tornam daí em diante nossos problemas também.

O "cartel do passe" como um lugar para um testemunho levanta algumas indagações: 1. Qual a lógica que diz "cartel do passe" e ao mesmo tempo exclui o passante como membro? Quando Lacan propõe *Júri de aceitação* posso entender perfeitamente porque o passante fica de fora, posso até discordar. 2. Se é um cartel, podemos supor que entre os resultados possam estar apenas "as crises"...

O testemunho do passe está no âmbito da tradição oral, onde incluímos a análise e os seminários de Lacan. Vejo-o como um resquício - assim como o divã - na passagem mesma entre a análise que terminou e a comunidade a qual nos apresentamos a partir desse lugar de passagem.

Cabendo, no caso do *Júri de aceitação*, o resultado: passou ou não passou (?) e a apresentação dos resultados através de um relatório (...endereçado a Lacan???). Aqui reside uma questão ética que mereceria nossa consideração.

Admitir sem discutir um conceito inventado em um outro lugar de onde se optou por sair porque se discordava – politica, epistemologica e eticamente - de uma práxis, não mereceria um olhar mais atento de nossa parte?

IV) Enlaces e desenlaces: que laços para o cartel?

A proposta de Lacan sobre o cartel, até onde entendi, propicia a entrada pelo grupo na Escola porém de modo individual através do "título de trabalho" e do compromisso pedido para apresentação dos resultados. Essa proposta nos abre mais de uma interpretação sobre sua forma de funcionamento:

a) O cartel é inscrito na totalidade dos títulos de trabalho que cada uma das pessoas endereçou individualmente. Os membros pertencem ao mesmo agrupamento, por exemplo, ao Campo Lacaniano.

b) Uma pessoa endereça o título de trabalho podendo inscrever-se e nem todos os membros se inscrevem. Os membros pertencem ao mesmo agrupamento.

c) Uma pessoa endereça o título de trabalho podendo inscrever-se e nem todos os membros se inscrevem. Os membros pertencem a agrupamentos distintos.

d) Uma pessoa endereça o título de trabalho podendo inscrever-se e todos os membros do cartel se inscrevem. Os membros pertencem a agrupamentos distintos.

Considero importante refletirmos sobre esse último ponto de modo que torne possível ampliarmos nossos laços, pois os desenlaces são de estrutura tanto no cartel quanto na vida!

Rio de Janeiro, 6 de junho de 2000.

Notas Bibliográficas.

[1] Clarice Gatto, *O cartel nos debates sobre a futura Escola*, Rede da Ifcl, 6 de junho de 2000.
[2] Pierre Bruno, *Lettre*, Rede da Ifcl, 10 de maio de 2000.
[3] Colette Soler, *Vision d'Ecole*, Rede da Ifcl , 11 de maio de 2000.
[4] Bernard Nominé, *Esquisse d'Ecole*, Rede da Ifcl, 23 de maio de 2000.
[5] Jairo Gerbase, *Escola do Campo Lacaniano – ECL – Configuração*, 17 de maio de 2000.
[6] Luis Iscovich, *Forums/Ecole*, Rede da Ifcl, 28 de maio de 2000.

[7] Albert Nguyên, *Poursuivre avec Lacan : Vers une Ecole-Autre. (Dispositifs – Dispositions)*, Rede da Ifcl, 28 de maio de 2000.

[8] Foro del Campo Lacaniano en Venezuela, *Contribucion a las ideas sobre los dispositivos de Escuela*, Rede da Ifcl, 1° de junho de 2000.

[9] Antonio Quinet, *Perspectivas d'Escola: d'escolagem, decolagem. Contribuição ao debate*, Rede da Ifcl, 4 de junho de 2000.

[10] Nota de 26/6/2000. Relendo o texto de Jean-Jacques Bouquier "Du fonctionnement à la formalisation" (*Analytica*, 32) parte das minhas "elocubrações" sobre o cartel "do" passe foram elucidadas.

[11] *Egroups* onde são divulgadas as aulas desse seminário que ocorre no Campo Lacaniano de Salvador.

[12] Trabalho apresentado no Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte em novembro de 1999.

Cito: "Do funcionamento em cartel aliás, J. Lacan esperava alguma coisa, já que não deixou de afinar sua formalização de 1964 a 1980. Que ele tenha instituído dois cartéis para retomar a questão do passe, isto é, lá onde um funcionamento do júri de aceitação havia fracassado, manifesta a importância de sua expectativa. É verdade que, desde 1967, ele havia pedido que um cartel "Tornar-se analista" funcionasse no seio do júri de aceitação". Segundo o autor essa informação se encontra na Lettre Mensuelle, 9, p.16. (O autor não informa quando Lacan faz essa proposta a J.-A. Miller e a C. Conté para a formação dos dois primeiros cartéis da "comissão do passe"...)

DA INSCRIÇÃO À DISSOLUÇÃO: O MAIS-UM E A ESCOLA

Sueli Miranda

"Também é necessário que, com isso, eu instaure um turbilhão, um movimento em hélice que lhes seja propício".
Jacques Lacan

1 – O Cartel: célula da Escola

Para abordar a função do Mais-Um e o trabalho de cartel no espaço da Escola de Lacan, sublinho, de início, que compartilho da idéia de que a experiência de cartel possibilita a presentificação de um estilo. Partirei da indicação de Lacan em *D'Écolage* que situa o Mais-Um como o encarregado de velar pelos efeitos internos do empreendimento e de provocar sua elaboração. Assim, espero ressaltar os aspectos que tocam a responsabilidade e o compromisso com a Escola.

Quando Lacan, em 1980[1], retomou o cartel como órgão de base da Escola, o *princípio de dissolução*[2] foi relançado como estratégia para que a Causa Freudiana pudesse escapar do efeito consolidado de grupo que atingira sua Escola. Essa aposta no funcionamento e na permutação revela não só um estilo e uma maneira de conceber a Escola, mas constitui uma intervenção com vistas a fortalecer a *escritura* para fazer barreira à primazia dos efeitos de grupo sobre os efeitos de discurso.

Nessa ocasião, Lacan desapareceu do lugar em que era esperado, lugar do Outro, recusando-se a encarnar o *Um-da-orientação* que

sustentaria uma garantia engendrada pelo efeito de grupo. Valendo-se do princípio de dissolução, fez emergir menos os seus escritos e mais a *escritura*. Como uma voz que ressoa na letra, Lacan manejou antecipadamente o acontecimento de sua morte real, deixando restar em estado de *escritura* os traços que delimitam o litoral daquilo que constitui sua Escola.

Dessa maneira, a partir do ensino de Lacan, o compromisso com a causa analítica inclui instituir o lugar do cartel e seu funcionamento na Escola para a qual os sujeitos prestam contas de sua relação com o impossível no cotidiano de suas atividades. É neste sentido que podemos localizar a função do Mais-Um ao lado da responsabilidade e do compromisso com a estrutura da Escola.

É interessante observar que na *Ata de Fundação*[3], em 1964, o item que organiza a forma de apresentação dos sujeitos é exatamente *Do compromisso com a Escola*. Ali, Lacan fala do cartel como um acesso, através do qual alguém se *compromete* com a Escola. Assim, no que se refere à estrutura, temos: ao lado da garantia do ato, a instituição do *passe* e, ao lado da comunidade analítica, da produção de saber e do laço social, a instituição do *cartel*.

Se trabalhamos em cartel construindo a Escola de Lacan, sua estrutura e funcionamento orientam-se por uma *escritura*, uma *littera* que borda o litoral da Escola. É preciso que tenhamos certeza se, quando inventamos procedimentos diferentes, o fazemos pela Escola ou fora dela.

Em 1980, Lacan propõe um lugar de endereçamento (uma caixa de correio), um fórum onde haja intercâmbio da produção e uma publicação. Trata-se de sustentar a elaboração de saber através de um dispositivo que envolva quatro que se juntam e Mais-Um a descompletar o grupo. Nota-se, aí, o esforço de Lacan em fazer incidir a castração sobre a Escola, direcionando seu *raio* para sua célula, o cartel. A partir de uma lógica interna, que inclui a aceitação de que o saber não é todo, o funcionamento implica, também, na incidência do operador cronológico "*dois anos no máximo*" sobre o Mais-Um.

A dissolução do cartel, ao impor um limite de tempo externo à experiência, apresenta a *castração* e a impossibilidade do *Um* (impossibilidade da identificação e do saber total) para o Mais-Um que sentir-se-á tentado a prosseguir além do efeito consolidado de grupo. Segundo Marc Strauss, "o *princípio de dissolução* é uma reacomodação de todo sistema ou dispositivo, a fim de que um ponto de falta se mantenha sempre como resto[4]".

2 - Trabalho singular

Em 1980, Lacan aprimorou a teoria do cartel e a proposta de funcionamento da Escola; contudo, hoje, acrescentam-se a esse legado palavras com a mesma tonalidade ética sob a forma de uma Carta de Princípios afinada com a psicanálise, sua ética e suas conexões na contemporaneidade. Se investimos e apostamos no funcionamento do Espaço-Escola, torna-se imprescindível que, a cada novo empreendimento, reportemo-nos ao que já se constitui como uma *escritura* na história do Campo Lacaniano. A existência dos cartéis possibilita ao sujeito lançar seu desejo e produzir saber, colocando *algo de seu ali*. Sua produção será sempre singular, pois se apoia naquilo que tem de mais particular: seu desejo e sua própria análise.

No ensino de Lacan, a invenção do cartel é uma estratégia contemporânea para fazer frente ao mal-estar, sem se ater à idéia de totalidade tão comum nas formulações modernistas. É o espaço do saber articulado à ética. A estrutura do cartel constitui uma subversão do que foi a psicologia dos grupos, desenvolvida na segunda guerra mundial e, aí, Lacan mostra sua face contemporânea. O cartel não se confunde com um grupo fechado, regido por uma lógica imposta pela moral do poder ou por esta ou aquela ideologia. O trabalho, no que se refere à causa analítica, articula-se a uma política da psicanálise e não à política de representação. Do trabalho de análise ao trabalho em cartel, a singularidade é a tônica e a produção tomada na vertente do laço social surge como uma subjetividade que se apresenta enodando o singular e o coletivo. O trabalho incide sobre o gozo e é a economia do gozo que entra em questão quando o sujeito trabalha.

O *trabalhador decidido* opera, pois, a partir do *estilo* e não na posição do escravo. Trata-se de um sujeito decidido, por um lado, a não declinar do seu desejo e, por outro, a não perder de vista o coletivo. O trabalhador decidido não será nunca o trabalhador futurista encarnado no soldado *paladino do novo* (como um paladino da morte) tão fortalecido pelas vanguardas históricas no início do século XX. Se Lacan se inspirou em algumas idéias surrealistas para desenvolver alguns conceitos, tratou, também, de subvertê-las para adequá-las à especificidade de seu objeto de estudo. Há uma *distância lacaniana* entre a identificação ao sintoma[5] e a patente do *sem-nome*.

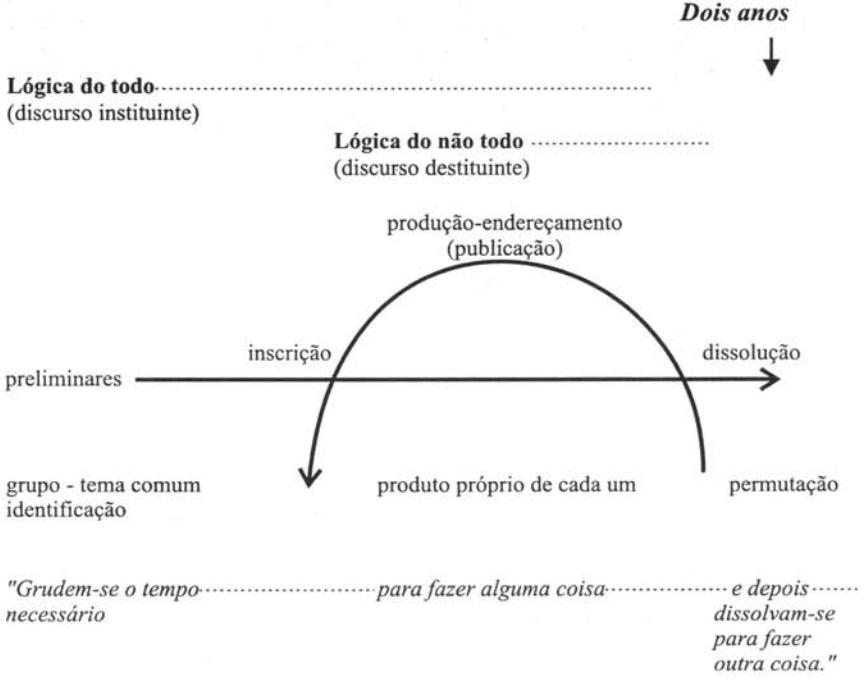
No pólo oposto ao *novo,* assimilado à realização da morte e a uma bandeira fálica, encontra-se o *novo* articulado a um saber sobre o desejo e à *varidade* do sintoma. Da *fantasia* ao *sinthome*, a presença da ética da psicanálise impede que haja confusão entre o *falo* e o *objeto a*, fato

que instaura uma *distância freudiana* entre o partido de representação e a causa analítica, entre *hierarquia e gradus*, entre o Nome-do-Pai e o nome de sintoma.

3 - Inscrição, produção, dissolução, permutação

Com relação ao trabalho em cartel, sugiro que localizemos a *responsabilidade* e o *compromisso* do Mais-Um sobre um certo percurso lógico:

a) Entrevistas preliminares
b) Inscrição
c) Produção e endereçamento
d) Dissolução



As discussões ***preliminares*** reordenam o vetor da lógica do funcionamento - da lógica do grupo à lógica do não-todo - e fazem precipitar o momento de concluir para cada um no que se refere ao tema específico, que coloca cada sujeito a trabalho sob um tema amplo comum. Os encontros

preliminares à inscrição do cartel são importantes à medida que o Mais-Um, nesse tempo, pode facilitar as discussões sobre a teoria do cartel, sua estrutura, funcionamento e lugar na Escola.

A ***inscrição*** na instituição inclui a responsabilidade do Mais-Um pela sustentação do trabalho de cartel - *grupo de uns* -, como referência da lógica da Escola.

O ***endereçamento***, já presente no momento da inscrição do cartel, acompanha a provocação da produção. O Mais-Um consente, por um lado, em não educar e, por outro, em não tomar a produção dos sujeitos para si, evitando permanecer no lugar do endereçamento. Consente em não responder do lugar de um saber inteiro e age sem obturar a circulação dos discursos: evita permanecer na posição do mestre e na posição de inteireza na qual seria tentado a responder a todas as questões ao invés de convertê-las em trabalho.

O Mais-Um provoca a ***produção,*** inclusive a sua própria, pois ele também se enlaça ao tema. No manejo do *empuxo-ao-grupo*, fazendo valer uma lógica que se aproxima do feminino, ele opera entre um furo estrutural no saber e a possibilidade do saber para cada um. Propõe o escrito como um efeito de discurso que faz barreira à tendência de perpetuar o gozo dos ditos. No cartel, o laço social se estabelece a partir de efeitos de discurso e é por isso que podemos dizer que o cartel é um dispositivo que serve ao discurso. O Mais-Um, ao sustentar a relação de cada um com aquilo que tem a produzir, favorece o movimento de tornar público essa produção.

A ***publicação*** opera um corte que faz barreira ao gozo da ilusão e da existência de um saber sem furo; faz barreira ao gozo de *esperar-tudo-saber-para-depois-publicar*. Se o escrito separa o sujeito dos seus ditos, do ponto de vista do campo do gozo, a publicação é um legítimo operador da castração, pois separará ainda o sujeito de seu produto. Isso possibilita que, apartado de seu produto, alguém possa datar a elaboração dos conceitos e acompanhar as mudanças de sua própria construção teórica como faz com a obra de outros autores.

Outro manejo da transferência de trabalho a ser considerado é o lugar dos quatro discursos, nos quais o Mais-Um opera, fazendo-os circular, embora ocupe mais freqüentemente uma posição de provocação. A solidariedade entre os discursos faz parte do dia-a-dia de uma Escola. Se o discurso do mestre institui e o do analista destitui[6], a Escola é o lugar dos quatro discursos (e não dos cinco), e o cartel, por ser a célula-base, deve responder a isso.

No final, a ***dissolução*** precipita o momento de concluir, mas dentro

de um tempo cronológico. Na dissolução, o Mais-Um reitera seu compromisso com a causa analítica, fazendo valer o princípio que visa a impedir que os efeitos de grupo ganhem força no espaço da Escola de Lacan. Uma Escola se sustenta enquanto pode suportar momentos de dissolução intrínsecos ao seu funcionamento.

O trabalho de cada um, no cartel, não se restringe ao escrito, mas realço sua função, pois acredito que os escritos, reivenções do sujeito, não devem ser abordados pelo controle partidário das publicações. As guerras modernas deram-se em um momento em que todos os escritos falharam, mas um psicanalista sabe que, quando os efeitos de discurso prevalecem sobre os estragos provocados pelos efeitos de grupo e pelo discurso do capitalista, promove-se não a guerra, mas o laço social.

Entre o escrito e a *escritura*, a inscrição e a dissolução, o Mais-Um é chamado a prestar contas de sua relação com a causa analítica. Por parte da instituição, a pouca importância dada aos cartéis e à formalização teórica de seu funcionamento pode ser um indicativo de que se está negligenciando a lógica própria da Escola. Além da possibilidade do passe como garantia do ato, sublinho a necessidade da teorização do cartel como célula da Escola. Não há remendo para o tecido significante. Pretende-se construir uma Escola.

Para concluir, refiro-me à tendência ao *Um-da-orientação*. O Mais-Um, manejando a polaridade entre o grupo e o funcionamento próprio do cartel, consente em se deixar levar por uma lógica que supõe a permutação, a ênfase no estilo e no produto próprio de cada um. Ao *empuxo-ao-Um-da-orientação*, o Mais-Um responde com a inscrição, a provocação da produção, a circulação dos discursos, a dissolução. Essa responsabilidade no trabalho de cartel é seu compromisso com a construção de uma Escola, que se pauta no particular do *estilo*, na *escritura* e não na orientação. Lacan apostou nisso.

Notas Bibliográficas:

*Trabalho apresentado no Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte em novembro de 1999.

1 LACAN, J. Seminário da Dissolução. In: *Escansión- La Escuela*. Buenos Aires, Ed. Manantial, 1989.

2 STRAUSS, M. *Lacan y el principio de disolución*. Trad. R. D'Ambra. Rede-de-fóruns Brasil, 20/10/98.

3 LACAN, J. Acta de Fundacion. In: *Escansión- La Escuela*. Buenos Aires, Ed. Manantial 1998. p. 13

4 STRAUSS, op. cit.

5 BRUNO, P. *Elucidation – De l'exception à l'impossible*.

6 QUINET,A. Seminário *As estruturas clínicas no campo do gozo*. Transcr. Clícia Magalhães. IPSEMG, Belo Horizonte, 20/05/2000.

SOBRE O QUE O CARTEL DECIDE?*

Anne Lopez

Os cartéis do passe estão a trabalho numa elaboração constante que diz respeito a essa junção obscura do analisante ao psicanalista, este retorno totalmente especial onde, por ter trabalhado como sujeito do inconsciente, fazendo do inconsciente o mestre, o analisante pode se extrair desse gozo, se separar dele e tirar conclusões. Pôr-se à prova e provar no passe que há algo de novo neste desejo, de que ele se autoriza para se fazer semblante de objeto causa para os outros.

Esperamos muitas coisas dos cartéis do passe: *"uma acumulação da experiência, sua compilação e sua elaboração, uma seriação de sua variedade, uma anotação de seus graus"* (1) e também decisões sob forma de nomeação do analista de Escola e de proposição de entrada na Escola por aqueles que o demandam pelo passe.

Na assembléia, escutando as intervenções feitas pelos cartéis do passe, nessa tarde, eu não tinha ainda medido, antes de estar num desses cartéis, a extrema delicadeza do procedimento e, sobretudo, as dificuldades totalmente particulares para dar conta dessa experiência, quando se está num cartel do qual se espera atos e decisões.

O que significa política do passe?

É, parece-me, situar-se logo do lado da psicanálise e do lado da Escola enquanto ela presentifica a psicanálise no mundo; é ter confiança na vontade, no querer de cada um de seus membros, com a contribuição dos não membros (passantes, passadores), orientar – se na teoria a partir da clínica dos passantes e da ética da psicanálise que permite o ato analítico. Para a Escola o objetivo do passe permanece a formação do psicanalista, *"o real em jogo na formação*

do psicanalista" (2), quer dizer, fazer do psicanalista o responsável por seu ato e o responsável que testemunha sobre *"problemas cruciais nos pontos vivos em que estão para a análise"* (3). O passe transforma, assim, a instituição em Escola, Escola que é o lugar da transmissão, ao coletivo, do singular da experiência analítica, sem editar critérios universalisantes. O passe cria o turbilhão necessário para tornar viva a psicanálise ao contrapor a norma, o conforme, o estabelecido; mas também ele impede de sonhar, de idealizar o psicanalista. Por um trabalho de crivo dos testemunhos que condensam o cotidiano analítico, os cartéis do passe decidem sobre a nomeação, mas aprendem, através de cada testemunho, alguma coisa da psicanálise.

Para o cartel é sempre difícil tentar prestar contas do como ele decide. Sobre o como, podemos dizer que o entusiasmo do passante se transmite ao cartel onde, sem escutar forçosamente o entusiasmo do passante – há entusiasmos silenciosos e tenazes – o testemunho provoca o entusiasmo do cartel; o cartel é surpreendido enquanto ele espera a surpresa. A surpresa frustra a espera da surpresa, o que é um traço notável. Em seguida, o *a posteriori* do entusiasmo coloca-se no trabalho e repercute. Há afastamento entre o que é transmitido pelos dois passadores, afastamento significativo de uma não mestria, de um dizer que se apoia na causa. O afastamento entre os testemunhos dos passadores em que o afastamento entre os membros do cartel não produziu, até o presente, esquartejamento. O cartel pode obter recurso em diferentes modalidades de resolução quando ele hesita, retorno de uma questão por intermédio dos passadores, junto aos passantes ou leitura de uma produção do passante e, talvez, outras soluções a encontrar quando isso se mostrar necessário.

Falar da fantasia é falar do verdadeiro acoplamento do sujeito ao objeto do qual ele goza na existência, ignorando-o. Parece-me que não há sempre nos testemunhos uma formulação da fantasia totalmente homóloga ao que Freud valorizou na fantasia "bate-se numa criança". Trata-se, às vezes, de uma frase que condensa, resume a posição tomada pelo sujeito de maneira constante durante toda sua existência. Esta posição, ele pode enunciá – la na medida em que ele já demarcou o trajeto pulsional e o objeto fixado pela fantasia, quer dizer, quando ele é separado de sua crença na fantasia. Outros cartéis precedentes falavam de cenas, "cenas depuradas de gozo". A construção, em análise, da fantasia é inicialmente imaginária e, no momento em que se rompe a punção entre S barrado e a, o sujeito se realiza como o que ele foi como mais de gozar.

Lacan, em *Subversão do sujeito e dialética do desejo*, fala do algoritmo da fantasia como de "uma significação absoluta", algoritmo *que "é feito para permitir vinte e cem leituras diferentes, multiplicidade admissível*

tão longe quanto o falado permanece preso à sua álgebra" (4). Assim que o imaginário da fantasia se desconstrói, o sujeito é o vazio que encerra a pulsão e, aí, o falado não está mais preso na álgebra da fantasia. O passante demarca os momentos cruciais de sua experiência subjetiva a partir do trajeto da pulsão e dos momentos em que, como sujeito, ele se abolia, se reduzia ao objeto.

A separação do analista não dá provas em si, pois que ela é apenas a conseqüência do fato de que o desejo se destaca da demanda, do fato de que apenas permanece o movimento pulsional em torno do vazio do objeto em que nenhum objeto vale mais do que um outro. Nós temos, aliás, entre os AEs nomeados (anteriormente, e não por nosso cartel) uma exceção a essa separação, alguém que não parou com sua análise, é ele a exceção que funda a regra? Sabemos também que certos passantes retornam à análise no suspense da resposta ou após a nomeação. É, pois, um problema que permanece crucial e sempre aberto e, até então, a experiência do cartel a partir das nomeações feitas marcavam uma separação efetiva do analista. O que se transmite é a leitura do trajeto analítico a partir do trauma infantil que aciona a resposta de gozo do sujeito como interpretação do desejo do Outro ao enigma do sexo, e, em conseqüência, sua maneira de velar ou desmentir a castração oferecendo-se como falta a ser. O momento em que o analisante se separa do objeto, quando o analista já não é mais esse objeto, não se opera nunca da mesma maneira. Sair da boa maneira, nós tivemos o testemunho vivo de um passante:

- 1º tempo: "eu não tenho tempo", tempo que retoma o instante de urgência e de angústia que provocou a entrada em análise.

- 2º tempo: "eu ganho tempo", "em todos os sentidos do termo" diz seu analista. Tempo para compreender o que é o trajeto analítico de gozo da fantasia.

- 3º tempo: " eu ganho tempo para não sair (da análise) enquanto sei que ele (o analista) sabe que eu já concluí, por medo de um Outro que me expulse".

A saída se opera em três sessões que pontuam a análise num movimento respeitando o tempo lógico do analisante.

Então, o que se escreve de novo num passe para fazer o cartel decidir-se a nomear? Há, inicialmente, todo o trajeto da análise se condensando naquilo a que o inconsciente reduziu o sujeito. Com a repetição na transferência, o passante testemunha momentos de perda de gozo, das quedas identificatórias, até o ponto em que ele não atribui a nenhum parente traumático, nem a nenhum Outro, o trauma do sexo e da castração. Leia-se, igualmente, a redução do sintoma de entrada em análise ao núcleo pulsional cuja função necessária se descobre por se inscrever lá onde, no inconsciente, não se inscreve a relação

sexual. A queda dos ideais de bem, de cura, de reparação, de restauração do Outro e do sujeito se inscrevem nas conclusões decisivas de certos passantes nomeados.

Há e não há, sempre, esclarecimento sobre a decisão tomada pelo analisante de ocupar essa função de des-ser do desejo do analista. Precisemos: não se trata da decisão de "se instalar", mas do esclarecimento sobre o momento em que se articula esse desejo em captura com a pulsão, onde o sujeito do inconsciente não está mais, salvo em emprestar corpo ao semblant de causa como vazio pulsional; uma transmissão deste momento nos apareceu de forma preciosa pelo fato de que o passante o havia demarcado em sua análise e só pôde articulá –lo no próprio passe; momento em que a escolha já era feita como um desprendimento da pulsão de morte , mas cuja estrutura desse momento foi estabelecida no passe. O passe permite esse estabelecimento do desejo, estabelecimento que não é, seguramente, firmado de uma vez por todas, desde que o analista apenas opera ao continuar, por outros meios, seu trabalho de analisante. O que eu suponho é que o passe, redobrando o momento de passe para lhe demonstrar a estrutura, marca uma nova perda de gozo do íntimo ao êxtimo. Aí se ata o laço à causa analítica de uma outra maneira que, na análise por esse querer saber, a partir daquilo que do gozo não se saberá jamais.

O que se toca igualmente nos testemunhos é o que diz respeito à direção da cura feita pelo analista do passante. O passe permite não apenas escutar o estilo próprio do passante, mas permite apreender a maneira pela qual o analista dirigiu essa análise particular: suas interpretações, suas intervenções, seu manejo do tempo na transferência, tendo sabido ou não jogar com o afastamento tático necessário à emergência do parente traumático sem se deixar confundir com ele. Uma certa interpretação incidindo diretamente sobre a fantasia nos arrebatou, como ao passante durante um tempo, interpretação que fazia eqüivaler o não formulado, o não dito de uma demanda do sujeito a seu fantasma como véu de castração.

O que resta:

Em alguns passantes, lemos, no lugar do amor de transferência, um certo respeito ou estima para com o analista, por não ter cedido aos subterfúgios da demanda neurótica. A pessoa do analista lhes aparece, não se confundindo mais com o que a transferência positiva ou negativa vinha recobrir.

Resto, às vezes, ainda doloroso, mas de uma dor transformada em desejo de saber o consentimento ao sem razão do gozo, que não é mais interrogado por um porquê, uma espécie de "é assim" que é limite ao poder do analista, limite ao poder do simbólico que permanece aí sem efeito; resto, pois, de um intratável, de um incurável, espécie de "pacto com o sintoma" - para

retomar a expressão de uma passante. Parece-me importante insistir sobre essa necessária desidealização da psicanálise no traçado de certos testemunhos de passantes, nomeados onde um incurável é colocado em relevo que bordeja sintomaticamente o real como impossível. Se conclusão há com o passe, para alguns, é uma conclusão que faz abertura, uma entrada nova de um psicanalista que corre o risco com o cartel de sua nomeação, em suma, uma aposta calculada e feita por muitos.

Tradução: Rosângela Corgosinho
*Tarde dos cartéis do passe, 31 de janeiro de 1998.

Referência bibliográficas:

1. Lacan J., Scilicet nº 1, "Proposition du 9 octobre 1967", Paris, Seuil, p. 27.
2. Idem, p. 15.
3. Ibidem.
4. Lacan J., "Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien", Écrits, Paris, Seuil, p. 816.

CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE SOBRE QUE ESCOLA QUEREMOS

Maria Anita Carneiro Ribeiro

As observações que se seguem decorrem de minha experiência recente na Comissão Crítica do Passe e de minha participação no Fórum do Campo Lacaniano do Rio. Ouvindo o depoimento dos colegas que fizeram o dito "passe na entrada" na falecida EBP, lembrei-me de um episódio ocorrido nos meados da década de 60: um jornalista se propôs a fazer uma série de reportagens, um pouco a moda da imprensa marrom, sobre os bastidores da psicanálise. Para tal, marcava entrevistas com vários analistas, e depois as relatava em reportagens que, em tom de denúncia, discorriam sobre temas "polêmicos" como o dinheiro, as interpretações e até as roupas dos analistas e seus consultórios. As reportagens cessaram quando o jornalista, fisgado por uma manobra da transferência, entrou em análise com uma de suas "vítimas". Dessa pequena fábula verídica podemos extrair uma máxima: não se brinca impunemente com o dispositivo analítico inventado por Freud! O mesmo podemos dizer do dispositivo do passe criado por Lacan. Por razões políticas, Jacques-Alain Miller resolveu extrair da Carta aos Italianos uma conseqüência que certamente surpreenderia Lacan: o passe na entrada da Escola. Encantados de termos enfim acesso ao dispositivo, fomos todos cúmplices desta manipulação, dando-nos conta somente a posteriori que, no caso da EBP em que só havia esta forma de passe, isso implicava na suposição de que não haviam analistas no Brasil. O que aliás foi confirmado pelo próprio Miller em Barcelona, ao dizer que não havia comunidade analítica no Brasil. Para bom entendedor... No entanto ao brincar com o dispositivo criado por Lacan, Miller não mediu

as consequências que daí poderiam advir. Após escutar o depoimento das cinco colegas que passaram pelo dispositivo que agora chamamos de "passe sob transferência", algumas consequências, a meu ver, já podem ser extraídas:

1-Condicionar a nomeação de um membro de uma Escola ao passe é deturpar o dispositivo, dando-lhe uma conotação político-partidária que vai contra a política da psicanálise. Lacan denominou na Direção do Tratamento de política da falta-a-ser, ou seja, o desejo do analista.

2-Nos depoimentos que pudemos escutar no Fórum do Rio, o que se pôde verificar claramente é que é justo a emergência do desejo do analista no decorrer de uma análise. A emergência desse desejo não corresponde cronologicamente ao momento em que o sujeito deixa cair seu analista do lugar de suporte da causa de seu desejo, e isso já abre uma discussão interessante sobre o que poderíamos chamar de "momentos de final de análise".

3-Os depoimentos mostram que esta experiência é transmissível e que dela pode-se extrair ensinamentos que fazem avançar a psicanálise. Por exemplo, nos dois últimos depoimentos que ouvimos, a emergência do desejo do analista dá-se após um ato analítico radical que toca na posição de exclusão do sujeito, o que abre perspectivas interessantes para um debate sobre a manobra da transferência, na clínica da histeria.

4-Dos depoimentos podemos extrair também que, na maioria dos casos, os sujeitos desejavam sobretudo transmitir o que já haviam construído sobre suas análises e este desejo impunha-se sobre o desejo de ser nomeado membro da EBP, que aparece como secundário. Enfim, no seu Discurso a EFP, Lacan nos diz sobre a Proposição: "Que ela ataque o ato analítico pelo viés no qual ele se institui no agente, só decepciona aqueles que fazem com que a instituição seja o agente do dito ato, quer dizer que separam o ato instituinte do psicanalista do ato analítico." (Scilicet 2/3,p.13).

Miller zombou do ato analítico, instituindo o passe como critério de seleção de uma Escola. Porém o dispositivo do passe produz seus efeitos, e os depoimentos dos que por ele passaram trazem novos elementos para o debate sobre a Escola que queremos.

A NOVA ESCOLA
(UMA QUE CESSE DE NÃO SE ESCREVER)

Rosângela Corgosinho

Estamos em duros tempos de construção de uma associação nacional, principalmente porque ela antecede uma outra construção: a de uma Escola para analistas. Pelo visto, funcionará ao lado desta em disjunção - junção, na sempre difícil tentativa de se estabelecer um laço entre o discurso analítico, questão da particularidade do desejo de cada um e, portanto, fora de um sistema hierárquico e o discurso do mestre que implica uma hierarquia que funcione. Crise é um dos nomes naturais desse laço tenso, instaurada pelo fato de que não há uma relação possível entre uma escritura e outra. Mesmo porque, lembramos, esses discursos inserem-se numa série que também se fazem presentes nas instituições psicanalíticas: o discurso da histérica e o discurso universitário. Sabemos que o que existe é a passagem de um discurso a outro. Que se são quatro, o são pelo fato mesmo da emergência do discurso analítico, desde que repousam sobre seu fundamento. Democracia de base. A meu ver, o regime democrático revela que existem diferenças e por isso, talvez, alguns considerem que a democracia é niveladora das diferenças. Na verdade, não se pode nivelar discursos, pode-se, isso sim, dar lugar a diferentes discursos. Evidentemente esta opinião não é e não deveria ser um consenso. O regime monárquico, por exemplo, até hoje encontra na marca da própria alteridade argumento para afirmar que a tradição e a hierarquia são fontes de estabilidade para as comunidades e as nações.

Projeto paradoxal: de um lado a posição radical de solidão que faz

com que seja impossível aos analistas formarem grupo, e de outro o fato de que lhes é impossível não se perguntarem analiticamente sobre seu trabalho, desde que seja um trabalho em comum. Isto é, precisam encontrar uma lógica de organização de um coletivo que não desconheça a psicanálise. "Toda associação, toda instituição por estrutura, tende a restaurar a unidade, a estabelecer a hòmogeneidade. Portanto, como uma instituição, com semelhante tendência pode transmitir uma descoberta de onde a unidade se divide, se descentra? Como transmitir uma descoberta que significa a divisão do sujeito? Este é o paradoxo que trabalha sistematicamente a história da psicanálise e de suas instituições."(Historia y Escuela- J. Ignacio Cortijo). Assim, temos um instigante projeto a realizar: instaurar um discurso de mestre que funcione a fim de conceber e praticar um laço social que não seja indigno daquilo que nos ensina uma psicanálise.

Instaura-se naturalmente, pois, um debate entre Associação e Escola. Tentamos criar a primeira para pensar a segunda, lugares de predominância de diferentes discursos, porém articulados entre si. De um lado, o registro da instituição, seus estatutos, seus regulamentos, seus mecanismos de assembléia. De outro, o discurso analítico que interpreta a própria instituição no que diz respeito à palavra, desde que essa interpretação tem a ver com a relação do sentido do gozo, introduzindo outro regime de significante, para além do significante articulado. E se de um lado, o discurso do mestre permanece como o princípio organizador, fazendo borda ao coletivo que não é massa, multidão, incluindo, pois uma relação à castração, de outro, podemos pensar que as sociedades psicanalíticas por se fundarem no real em jogo na própria formação do psicanalista, permitem, por vezes, que se produza sua negação sistemática. Além disso, as instituições psicanalíticas podem vir a ser utilizadas como resistência à castração.

Freud utilizava-se de alguns conceitos para formular o que era da ordem da análise e o que não era. Entre esses demarcava o inconsciente, a transferência, a resistência, a pulsão. Em "Situação da psicanálise em 1956", Lacan observa que se os analistas congregavam-se em torno desses conceitos, isto se dava ao preço de uma retirada de sua significação. Assim é que em seu ensino preocupou-se em restituir a Freud sua enunciação. Sabemos que as enunciações sempre têm efeitos de embaraço, efeitos insuportáveis. A história do movimento psicanalítico demonstra muito bem esta tese, principalmente o movimento retomado por Lacan, que inclusive interroga o ato analítico para daí depreender o que qualifica o analista. Ato que, exatamente por romper com um pensamento vigente, é insuportável ao não fornecer nenhuma previsão de suas conseqüências.

Real em ato cuja propriedade é fazer surgir o que não anda bem no grupo psicanalítico, apontando o que nele faz sintoma. É, talvez, em decorrência disso que as instituições psicanalíticas, como quaisquer outras sociedades humanas, correm o risco de buscar sua sobrevivência num refúgio confortável fora do ato, digamos assim.

Jacques Lacan não descuidou absolutamente de um rigor precioso para a consideração do agrupamento dos analistas. Tratou dos princípios e dispositivos para uma Escola em: " A Proposição de 1967", "A Ata de Fundação", "A carta aos Italianos", todos eles textos em que trata dos traços estruturais para uma organização coletiva, não sendo eles os únicos sobre o assunto. De qualquer forma, em seu ensino nos dá várias indicações sobre a Escola em sua função institucional, da permutação enquanto o princípio do não todo, e por último, mas não o menos importante, do dispositivo do cartel.

O cartel foi colocado por ele como um dispositivo adequado para fazer a aprendizagem de um funcionamento antigrupal. Mesmo porque a permutação e a dissolução estão incluídas no cartel, enquanto experiência de descolamento. É fato conhecido de todos que em Paris, no ano de 1980, afirma não querer deixar os analistas sem recursos. Propõe-lhes, então, insistir no efeito de discurso que se funda sobre a diferença pela via do cartel, em lugar de se refugiar no grupo que tem tendência a se transformar em sindicato. Além disso, apresenta o cartel como um mecanismo que pode limitar o desencadeamento do real, que muito freqüentemente agita o movimento psicanalítico. Para isso uma condição é necessária: aprender a ler o nó, essa escrita que se impõe do efeito de discurso.

Enquanto um lugar que não é de ensino, o cartel pode ensinar por acréscimo, à medida que a "transferência de trabalho" faça a sua parte, com seu funcionamento em relação com o trabalho do inconsciente. É claro, o trabalho de transferência em análise, por supor um Outro consistente, diferencia-se totalmente da "transferência de trabalho" no interior dos cartéis, exatamente porque aí é apontada a inconsistência do Outro. E se há ensino, só é possível transmitir psicanálise de um sujeito a outro pelo viés de uma transferência a aquilo que o causa. Isso se torna mais importante tendo em vista que uma comunidade de trabalho significa o que designa o termo transferência, para saber lidar com ela.

Há locais privilegiados onde se trata de fazer prevalecer o particular da enunciação sobre o lugar que se ocupa na hierarquia institucional, locais onde a Escola pode se tornar Outro para ela mesma. O dispositivo do passe é, sem dúvida alguma, uma experiência importante do real na Escola

(êxtimo ou no seu interior). E o dispositivo do cartel sabe suportar o insuportável, tanto no interior da Escola, quanto em seu exterior. Quando um grão de areia (enquanto lugar de um real que não tinha sido identificado) toma as proporções de uma tempestade no deserto.

Como então pensar uma "Nova Escola", uma que fosse agalmática, desejável? "Novo é também o termo que qualifica, numa circunstância, o efeito esperado da psicanálise. Mas há o novo programado, mesmo se todas as suas conseqüências não são conhecidas, o novo que é inerente à permutação(...). Há também o novo que não se antecipa, aquele da situação da Escola em um dado momento, que cada vez impõe seu diagnóstico". (Marc Strauss, La Lettre Mensuelle, nº 136, citado por Marc Strauss em: Opção Lacaniana nº 20).

Proponho assim para o debate pensarmos que uma Escola do passe só é possível, se for também uma Escola do cartel.

Belo Horizonte, 21 de Setembro de 1999.

CONSENTIR, RECONHECER, CONFIAR

Sueli Miranda

" O estilo é uma distância, uma diferença. (...) O que é sério é estar no significante, isto é, também no estilo, visto que é aí que começa a escritura".
Roland Barthes

Para abordar a questão *"Que Escola queremos?"*, recortei três palavras da clínica psicanalítica que comentarei em seguida.

Consentir é uma palavra da qual muitas coisas dependem quando o assunto é psicanálise. Na entrada em análise, o sujeito consente em interrogar seu sintoma e o analista em conduzir ou não o tratamento. No final de uma análise, o sujeito pode reconhecer no gozo do sintoma a parte sem essência de seu ser e consentir com o incurável. O analista, por sua vez, pode consentir em não curar, aceitando uma posição de *extimidade silenciosa*.

No que se refere ao Espaço-Escola, *consentir* e *reconhecer* situam-se ao lado feminino e articulam-se à lógica do não-todo em um terreno que envolve a relação de cada um com o impossível. Admitir a *varidade* e a particularidade permite o *reconhecimento* entre os colegas em uma comunidade analítica. Isso implica em conviver com o irredutível em um campo que não comporta a síntese, como observa Freud, na carta 133: *"A conclusão assintótica do tratamento, ainda que no fundo me resulte indiferente, parece ser contudo uma fraude mais para os que o vêem de fora. (...) Em alguns momentos sinto agitar-se em mim*

impulsos para uma síntese; mas me cuido em mantê-los dominados".

Em Freud, o momento de concluir é também o momento da apreensão do impossível. O final de uma análise faz emergir a singularidade do sujeito que adquire, então, um estatuto de nome. É nesse sentido que podemos pensar em uma Escola feita de nomes próprios como designações de singularidades.

Se no final o sujeito cria uma causa de mais-de-gozo, como lembra Colette Soler (1) em seu texto "O corpo no ensino de J. Lacan", *"ele criará uma causa como se cria uma razão, pois ele terá renunciado a criar uma – causa - da relação sexual"*. Mas para que a causa ocupe o lugar do agente é necessária a circulação dos discursos. Toda tentativa de capturar o analítico através da petrificação do discurso do mestre resulta sempre na confusão entre a moral do poder e a ética da psicanálise.

A solidariedade dos discursos faz com que o do mestre possibilite o do analista. Na entrada em análise, por meio de um quarto de giro até o discurso da histérica, o trabalho de investigação do inconsciente inaugura-se. E, por sua vez, o novo giro que coloca a causa no lugar do agente só é possível com a passagem pelo discurso da histérica. Assim, pretendo dizer que, se há uma solidariedade que possibilita o laço social na instituição analítica, ela refere-se primeiramente aos discursos. A democracia, se concernente ao discurso da histérica, constitui-se como uma das peças da engrenagem que favorece o discurso do analista. Se acreditamos que o mestre não será encarnado, devemos tirar disso suas conseqüências lógicas. Marie-Jean Sauret conclui seu trabalho "O mestre de Escola" com as seguintes palavras: *"O inconsciente é o mestre de uma Escola que ele não governa, mas à qual ele permite ensinar, quando ela é uma escola de psicanálise"*.

Se há algo capaz de coletivizar a dispersão que o *cada um por si* do objeto engendra, se há algo capaz de coletivizar singularidades e fazer borda pelo que nos causa, creio que esse algo não é outra coisa senão as ressonâncias do significante "Campo Lacaniano" sob a forma da incidência de seus princípios éticos.

Para concluir, examino a questão da confiança tal qual a concebo no Espaço-Escola:

1 - A psicanálise sugere a não confiança no Outro, uma vez que o Outro não existe. Fazer apelo à confiança em um Outro institucional consistente arrasta a psicanálise do terreno da causa para o terreno dos ideais. Fazer apelo ao ideal é seguir em direção oposta ao analítico.

2 - Com relação às eleições democráticas, não me parece que se

trata, aí, de confiança, mas de *legitimidade* política e *de representatividade.*

3 - Assim, eu localizaria o significante *confiança*, de preferência, ao lado do *osso* e da *autorização por si mesmo*, em uma seqüência lógica: *consentir* (instante de olhar);

reconhecer (tempo para compreender) e *confiar* (momento de concluir). Confiar na solidariedade dos discursos, confiar que a causa analítica engendra uma borda. Confiar, não no Outro, mas na possibilidade do analítico em uma Escola de psicanálise. Lá, onde a produção se dá à medida que o Outro não responde.

Através dessas informações surge uma curiosa conjunção entre cartel e passe, talvez pela expectativa de que a experiência de insucesso/ fracasso (*échec*) aponte para algo da estrutura (real) do dispositivo do passe e não só do funcionamento (a composição, por exemplo.) Por essa razão, suponho, Lacan tenha aproximado ao máximo os dois dispositivos sem contudo condensá-los. Ao propor passe "e" cartel Lacan aponta para a distinção fundamental entre "o que se escreve e de onde se escreve" - em ambos os dispositivos.

O CARTEL, aí sim, funcionando como meio de trabalho do que o inconsciente cifra - a partir dos efeitos do passe para cada um - dirigindo a investigação de sua possibilidade e seus limites. Ao retornar para o CARTEL o insucesso/fracasso (échec) da experiência, Lacan reproblematiza os efeitos do passe na Comunidade analítica, e reinscreve o produto próprio de cada um na série dos demais CARTÉIS da Comunidade a qual pertencemos. Lacan vai além de dar ao CARTEL a tarefa de mecanismo que barraria as "Suficiências". O CARTEL, tal qual interpreto em Lacan, tende a promover com seu trabalho que a libido circule, que as metáforas se realizem, que o desejo, enfim, transmita...

Como bem lembrou Jacques Adam (*Problèmes de garantie*, Rede da Ifcl, 24/5/00) "Não há formação do analista, certo, mas há formações do inconsciente e a gente almeja uma Escola onde os analistas se recrutem segundo o inconsciente."

Ou seja, há CARTEL sem passe, mas não há passe sem cartel.

Contudo, dizer cartel "do" passe faz supor, a meu ver, a fórmula descrita por Lacan em *D'écolage*, isto é, um cartel como outro qualquer e que exige de seus membros a inscrição individual de seus "temas de trabalho"...

Certamente para "descolar" e quiça "decolar" - como brincou Quinet no título de seu trabalho - o Campo Lacaniano cuja via são nossos trabalhos com os diferentes percursos, evidentemente, ou então nos tornaremos

uma Igreja ou o Exército.

Por essa via o dispositivo CARTEL no âmbito da futura Escola do Campo Lacaniano se reveste de uma importância fundamental - com sua função de pesquisa e aprendizagem como já disseram diversos colegas – para realizarmos topologicamente o trabalho em nossa Comunidade.

1 SOLER, C. *L'Analyse finie*. Paris, Univ. de Paris VIII, Département de Psychanalyse, 1994, p. 6-10.
2 FREUD,S. *Obras Completas*. T III. Madrid: Biblioteca Nueva, 1981, p.3641.
3 SOLER,C. *O corpo no ensino de Jacques Lacan*. Belo Horizonte, Cadernos do Simpósio, 1989, p.23.
4 SAURET,M-J. O Mestre de Escola. In: *Comunidade Analítica de Escola*. Org. E. Schermann e V. Pollo.
Rio de Janeiro: Marca D'Água Livraria Editora, 1999, p.78.
5 SOLER, op. cit. 1989, p.23.
6 SAURET, op. cit. 1999, p.77.

A ESCOLA COMO LUGAR TOPOLÓGICO REFLEXÕES A PARTIR DA PROPOSIÇÃO DE 9 DE OUTUBRO DE 1967

Idalio Valadares Bahia

Parto da última frase do texto *Proposição*, em uma de suas versões, quando Lacan recomenda que a Escola Freudiana não deveria cair no *tough* sem humor do psiquiatra americano que encontrara em sua última viagem aos EUA. O psiquiatra dissera: "Não atacarei jamais as formas instituídas porque elas me asseguram, sem problemas, uma rotina que constitui meu conforto."

Lacan fora expulso da IPA ao ousar perturbar sua rotina confortável, sofrendo os efeitos da segregação, companheira da rotina.

Freud já havia apontado que o aparelho psíquico, em sua estrutura, tende a eliminar o excesso de estímulos que o aflige, numa tendência ao inanimado.

Confirmamos, no nosso tempo, a dureza dos processos de segregação que Lacan previa, conseqüência da universalização introduzida pela ciência.

Entretanto, "acha-se concluído o tempo", ele diz, "no qual , ao que se tratava de causar dano era à entidade mórbida".

Trata-se então, na Escola de Psicanálise de Lacan, de assegurar o dano às entidades mórbidas e de fazer valer a divisão subjetiva, a castração.

"Há um Real em jogo na própria formação do psicanalista", afirma. "Sustentamos que as sociedades se fundam sobre esse Real... não é menos patente que esse real provoque seu próprio desconhecimento e, inclusive,

sua negação sistemática".

É a junção entre psicanálise em intensão e psicanálise em extensão que funda a Escola de Psicanálise.

Junção que é o nome da divisão subjetiva que se repete na instituição e que tem como dobradiça esse Real, o objeto a .

A escola não pode ser somente o ensino, uma de suas vertentes, porque "nenhum ensino diz o que é a psicanálise". "Não está em seus propósitos", diz Jairo Gerbase , "o interesse científico porque, como se sabe, há uma antinomia entre saber e ensino. O ensino não é o veículo, mas o recalque do saber".

Entendo então, que a Escola de Psicanálise, a Escola de Lacan, é ela própria um lugar topológico, ao modo da Banda de Moebius, que só se pode conceber pela via de uma lógica que permita fazer coexistir as diferenças ao fazer valer a divisão.

E que o dispositivo do passe é o seu fundamento, ponto de convergência de todos os caminhos, cujas sombras só podem ser afastadas pelo desejo de cada candidato a analista.

Caberia à Escola, assegurar dispositivos para que esta passagem se verifique e para que os impasses colocados pela estrutura institucional possam ser tratados e superados.

Bibliografia

1) Lacan, J. - Proposição de 9 de outubro de 1967. Em: "Documentos para uma Escola", publicação da "Letra Freudiana" -RJ, Ano 1, No. 0
2) Gerbase,J - RSI?, Em: Comunidade Analítica de Escola.

FÓRUM NACIONAL DO CAMPO LACANIANO - 1999

QUE ESCOLA QUEREMOS?

Debatedor: Alexandre Simões
Transcrição de Alexandre Simões e Zilda Machado

APRESENTAÇÃO DE ALEXANDRE SIMÕES

Nesses últimos dias a lista de discussão de nossa *homepage* reservada ao acolhimento de textos e debates sobre 'Que Escola queremos?' aumentou consideravelmente de volume. Não deixou também de ser curioso que diversos textos que iriam integrar o debate em outras mesas foram enviados para a referida lista de discussão. Assim, poderia ser dito que, sob os auspícios do tema 'saber lidar com a transferência', todos acabaram se engajando nesse trabalho de clarificação quanto ao 'Que Escola queremos?'. Eu, responsável em tecer considerações que propiciem o debate sobre alguns destes textos - 7 textos - gostaria de dizer que os tomei na condição de cartas. Independente do volume bem como do conteúdo, me permiti apreendê-los enquanto cartas. Não devemos nos esquecer de que Lacan chegou a nos propor que uma carta sempre chega a seu destino. Assim, vejamos o que se pode fazer com isto. Não se deve esquecer também de que o que irei fazer aqui é, a partir de minha leitura dessas cartas, um comentário. Neste sentido, trata-se da "tradução", para vocês, de uma leitura. Diria que uma 'transleitura' sem, necessariamente, pretender a exaustão. E digo-lhes ainda que essa transleitura, por questões óbvias de tempo, haverá de ser guiada por um minimalismo, pela extração daquilo que é mínimo e ao mesmo tempo crucial em cada uma daquelas cartas.

Dessa maneira, passarei à transleitura do primeiro texto de Antonio Quinet intitulado *O desejo do analista e o termo da transferência* (comentário do *Discurso à EFP*, de Jacques Lacan). Quinet constrói seu texto, ou melhor, sua carta, a partir de três indagações:

1) o passe, antes do final da análise - indicação do passe que foi instaurado na EBP - é o passe de Lacan?

2) a emergência do desejo do analista é contemporânea ou não ao final de análise?

3) Qual é o destino da transferência?

É a partir desses pontos que ele nos relembra acerca da solidão do ato analítico para afirmar que a Escola é o lugar em que cada um dispõe/expõe sua relação com o ato. É nesse contexto que se poderia pensar o desejo do analista como correlativo à ausência do Outro. É diante desse ponto de inconsistência do Outro que, segundo Quinet, deveríamos pensar na não-equivalência entre o final de análise e passe. Parece-me que este é um ponto crucial na elaboração de Quinet. O passe diria respeito mais à colocação em cena do desejo do analista do que ao final de análise e aquela, por sua vez, é síncrona à passagem de analisante a analista. Há uma passagem em seu texto na qual este argumento é posto com bastante clareza. Por isso, gostaria de citá-la: *"Essa distinção é essencial para redimensionar o passe. O passe de Lacan diz mais respeito à passagem ao desejo do analista do que propriamente ao final de análise. Sendo o nosso vetor do passe o desejo do analista, não tem sentido em se falar de passe de entrada ou passe de final de análise. Pois trata-se de um só passe: o que verifica o desejo do analista"*. Assim, o minimalismo a que consegui chegar na posse dessa carta de Quinet foi exatamente o da não-colagem entre o passe (enquanto verificação da irrupção de desejo do analista, logo, de um analista) e o final de análise. Sabemos o quanto que estes dois pontos - o passe e o final de análise - são usualmente tomados como equivalentes. E é isso que Quinet, baseado em algumas passagens do próprio Lacan, nos propõe relativizar.

Em seu segundo texto, intitulado *O estilo, o analista e a Escola*, o raciocínio que acabei de indicar é desenvolvido um pouco mais por Quinet. A partir da etimologia da palavra estilo, isto é, a partir da palavra grega 'stylus' (que significa marca, corte, furo), Antonio Quinet busca localizar o estilo, na análise, do lado do analista. Assim, o estilo aqui é apreendido enquanto um forte instrumento de singularização. É daí que nos será lembrado o percurso de um sintoma ao longo de uma análise, isto é, aquilo que de início se apresenta como um semi-dizer sem dito e que, pela via da verdade, finda-se como um bem-dizer, como um real bem-dito. É quanto a esse ponto final que ele nos dirá que: *"A conciliação com o sintoma no final da análise implica, por um lado, não recalcar a verdade do sintoma, e sim, bem dizê-la, e, por outro, em se habituar ao seu real reduzido aqui a um caroço ou núcleo irredutível. E qual é o efeito dessa redução? É um efeito sobre o mal-estar que o sintoma*

provoca. Bem-dizer o sintoma é a condição para aquilo que Lacan propôs para se referir à relação do sujeito com seu sintoma no final de análise: savoir y faire, saber lidar com o sintoma. O bem dizer do sintoma a que leva uma análise conduzida até seu final é a condição de saber lidar com ele. É a partir daí que podemos introduzir a questão do estilo.". Este estilo seria, portanto, aquele que considera a singularidade do objeto *a* e a incompletude do Outro e não exatamente um estilo modulado ou determinado pelo Outro. É precisamente esse estilo que se transmitiria em uma análise, uma vez que ao sintoma a gente se identificaria.

Passemos agora ao texto de Bárbara Guatimosim. O título é 'O novo ódio'. O que me chamou a atenção nesse texto foi a perspicácia de Bárbara quanto à atenção que devemos manter para uma das artimanhas do amor: a coalisão com o ódio. Ou seja, se estamos em condições de falar, em nossos laços, em um novo amor, por que não haveríamos também de pensar em um novo ódio? Tal como Bárbara propõe-nos, esse novo ódio não resultaria no simples segregacionismo ou no isolamento, porém, em novos laços sociais. Ela - e isto me parece de suma importância para todos - nos propõe que devamos não só nos interrogar acerca de 'que Escola queremos?' (em articulação com o 'saber lidar'), mas, sim, 'que Escola estamos fazendo em cada momento, em cada passo?'. Compreendo que tal indagação é bastante precisa à medida que não elimina a complexidade do percurso que estamos empreendendo.

O quarto texto, o de Graça Pamplona, trata de uma fina contextualização do que veio a ser, a partir da *Carta aos italianos* de Lacan e das últimas movimentações da AMP, o 'passe na entrada'. Graça chama a atenção para a impropriedade que há em se buscar distinguir duas espécies de passe - uma, na entrada, a outra, na saída ou no final de análise - e, por fim, propõe a denominação 'passe sob transferência' (doravante, amplamente utilizada pelos colegas do Campo Lacaniano), preferível a que até então se convencionou chamar de 'passe na entrada'. Parece-me que a grande importância do trabalho de Graça Pamplona é nos fazer perceber que o passe é um só.

No texto de Marie-Jean Saurret, cujo título é *A transferência depois do passe (trabalho de transferência, transferência de trabalho, laço-social)*, vemos a localização da transferência ao fim do tratamento. Nessa circunstância, diz Sauret, o que se daria é o fim da tentação da representação, em outras palavras, o fim da tentação do significante em se conectar completamente com o gozo. Este recobrimento mostra-se insuficiente, o Outro do saber se desfaz. É aí que pode também localizar o momento do passe: *"O sujeito se esforça, então, para inventar, ele próprio, uma resposta frente à ausência estrutural de resposta, uma solução que sustente o fato de que não há resposta: com*

o risco de amar, não mais o Outro que se desfaz, mas sua própria construção, seu próprio saber e ir contra a descoberta deste ponto onde o Outro não responde". Portanto, é na verificação dos limites do Outro que se localizaria a descompletude do saber e o impulso à criação.

No texto de Sueli Miranda, *Consentir, reconhecer, confiar*, podemos ver que o não-todo ocupa um lugar bastante significativo no laço entre os analistas. O consentir e o reconhecer dizem respeito muito mais à relação de cada um com o impossível, portanto, à particularidade e à singularidade. Logo, trata-se também de uma não-confiança no Outro, uma vez que o Outro (no sentido de uma metalinguagem ou de um Outro do Outro) não existe. A confiança que convém aos analistas, segundo Sueli, é a confiança na solidariedade e circulação dos discursos. E isso, de certa forma, é confiar na borda engendrada pela causa: "Confiar, não no Outro, mas na possibilidade do analítico em uma Escola de psicanálise. Lá, onde a produção se dá na medida em que o Outro não responde.".

Zilda Machado, em seu texto chamado 'Elaboração acerca da *Nota aos italianos'*, relembra-nos as propostas de Lacan efetuadas aos italianos que se interessavam pelo seu ensino. Tomando o analista mais enquanto função do que uma posição outorgada por um ideal ou por pretensas garantias, Zilda coloca-nos as seguintes indagações: *"Como podemos operar a construção de uma Escola cuja postura ética seja a garantia da doutrina da Psicanálise e não a dos psicanalistas? E como sustentar isso, apesar dos impasses colocados pelas questões institucionais?"*. Enfim, trata-se de efetuar a articulação, sem o recurso à moral, entre a garantia e a ética.

Foram esses os elementos que, nessas cartas, pareceram-me dignos de propiciar um debate.

ABERTURA DA MESA POR EDMÉIA TOLEDO:

A lógica de funcionamento desta mesa foi mudada. Será uma mesa e não duas como previsto anteriormente. Cada debatedor discutirá quatro ou cinco trabalhos, que já foram lançados na rede de fóruns e estão na brochura. Os trabalhos não serão lidos. O debatedor fará sucintamente o extrato de cada texto lido, colocando questões e após todas as apresentações iniciaremos o debate.

ZILDA MACHADO

Fiquei responsável pelo levantamento de questões a partir de 5 trabalhos. Trago-as para este debate e espero que possam nos permitir avançar no tema 'que Escola queremos'?

O primeiro trabalho é o de Eliane Costa e Silva intitulado *A situação da psicanálise e a formação do psicanalista em 1956, revisitada em 1999*. Em

seu texto ela toma a crítica feita por Lacan à formação do psicanalista e à transmissão da psicanálise sob o modelo da IPA e a resposta que ele dá a esse modelo com a criação da sua escola, apontando o estabelecimento de condições de desenvolvimento da psicanálise e sua efetivação no psicanalista por meio de dois dispositivos: cartel e passe. Lacan busca o termo Escola e propõe que ele demarque um lugar norteado pela formação e pelo saber que circula pelos textos de Freud e pelos dele próprio. Diferentemente de outras associações de psicanalistas, a Escola proposta por Lacan fará a distinção entre a hierarquia e o *gradus*. Eliane aponta a ambigüidade do significante *gradus* que tanto pode ser grade, que pode significar um grau na hierarquia, como algo que encerra, mas ela pontua que o significante privilegiado aqui é o 'passo' da marcha (gradum facere) e a posição do combatente. Assim, o *gradus* aponta para uma progressão por grau, de acordo com uma gradação, não vinculada a uma graduação. Finaliza com a seguinte pergunta: Como o Campo Lacaniano pode se instituir, trazendo um significante que funda um grupo, não pelo traço de uma identificação, mas fundamentado numa referência comum, na singularidade do discurso analítico? Em que se diferencia e o que concerne a cada membro desse grupo?

O segundo trabalho é de Maria Anita Carneiro Ribeiro, intitulado *Contribuição ao debate sobre que Escola queremos.* Apesar de Maria Anita ter participado da mesa sobre o passe, achamos conveniente trazer o texto que ela divulgou na rede, pela pertinência de seus comentários.

Segundo ela, o "passe na entrada" pode ter sido concebido como critério de seleção de uma escola, porém, neste momento, ao se trazer a debate a experiência dos colegas que passaram por esse dispositivo, o que se revela é que o "passe sob transferência", como é chamado hoje, a despeito de não ter talvez acreditado nele, o que ele traz de fundamental é o efeito de doutrina. São experiências transmissíveis, a partir das quais podemos extrair ensinamentos e questões que, ao serem debatidas, façam avançar a psicanálise. Pelos depoimentos dos colegas, Maria Anita traça pontos que comprovam isso: pôde-se verificar claramente nesses depoimentos a emergência do desejo do analista no decorrer de uma análise, e verificou-se também que, mais importante do que a nomeação, era o desejo de transmitir o que já haviam construído sobre sua análise. O que Maria Anita coloca então é que condicionar a nomeação de um membro da escola ao passe é deturpar o dispositivo. É dar a ele conotação político-partidária, e aí já não estamos mais na política da psicanálise.

O terceiro trabalho é o de Alexandre Simões, intitulado *Transferência e falocentrismo.* Tomando o algoritmo da transferência, a proposta de Alexandre é que o Sujeito suposto Saber é seu pivô, mas não é aí ponto central. Propõe que há na transferência uma lateralidade que poderia ser melhor expressa como

sujeito suposto ao saber. Toma o conceito de transferência em Freud e Lacan e o articula à noção de falo, no sentido da dialética falo - privação do falo. Disso decorre o que ele propõe em seu trabalho: que o manejo e o metabolismo da transferência, ou seja, a transmutação do trabalho de transferência em transferência de trabalho, tem como operador lógico o desejo do analista, o que traz repercussões sobre o falo. Sendo a proposta da *Proposição de 9 de outubro de 1967* para a 'solução do problema que é a sociedade psicanalítica a disjunção entre hierarquia e *gradus*', o que o nosso colega articula é que há uma descontinuidade radical entre uma escola que se organize sob a égide do falocentrismo e uma outra que lance luzes sobre o final de análise. Que escola propõe Alexandre Simões? Uma que considere a descontinuidade que há entre o desejo do analista e o falocentrismo e por isso propõe espaços onde uma outra lógica, que não a lógica agalmática do ser ou do ter, possa dar prova de sua existência e testemunho de seus resultados.

O quarto e o quinto textos são de Ângela Mucida intitulados *Psicanálise: transmissão e ensino* e *Transmissão: a "lituratura" como escrita?* Ângela parte da questão: "o que a psicanálise nos ensina, como ensiná-lo?" e retoma Lacan: "um ensino digno deste nome e uma transmissão possível só se dará pela via do estilo. E o estilo é o objeto". Stylus, estilete, algo que se escreve fazendo marcas, sulcos, cortes, correlato "do que se chama letra". O estilo é o que no pensamento de Lacan franqueia o ultrapassamento da literatura em proveito da literalidade. Seguindo o texto, Ângela vai articulando esses conceitos. Do estilo ao objeto e à letra é transitar nas lituras, nas fissuras que rasgam a língua, é apostar na transmissão que o resto provoca do que se revela pelas rasuras, falhas, ranhuras, uma palavra mais próxima da coisa, limite do simbólico e encontro com o real. O que por não se prestar à comunicação é justamente índice de transmissão. Se na psicanálise nem tudo passa pela via significante, e nem tudo é matemizado, o que resta é a possibilidade de escrita, efeito da letra. Se nem tudo pode ser matemizado, o que fazer do resto? Segundo Ângela, metáforas como rasura, sulcagem, litura, estilete, por estarem do lado do descontínuo, lançam trilhas da formalização dos pontos cruciais do final de análise.

Acomodação de restos? É esta a definição que Lacan dá à literatura. Porém o que a nossa colega Ângela propõe é que o significante acomodação tem também o significado de disposição e ordenação, portando, uma certa ordenação dos restos. É uma maneira de tratar o lixo, o que não serve para nada, o gozo. Portanto, o final de análise produz uma escrita particular de acomodação dos restos. Ângela Mucida propõe que seja chamada de LITURATURA, palavra que traz em seu bojo a litura. Sua questão final é: Quais serão, na Escola que queremos os dispositivos de tratamento possível dado aos resíduos, ao lixo, na prática de seu ensino e de sua transmissão? E

sendo a produção do psicanalista lituratura, que espécie de crítica teremos de sustentar?

ALBA ABREU

Em primeiro lugar quero agradecer o convite para participar deste debate que me dá chance de poder relançar algumas questões dos colegas. Quero agradecer também aos colegas o trabalho de escrever o texto e colocá-lo na *internet* para que possamos estar aqui debatendo. Acho que vocês são mais importantes agora, escreveram esses textos e eu penso que devemos aproveitar esta mesa para que possamos objetivar nossas respostas, uma vez que como já ouvimos pela manhã, diferentemente do campo freudiano, no qual apresentávamos os trabalhos, mas a orientação e a decisão eram sempre únicas, agora teremos a oportunidade de colocar nossas diferenças. Espero que realmente seja possível colocá-las e encontrar um consenso para tudo isso. Fiquei encarregada de analisar quatro trabalhos e agradeço ao Alexandre que teve de organizar essas mesas. Não foi fácil porque os textos iam aparecendo e os tomávamos sem escolha, a partir do que ia aparecendo.

Primeiro tomei o trabalho de Eliane Schermann quando ela pergunta o que faz um psicanalista. Qual seria sua formação suficiente e necessária? Eu acho interessante colocar o nome para que vocês localizem no texto e depois possam contribuir para a discussão e até procurar o autor se depois for alguma coisa do interesse de cada um. Eliane pergunta: Freud insistia sobre o ponto de que se a psicanálise é uma experiência, como tal teria de ser demonstrado seu valor científico, mas como demonstra-lo se o saber científico foraclui o sujeito e a experiência analítica é somente do um por um? É a questão. Só poderíamos aproximar a psicanálise da ciência, no aspecto da sua transmissão, ela conclui assim, mais ou menos por cima do texto, pois tanto o saber da ciência como o da psicanálise são transmissíveis, mesmo sabendo que o que se transmite em Psicanálise está sempre submetido à ética do desejo. A comunidade analítica de escola se faria então à medida que as produções fossem dos cartéis ou do passe. Assim, seriam particulares, singulares, para com isso sustentar um lugar vazio. Relanço uma outra questão para discuti-la aqui: não seria mais fácil aproximar a psicanálise da arte em vez da ciência, pois este lugar vazio necessário a uma comunidade analítica está invariavelmente no centro de qualquer criação, seja ela artística ou psicanalítica, enfim, nos preocupávamos com a questão da psicanálise e da ciência.

Tomei o texto de Clarice Gatto para recortar uma pergunta que achei interessante, embora o texto seja enorme, ela faz um percurso histórico, mas não dá para comentar todo. Ela pergunta assim: O que nos interessa na trajetória de uma análise de colegas ou de nossos próprios analisantes? Ela responde

sobre isso quando fala do nascimento do desejo do analista. Diz assim: *"Nós, analistas, operamos apenas no registro da Versagen, dizer não à demanda de amor acolhendo-a, dizer não inclusive à demanda da instituição psicanalítica que deseja saber sobre o impossível da relação sexual, materializado nas performances pessoais entre analistas e analisantes"*. Eu pergunto que conseqüências isso pode ter na nossa comunidade analítica, e eu achei a resposta quando Quinet escreveu *O Desejo do Analista e o tema da transferência.* Um comentário ao discurso à EFP de Lacan. Ele afirma que a Escola deve ser o lugar - é uma resposta à sua questão Clarice - onde cada analista possa prestar conta do seu ato, do ato analítico. E não existiria outra maneira senão a exposição, mesmo com toda dificuldade lógica que esta tarefa impõe, porque ato é do *eu não penso* e o relato seria mais do significante, de estabelecer um texto, de falar, escrever, restituir, enfim, transmitir o ato. Então não estaria tanto nas performances pessoais entre analistas e analisantes, mas dessa necessidade lógica que Quinet adverte. Mas Clarice também adverte uma coisa muito importante: que Lacan propõe a escrita, a publicação dos trabalhos, e aí eu também tomei, objetivando tudo isso, a proposta que Angélia colocou na rede de fóruns, da publicação de uma revista que reunisse a produção da nossa comunidade, respeitando as exigências legais e não a indicação política, como sabemos que é o caso de Opção Lacaniana. Todos nós vivemos isso, a revista era feita por indicação e não por um rigor científico e técnico que uma publicação deve ter.

Rosângela Corgozinho coloca que o projeto da associação deve instaurar o discurso do mestre para que funcione a fim de conceber e praticar um laço social que seja digno da psicanálise. Eu tomei Quinet novamente, mas em outro texto, nas suas considerações sobre os princípios dos fóruns que ele aborda assim: se a transferência de trabalho encarna-se em pessoas, o significante mestre, não necessariamente, pois ele teria o poder de coletivizar para constituir e delimitar um conjunto. Pergunto se este poder de coletivizar não dependeria também desses laços privilegiados que a transferência de trabalho propõe, e como é que se faz isso verdadeiramente numa associação? Rosângela coloca também o cartel como dispositivo que ela chama adequado para o aprendizagem do funcionamento antigrupal porque a permutação e a dissolução estariam aí incluídas. E eu pergunto, para relançar o debate: será que funciona mesmo o cartel, no sentido de trabalhar algum ponto clínico, teórico, ético, para fazer avançar a psicanálise? Não seria muito pouco esperar do cartel, apenas este aprendizado do funcionamento? Inclusive porque penso que a própria concepção de cartel foi um pouco desviada quando a gente aprendia na AMP que podia ter cartel de biblioteca, cartel de coordenação, enfim, se perdeu um pouco do que Lacan propõe como cartel. Então acho que é o momento de refletirmos sobre o

que é o cartel e se realmente ele funciona.

Idálio Bahia discute sobre a necessidade de fazer valer a divisão subjetiva, a castração, no seio da escola, para isso ele propõe o lugar topológico da *banda de moebius* para que possam coexistir as diferenças. Perguntaria se seria possível assegurar que poderemos tratar e superar os impasses colocados pela estrutura institucional? Eu acho que ainda estamos muito próximos da experiência anterior e como diria Elis Regina, ainda somos os mesmos. Será que colocando o passe na estrutura institucional não seria uma ilusão, como é o caso, por exemplo, do Espaço- Escola nos estatutos? Será que não bastaria um regulamento interno, diferenciando o que seria estatuto e regulamento interno? Eu tenho um pouco de experiência sobre isso e acho que estatuto é uma coisa e regulamento interno é outra, mas ambos são leis que merecem ser obedecidas. Então será que institucionalizando o passe e o cartel vamos conseguir tratar e superar estes impasses?

OLYMPIO XAVIER

Quero antes de mais nada agradecer aos colegas de Belo Horizonte o convite e o esforço feitos para este evento e dizer que estou me sentindo meio na posição de coador, evocado pela Dominique, em filtrar estes textos, e por isso evoco *Poros*, o que gerou no engano.

Vou começar com o trabalho de Vera Pollo que faz comentários sobre sua apresentação no Fórum do Rio sobre a Carta aos Italianos. Vera em sua reflexão nos indica um ponto de começo para qualquer elaboração de um projeto de escola. Por que queremos a escola do passe e do cartel? Ela defende o passe, e mais precisamente o passe sob transferência, fundamentada nos depoimentos de passantes ouvidos nos encontros do fórum do Rio de Janeiro. Quando ela pode escutar uma transmissão possível da teoria, muito além das pequenas histórias que estariam vindo em resposta ao princípio de Lacan na *Carta aos italianos*. Aqui tomo a citação de Vera: *colocar colaborando o simbólico e o real que o imaginário enlaça, eis porque não se pode deixá-lo cair.* Eu entendo isso como o imaginário da instituição abrigando o real em jogo que caracteriza a psicanálise que, por sua vez, opera na produção simbólica que dá sustentação ao real. Essa escola deve encontrar seu furo na condição mesmo de que um saber se deposite enquanto teoria, que sustente este real como operativo. Como traz Ana Laura, a garantia que a Escola visa está nesta operatividade e não no saber do psicanalista, já que essa é uma garantia gratuita, dada pelo cúmulo do real.

Assim consigo entender a interseção entre a intensão e a extensão, por um lado Formações Clínicas, de outro lado Escola. A partir dessa tensão proposta pelo Campo Lacaniano, podemos pensar a Escola não-Toda, descompletada

pelas Formações Clínicas, e tendo como interseção um saber do ato em ato.

No trabalho de Ângela Diniz, a transmissão da experiência é também um ponto pivô na formação da escola. Ela traz a crítica de Lacan à IPA que, por eludi-la, nos seus dispositivos, apresenta o grau único da suficiência, aquele que chega ao final de sua análise identificado com o eu do analista, em que o analista não se autoriza de si mesmo mas se garante num modelo identificatório. Lacan denuncia na *Situação da psicanálise* este mecanismo que visa *"evitar no analista a apreensão de seu estatuto no final de análise, mantendo via narcisismo o caráter privado, inarticulado e obscuro no inacessível da transmissão da experiência"*. Com a *Proposição de 9 de outubro*, introduzindo o passe, Lacan tenta desestruturar essa possibilidade de formação do grupo hierárquico. O sujeito no final de sua análise, na posição de efeito e não apenas causa do desejo, pode depositar algo da experiência desse saber, enquanto contribuição teórica as questões fundamentais da psicanálise, com os passadores no alvo da transmissão deste depoimento, Lacan propõe com o passe um *tiquê* no *autômaton* da hierarquia institucional. Como a Nilda lembra, o passe é o passador.

Sônia Alberti, de forma bem oportuna, vem nos lembrar aqui dessa transferência de trabalho, *"em que cada um abrirá caminho para demonstrar o que faz do saber que a experiência deposita"*. Isto é uma citação de Lacan em *D'écolage*. O que fazer desse saber cria a possibilidade da diversidade, do estilo de cada um , justamente pelo rigor de não escamotear o impossível de se saber do insconsciente. Creio que com isso há uma limitação inevitável de um campo em que se pretende uma Escola de experiência do funcionamento desse saber. Esta Escola que abrigaria, além do impossível de se saber do inconsciente, a formulação teórica que o sustente, a aplicação desse saber à intersubjetividade, desmontando o *amoródio* em transferência, finalmente poderia acolher o estilo de cada um que espere bem dizer o seu sintoma. Eu gostaria de terminar esses comentários com uma citação do encerramento do discurso de Lacan à EFP: *"O inconsciente, este não faz semblante, e o desejo do Outro não é um querer à la manque"*. Essa expressão nas *Lições de Lacan* que tivemos no Rio, apresentou um certo problema de tradução, gostaria de propor uma tradução possível por este *à la manque* 'o desejo do Outro não é um querer papo furado'.

ALEXANDRE SIMÕES:

Sinto-me aqui em uma tarefa que faço com muito interesse, mas uma tarefa um tanto quanto delicada porque fiquei responsável por um número considerável de textos, e estes textos também têm um volume considerável de posições que poderiam suscitar um debate muito interessante entre nós e

extremamente pertinente ao tema 'Que Escola queremos'. Os textos que me responsabilizei são os textos de Antonio Quinet, Bárbara Guatimozim, Graça Pamplona, Marie-Jean Sauret, Sueli Miranda e Zilda Machado.

Eu tomei a liberdade de me apropriar destes artigos na condição de cartas. É assim que eu os estou entendendo. Para mim são cartas que são claramente direcionadas a este título 'Que Escola queremos?'

Acho interessante neste debate considerarmos que houve diversos endereçamentos – pessoas que participaram das mesas de ontem e de hoje com aqueles temas específicos em relação ao passe, mas que também utilizaram este mesmo conteúdo, remetendo-o para este titulo 'Que Escola queremos'. E também tomo estes textos na condição de cartas fazendo alusão ao que Lacan falou no final da *Carta Roubada*: comentou que uma carta sempre chega a seu destino. Acho que esta é uma proposta de Lacan interessante, curiosa, e acho que há duas grandes possibilidades de compreender essa proposta, de que uma carta sempre chega a seu destino, por exemplo, é possível fazer uma leitura metafísica disso como Derrida por excelência fez. Por leitura metafísica estou querendo dizer que é possível se efetuar uma crítica como Derrida fez, da qual eu particularmente não partilho. Uma leitura metafísica quer dizer que quando se supõe que uma carta sempre chega a seu destino está se colocando aí como pano de fundo, vamos dizer assim, aquela consistência que já foi por nós, séculos atrás, proposta por Tales de Mileto, ao dizer que tudo é Um. É uma maneira de se compreender essas cartas que sempre chegam ao seu destino. Então pensar que elas chegam ao seu destino justamente porque há uma consistência do Outro, há uma garantia que asseguraria o recebimento destas cartas. E há uma outra maneira de se ler esta proposta que é uma leitura não teleológica. A minha condição aqui de comentar esses textos é para efetuar o que eu chamaria uma transleitura. Então, não há como eu ter compromisso com a exaustividade. São comentários específicos, precisos, sem compromisso de fazer uma leitura exaustiva dos textos que estão na publicação.

Gostaria de frisar inicialmente algumas coisas que estão no texto de Antonio Quinet chamado *O desejo do analista e o termo da transferência.* Esse texto foi constituído a partir do comentário ao discurso à EFP de Lacan e foi um texto originalmente apresentado nas Lições de Lacan que ocorreram no Rio de Janeiro em agosto. Quinet traz três indagações que parecem interessantes para esse debate de hoje. São indagações que vamos ver que vão aparecer em outros textos que eu estou trabalhando, como já apareceram nos outros textos que os colegas trouxeram.

Uma indagação inicial: O passe antes do final de análise. Ou seja, essa indicação do passe tal como foi instaurado na EBP. Quinet se interroga: esse passe seria o passe de Lacan? Acho uma indagação interessante de ser levada

adiante e vamos ver que no texto de Graça Pamplona ela faz um comentário mais detido sobre esse assunto. Segunda indagação: a emergência do desejo do analista é contemporânea ou não ao final de análise? Isto surgiu ontem e hoje também. É um tema provocativo que valeria muito a pena debatermos. Essa disjunção que poderia haver entre o passe e o final de análise. O quê que se verifica? É algo relativo ao desejo do analista, parece que todos estamos de acordo com relação a isto, mas isto é síncrono ou não ao final de análise?

E a terceira indagação é 'Qual é o destino da transferência?' que também é uma indagação que vai surgir em outros textos que vou comentar. O passe de Lacan diz mais respeito à passagem do desejo do analista do que propriamente ao final de análise. Sendo o nosso vetor do passe o desejo do analista, não tem sentido em se falar de passe de entrada ou passe de final de análise, pois se trata de um só passe: do que verifica o desejo do analista. Acho interessante isso se for o caso de retornar, esta disjunção.

Outro texto de Antonio Quinet chamado *O estilo, o analista e a escola.* Efetuando uma precisão do que viria a ser o estilo, que convém ao campo conceitual da psicanálise, ou seja, o estilo não como instrumento de generalização, mas como instrumento de singularização, então não é o estilo da estilística, mas é uma outra dimensão do estilo, uma dimensão que faz ecoar a etimologia da palavra estilo, que vem de estilos, que é uma marca, um corte, um furo. Quinet chega a nos lembrar que stylus era o que era usado para entalhar uma madeira, uma pedra, até o próprio instrumento de inscrição, e é o resultado também da inscrição, mas enfim, Quinet nos chama também a atenção para esta sincronicidade do desejo do analista e o estilo tomado nesta dimensão de uma singularização. Ao longo do seu texto ele também faz a articulação do estilo, tomado nesta acepção – o desejo do analista – e juntamente disso o que eu chamaria a descompletude do Outro. É até neste sentido que ele faz uma leitura da famosa frase de Buffon que fala que o estilo é o próprio homem. É uma frase que Lacan comenta e a modifica na abertura dos Escritos e Quinet se detém sobre isso e efetua alguns desenvolvimentos sobre o estilo não é o próprio homem, o estilo não é o grande Outro, e por fim acaba desenvolvendo a idéia de que o estilo é o objeto a.

O básico aqui, fazendo articulação entre os textos é justamente isso: pensar o desejo do analista como sendo da ordem do estilo, tomado como instrumento de singularização e por sua vez homogêneo ao S(A)barrado, portanto trata-se de um estilo que não caminharia na direção de uma pedagogia da causa analítica, que no texto Quinet localizou como sendo uma maneira de se lidar com o estilo próprio da EBP.

O texto de Bárbara Guatimozim chamado "*O novo ódio*": Achei muito interessante e perspicaz à medida em ela ao tecer alguns desenvolvimentos

sobre a junção amor e ódio, o famoso amódio, ou amoródio, vai nos falar de um novo amor mas ao mesmo tempo não vai se furtar da complexidade em sua análise. Esse novo ódio curiosamente não seria antinômico ao laço social. Ela efetua diversos comentários sobre esta báscula entre o novo amor e o novo ódio e como isto estaria instaurado na coletividade dos analistas e por fim se interroga com algo que eu acho bastante pertinente para o debate desta mesa. Nesta trilha, nós devemos nos interrogar não só em relação a que escola queremos em articulação com o saber lidar com a transferência, mas juntamente a esta indagação, devemos sim perguntar: que Escola estamos fazendo? Acho pertinente essa questão porque também retira esta construção de algo que está lá na frente e nós simplesmente devemos fazer uma caminhada tranqüila, isenta de complexidades. Ela não desvia da complexidade do enlaçamento dos analistas e nos convida a efetuar essa interrogação não de uma maneira que se projeta adiante, mas de maneira constante. Que escola estamos fazendo a cada momento do nosso caminhar?

O texto de Graça Pamplona intitulado *A propósito da expressão passe sob transferência*, relembra que a terminologia passe sob transferência foi ela mesma que propôs para substituir ou para melhor localizar o que viria a ser chamado, e continua a ser chamado em certos setores, de passe de entrada. Tendo em vista que essa terminologia 'passe sob transferência' é mais adequada, pois continuamente faz alusão a uma clínica sob transferência. Graça faz uma contextualização histórica bastante instrutiva de onde é que veio essa idéia de passe de entrada, faz alusão aqui a Madri 1990 e até descreve o episódio de uma votação 'vocês querem ou não querem levar a sério o passe sob transferência?' Ela nos sugere que não devamos cair na simplificação de abordar o passe de entrada, ou sob transferência, como uma degradação do passe de Lacan'. Parece-me que o que a Graça sugere é que devemos olhar isso com mais cuidado, e me parece que é o que está sendo feito neste fórum. Enfim, não devemos jogar a banheira com a água e a criança fora.

Marie-Jean Sauret – *"A transferência depois do Passe – trabalho de transferência, transferência de trabalho, laço social":* Ele começa o seu texto mostrando um percurso muito interessante da transferência na condição de um amor endereçado ao saber, e vai nos dizer no andamento do seu texto que há sim um destino da transferência no tratamento e ele localiza esse destino com essa terminologia: o destino da transferência no tratamento seria o fim da tentação da representação. O que viria a ser isto? Justamente a tentativa de se efetuar uma conexão completa no estilo lá do Aristófanes do abraço, dos dois seres que foram partidos ao meio, uma conexão completa entre significante e gozo. Então o fim da tentação da transferência provavelmente é o acatamento dessa não completude, desse casamento que há mas que não é um casamento

completo, harmônico entre significante e gozo. E outra vez volta ao tema que já apareceu em outros textos ao qual eu me referi aqui que é o esvaziamento do Outro do saber, ou seja , a incompletude do outro do saber. Em outras palavras, trata-se aqui, no passe justamente da verificação dos limites do Outro. Tem um ponto aqui no texto de Sauret que quero localizar: é o perigo de se colocar a psicanálise a serviço do discurso do capitalista, ou a serviço desse chamado à eficácia. O mecanismo do passe não é isento de riscos, e ele localiza um desses riscos nesta condição, eu o cito: *"o sujeito se esforça então no momento do passe para inventar ele próprio uma resposta frente à ausência estrutural de resposta, uma solução que sustente o fato de que não há resposta, "com o risco de amar não mais o outro que se desfaz, mas sua própria construção, seu próprio saber ir contra a descoberta deste ponto onde o Outro não responde"*. Acho interessante Sauret nos alertando quanto a este risco de abrir mão do Outro, descompletar o Outro, mas começar a amar demais aquele próprio testemunho dessa descompletude do Outro.

Passo então ao texto de Sueli Miranda, chamado *Consentir, reconhecer, confiar*. Ao longo de seu texto ela vai efetuar localizações com relação aos usos possíveis que poderiam ser dados a estes três termos em meio ao nosso enlaçamento, e no desenvolvimento do texto vai nos chamar a atenção sobretudo para o valor de mantermos entre nós mecanismos que possibilitem a presença constante e a tolerância com relação a isto, da variedade e da particularidade, de tal maneira que a moral do poder não se sobreponha à ética da psicanálise. Ela vai, de maneira perspicaz, nos dizer que a confiança tal como ela trabalha, a confiança não convém bem àquele que passou por isso, que Sauret indica: a confiança não cai bem a este campo aonde o Outro do saber já não se mostra mais consistente.

Passo ao texto de Zilda Machado chamado *Elaborações acerca da Nota aos Italianos – Que Escola queremos?* Como o próprio título indica, Zilda vai efetuar comentários em cima do texto de Lacan *Nota aos Italianos* e vai propor que essa carta é altamente contemporânea, já que essa carta é direcionada atualmente a todos nós. Desenvolve a sua argumentação mostrando que o analista deve ser pensado enquanto função, eminentemente enquanto função. Ela nos indica isso com clareza, a articulação do passe com esse momento de passagem do analisante a analista, e por fim, nos chama a atenção para a articulação interessante que deve haver entre garantia e ética. E conclui com essas duas perguntas: Como podemos operar a construção de uma escola cuja postura ética seja a garantia da doutrina da psicanálise e não ao dos psicanalistas? E como sustentar isto apesar dos impasses colocados pelas questões institucionais?

E estes são os elementos que eu trouxe para vocês nesta tentativa de

efetuar uma transleitura minimalista, e aqui só para fechar, e acho isso importantíssimo, é que esses textos nos transmitem é a crucialidade, seja para a associação que estamos em vias de criar, ou para a Escola que provavelmente virá, o ponto crucial é o desejo do analista.

ELIANE SCHERMANN

Lacan na conferencia de Milão, eu não me lembro as palavras que ele usa, diz que a psicanálise está com um pé na ciência, mas por outro lado a vertente cientifica foraclui a castração. Vemos tantos produtos da ciência que estão ai e foraclui o sujeito. Podemos até fazer uma diferença entre a questão do sujeito e a questão do seu desejo que está em jogo. Mas não vou entrar neste aspecto. Eu queria trazer uma questão prática. Este é o momento de aproveitar nossa produção para trazer uma contribuição para associação e para a Escola que nós queremos. E falando sobre essa questão de arte ou de ciência, estava pensando que estamos tendo uma oportunidade muito importante: a possibilidade da critica assídua, permanente. E já que estamos falando sobre o desejo do analista, queria marcar a articulação com o ato analítico, que não está nem na ciência nem na poesia. E nessa crítica assídua precisamos fazer uma diferença entre o desejo de ser analista do desejo do analista. São questões que caminham para o que nós estamos propondo neste momento.

VERA POLO

Queria fazer duas observações: a primeira retomando o debate da mesa anterior, na qual Jairo tinha colocado, se eu entendi bem - 'O desejo de escola não pode ser um conceito, o desejo de passe não pode ser um conceito". Isso para mim ficou como uma questão, porque me parece que você fez uma certa oposição entre o dispositivo freudiano e o dispositivo lacaniano. Como se houvesse uma certa oposição entre eles. Freud pensou um dispositivo com dois e Lacan, meio exagerado, pensou um dispositivo com onze. Pensei que então nós que estamos na orientação de Freud com Lacan temos que pensar em treze, no mínimo. Uma coisa que me tocou também no seu depoimento porque você falou 'o traumático não é tão mal assim '. Foi até mais positivo: o traumático é bom. Lembrei-me de uma passagem de Freud exatamente num texto de 1937 - eu não tenho certeza se é em *Construções em análise* ou *em Análise terminável e interminável* em que ele vai dizer exatamente que tinha aprendido com sua experiência, que as neuroses traumáticas eram de longe as mais beneficiadas pela análise. Eram as mais propícias à análise, então o dispositivo freudiano se verifica, e se verificou no próprio percurso freudiano, a gente pode dizer assim. Será que o desejo de Escola não é verificável? Eu fiquei com esta dúvida. Será que não é realmente um conceito? Porque na nota italiana Lacan

vai dizer: trata-se de verificar a escola , quer dizer, trata-se de verificar se há AE, e se há AE há escola.

A segunda observação é sobre a questão dos cartéis que Alba colocou: é pouco pensar o cartel como um tratamento da vida grupal. Tudo bem, eu acho que é pouco também, você fez uma crítica à EBP desvirtuou o conceito lacaniano de cartel. Em 1980 naquela carta ao 'Sr. A', para o Althusser, Lacan propõe o cartel aos filósofos para estudarem e diz: colem- se o tempo que for necessário para produzirem alguma coisa e depois dissolvam-se.

ALBA ABREU:

Mas não foi isso que eu estava falando, não era uma coisa burocrática, era para tratar um ponto, em que cada um teria a sua produção. Quando eu coloquei que ele foi desvirtuado porque não era assim para tratar um ponto clínico, um ponto ético ou um ponto teórico. Foi muito desvirtuado, pelo menos é a minha experiência.

VERA POLLO

Eu só queria enfatizar que ele propõe isso também num outro contexto. É uma prática de estudo que parte do princípio da dissolução, e que tem de ter um produto necessariamente individual Como um dispositivo de estudo diferente da relação mestre- aluno tradicional.

SONIA ALBERTI

Acho que quando o Olympio traz a questão das Formações Clínicas é importante porque efetivamente existe toda uma atividade que há a ser pensada em relação aos fóruns. No Rio de Janeiro particularmente, como tendo efetivamente uma certa intercessão com o fórum na medida em que existem pessoas que estão em Formação Clínicas e que também estão no fórum, mas que isto não é necessário que as pessoas de formações clinicas estejam no fórum e vice versa. Eu acho que as formações clinicas caminham muito em direção de um lugar para transmitir, para ensinar, para estudar a psicanálise. E talvez tenhamos de nos perguntar onde está o furo de Formações Clinicas, se é que tem furo. Os fóruns, à medida que vão em direção à Escola, que é a direção que eu acho que deve ser a do fórum, sustentando essa pergunta 'Que Escola queremos?' , devem ter esse furo antecipado. Olha só que coisa mais interessante, a primeira vez que estamos realmente discutindo passe é fora da escola, onde a gente realmente está podendo construir algo a partir do que foi esta experiência na AMP. Lembro-me sempre de meu primeiro texto quando da nossa entrada para a iniciativa-escola, que eu apresentei em Caracas. O nome do texto é "A escola a advir", com o passe no cerne dessa escola. Na

época já discutíamos que não era possível uma escola sem passe, que aliás era a idéia que estavam querendo vender para gente inicialmente. A de que no Brasil não podia fazer de cara o passe, e depois veio aquela solução de compromisso de fazer esse tal de passe na entrada, que não seria nem ainda autorizar ao Brasil de ter analistas. Uma das grandes justificativas era: será que o Brasil tem analistas para sustentar o passe? Acho que respondemos: nós temos analistas no Brasil que possam sustentar um passe. Independente de autorizarem-nos ou não, fez-se. É isso que se verificou nestes últimos meses de discussão de depoimentos de passe que houveram no Rio e em outros lugares. Houve um passe, um passe de verificação de desejo do analista

Só para concluir, o que acho que fundamental é que não é possível pensar, e digo isso desde 1991 em Caracas, a Escola sem este furo que é o furo do passe. É o passe que fura a escola, e que é o que a gente está vendo.

ROSANGELA CORGOSINHO:

A gente falava sempre como era difícil trabalhar cartéis na EBP, pelo menos na nossa experiência, como era difícil este trabalho em cartéis, e foi uma crise, a gente vivia falando da crise do trabalho com os cartéis na Escola Brasileira. Acredito que deveríamos rever o que aconteceu. Acho que deveríamos repensar, retomar e revalorizar o lugar de cartel para uma escola de analistas enquanto lugar da produção e do trabalho.

JAIRO GERBASE

Quero reconstituir uma discussão, que Alexandre felizmente conseguiu chamar de um minimalismo que é o desejo do analista. Se entendo bem, essa virada é a passagem de analisante a analista, queria reconstituir a história deste slogan, porque entre nós está se constituindo essa ideologia. Degundo Debret seria preciso encontrar ao menos um trabalho que propusesse uma outra tese, e aí teríamos verdadeiramente o debate. Essa observação se fez no Campo freudiano, na AMP, por exemplo, permitam-me lembrar o congresso em Buenos Aires sobre a psicose. Em duzentos e cinquenta trabalhos, a tese mínima era 'a condição da psicose é a foraclusão do nome do pai'. Não ocorreu a ninguém supor outra coisa, e depois chegamos a discutir a saturação do Campo Freudiano quando fizemos o congresso anos depois em B. Aires, de novo, sobre a Interpretação, *"a interpretação é do Inconsciente"*. Quinhentos trabalhos. Então é interessante trazer essa questão, lembrei-me da Carta Roubada, segundo Lacan, mal traduzida, a carta que não chega ao seu destino. Os matemáticos inventaram esse termo chamado álgebra, que quer dizer análise, e tomamos uma verdade matemática, isto é que vale para quantidade e valor, e aplicamos, por exemplo, ao problema da moral. Digam aos matemáticos uma fórmular que

eles não podem suportar, que é minimamente divergente eles vão derrubá-la. Então quero arriscar-me a propor a tese: a Escola de Lacan não depende do passe. Gostaria portanto que me permitissem dois minutos mais para fazer uma pequena demonstração. Se Lacan diz na Proposição "o fim da análise é a passagem de analisante a analista", que se conhece como travessia da fantasia é, devíamos considerar que o passe verifica o final de análise, que verifica o desejo do analista. Nessa frase, Lacan está dizendo: verifica ao mesmo tempo o final de análise. Colette Soler, não faz muito tempo, mostrou que não é assim. Para nós todos fim de análise e passe era a mesma coisa, desejo do analista, isso. Ela disse que verificou em L'etourdit e não encontrou essa distinção. Não encontrei o lugar onde está dito por Lacan que é preciso distinguir desejo do analista de final de análise, a virada do final. Mas o que queria finalmente demonstrar é que quando mais tarde no *L'insu,* Lacan propõe o fim da análise como a identificação ao sintoma, eu pergunto: o passe verifica isso ou é preciso um outro instrumento, é neste sentido que eu digo, não necessariamente o passe é, como acabou de dizer minha amiga Sonia Alberti, condição necessária da Escola. Pode ser que tenhamos que inventar um outro dispositivo que possa, todas as palavras serão ruins, verificar, a identificação ao sintoma.

MARIA ANITA

Quero falar depois do Jairo, porque todas as vezes que ele fala, evoca minhas raízes baianas. Parece uns tios meus de Itabuna que eram pessoas muito queridas, eles eram assim, charmosos, bem falantes, atraentes, interessantes, mas eu diante deles sempre ficava numa posição meio esquisita, me sentia igual aquela criança que Lacan cita no seminário 11, que diante da fala do adulto fica se perguntando: quando ele diz isso o que será que ele quer dizer? Então eu fico perguntando: quando o Jairo diz isso o que será que ele quer dizer? Porque veja bem, eu e Jairo participamos da Comissão Crítica do Passe, então nós temos experiência comum, nós temos verificado e ouvido os passes de todos os colegas. Esta história de se interrogar sobre final de análise e passagem de analisante a analista, dizer que foi porque Colete Soller mandou, pelo amor de Deus! Temos visto muitos depoimentos, não estamos tirando a coisa assim do espaço. Estamos falando aqui de alguma coisa que tem uma comissão crítica da qual eu, como o Jairo, como vários outros colegas participamos, e estamos levando a sério, estudando, refletindo, e tentando extrair consequências. Então não estamos mais no momento de seguir um *Magister Dixit*, mas sim a clínica. não é? Estamos tentando extrair consequências da clínica do passe e acho que já é possível a gente produzir teoricamente algumas coisas, por exemplo ontem Marie-Jean Sauret citava que os depoimentos que ele escutou no cartel do Passe lá na EEP muitos poucos deles falavam, curiosamente, da emergência do desejo do analistas.

Embora tenhamos poucos depoimentos aqui no Brasil, justamente, nos Passes que não são de final de análise. Chama atenção isto, não é uma coisa que já esteja formalizada, mas merece uma formalização. Talvez seja por isso que insistamos tanto em falar desta história de desejo do analista, que não é uma palavra de ordem. É um conceito de Lacan que estamos vendo emergir da clínica de uma forma diferente.

Outro ponto que eu gostaria de enfatizar é que estamos tentando construir alguma coisa a partir da clínica. Marie-Jean dizia que isso aparecia pouco nos depoimentos da EEP, vemosque é uma diferença, então é uma contribuição que podemos dar da originalidade da nossa experiência brasileira. Precisamos sair um pouco da paranóia de que estamos obedecendo a palavra de ordem de fulano ou beltrano, pra ver que temos de contribuição a dar. Um ponto que eu queria enfatizar é o seguinte: a clínica é isso, ir do particular para o geral. Parece-me, então, que por um lado temos uma experiência inédita em curso, e por outro lado, temos alguns conceitos e algumas verdades aos quais nos reportarmos, é o que temos como ponto de partida para Que Escola queremos?

ANTONIO QUINET

Quero agradecer a Alexandre Simões pela transleitura que ele fez dos meus artigos e retomar um pouco o que foi trabalhado na mesa de hoje de manhã, juntanto com o que está sendo discutido agora. O meu interesse pelo cartel de entrada, pelo passe que eu aceitei, e não só aceitei a ser membro como participei da construção da Escola Brasileira de Psicanálise, e posso dizer que até no início do trabalho da Comissão Crítica do Passe, eu tinha uma grande resistência a abrir mão desse dispositivo, porque levantava a hipótese que o lugar de exclusão do neurótico passa pela transformação a o lugar de rebotalho do analista é uma operação que se pode verificar na análise. Todo neurótico sente-se excluído do simbólico, para ir um pouco rápido, o obsessivo que se acha uma merda e a histérica que se acha um zero à esquerda, ou seja, um nada. Isso indica um pouco esta posição de excluído

A transformação da exclusão que é do próprio sujeito, a passagem disso para a posição de rebotalho que se dá numa análise, talvez não se desse apenas em um momento de um passe no final de uma análise, eu propunha investigar no próprio passe. Isso era o meu projeto de pesquisa, quando entrei no cartel do passe, momentos de passe

O meu trabalho de ontem que eu concluo com abrir mão do dispositivo do passe para ser colocado na porta de entrada da escola, é um abrir mão deste dispositivo sem jogar fora o bebê com a água suja do banho, porque o ouro que ficou podemos ver no testemunho dos passantes, e é esta experiência que me parece extremamente rica. Aprendo a cada testemunho que escuto.

A questão dos momentos de passe: são momentos de franqueamento que podemos verificar numa análise. Lacan já nos dava algumas indicações, e eu já tinha, mesmo antes de trabalhar no cartel, trabalhado muito sobre isto, sobre a questão da marca, que eu chamei de marca de exclusão, que vai ser transformada como algo de uma marca do analista que o cartel vai poder ler. Ou seja, alguma coisa também desvinculada do final de análise. Na nota italiana, Lacan até chega a dar uma indicação que essa marca poderia estar até antes mesmo de começar uma análise. No meu texto propus identificar isso ao que chamei de a entrada para a Psicanálise que muitas vezes se dá antes mesmo de uma análise começar, quando há uma escolha de um ato feito pelo sujeito, contra o pai, pelo que pode vir a ser o pior pra ele.

O Alexandre Simões chamou atenção do meu texto sobre estilo que foi do meu seminário do ano passado em que, e isto é uma tese que eu até gostaria de ver discutida, não sei se vai um pouco contra o que Marie-Jean Sauret falava ontem, que a identificação ao sintoma corre o risco de se tornar um modelo de final de análise, modelo até inconsciente, como disse alguém hoje de manhã, e que as pessoas vão tentar fazer um relato para mostrar , olha aí o meu sintoma, um modelo como num momento dado se tornou a travessia da fantasia na Escola da Causa Freudiana. Na verdade, a proposta do meu texto eu acho mais interessante: pensar no estilo em contraposição ao sintoma. Estou propondo é pensarmos a questão do estilo a partir do processo analítico. É o seguinte: " O sintoma verdade comporta dois destinos, o estilo que é da ordem da enunciação, por onde circula a verdade e por outro lado o sintoma como real, onde não se encontra mais a questão da verdade mas da varidade. A distinção entre o sintoma e o estilo a meu ver é fundamental para abordarmos a transmissão da psicanálise e a maneira pela qual um analista opera.

Lacan diz na abertura da sessão clínica que o analista também se identifica com o seu sintoma, que as palavras impostas também são um sintoma do psicótico. Será que é com o seu sintoma que ele opera? Não, o analista não opera com o seu sintoma, ele opera a partir do estilo, que é o estilo de cada um por meio do qual ele sustenta aquilo que Lacan denomina o desejo do analista. Então se pensarmos no passe menos como verificação do final de análise, não se trata da demonstração da identificação do sintoma de cada um, mas o que ele faz do resto de gozo ou da exclusão do simbólico.

CLARICE GATTO

Gostaria de agradecer a Alba pela leitura, pelo que ela destacou no meu trabalho, mas na realidade esta não era a questão mais importante para mim. Tem uma frase do Foucault que gosto que é: o novo é dizer de novo o acontecimento de seu retorno. Então é sempre bom repetir. Lacan diz assim no

Discurso à *EFP* *" para aqueles que me seguem neste caminho, mas que no entanto viessem a lamentar não terem uma qualificação repousante, ofereço como prometi, a outra via além de me deixar, que me ultrapassem no meu discurso até torná-lo obsoleto, saberei enfim que ele não foi em vão"* Acho muito bonito o que ele escreve, gostaria de Ter uma questão, mas acabei de escrever o meu texto e ele já não é mais o meu texto e aí eu consigo ver coisas que eu não tinha visto no instante que estava confeccionando o texto. E uma questão: porque Lacan vai fazer um distinção entre o desejo do analista e o desejo inédito? Ele vai dizer que o desejo do analista é algo que não pode ser analisável, nem teorizado, e aí ficou pra mim esta questão, talvez até pensando um pouco na linha que o Quinet traz, do estilo, se o desejo do analista não seria isso que vem sustentar um desejo inédito?

MARIE-JEAN SAURET:

Eu queria só escrever o matema do discurso analítico. Aproveito para dizer para Jairo que a distinção entre fim e passe aparece numa das versões da *Proposição de 67*, pois Lacan distingue o termo, o término, e o fim ou o término e passe e, além disso, coloca uma questão precisa: como é que vai se dar no passante para quem caiu o sujeito suposto saber – em que Lacan entende acontecer o momento de passe - como é possível que esse passante continue indo a suas sessões? Escrevi esse matema só para indicar uma pequena quanto 'a questão de Quinet. Eu não tenho certeza de não estar de acordo com ele. O que que é produzido numa análise não é um psicanalista, mas o S1 que podemos ler de diversas formas, como a a marca à qual ele se reduz, quando já não espera que o Outro lhe responda o que ele é. Então, no que eu chamo de identificação com o sintoma, tentei entender este sintagma em Lacan, não é a identificação com o sintoma, mas com aquilo que faz o real do S1 . Para dizer de outra maneira, o sujeito descobre no final de sua análise, que nada faz juntar, que nem um outro venha lhe dizer, nem reduzir o seu sofrimento, juntando, fazendo que fiquem juntos seu corpo, a linguagem que ele habita e o real com o qual ele tem de se haver, somente o sintoma que ele é. É deste lado que situo a questão da identificação com o sintoma. Eu insisto porque se vê bem que o problema que se coloca é o que o sujeito vai fazer com isto?

O que chamamos de passe é que o sujeito consinta a fazer servir este pedaço de real que ele é pra poder vir a fazer semblante do objeto do Outro. Talvez possamos até dizer que ele é produzido como objeto; Lacan até dirá como letra. ele vai escrever a função sintoma f(x) , mas o objeto que ele é, não é o objeto de que ele faz de conta, o real que ele é; é o que lhe permite separar-se do discurso analítico. É esse consentimento de vir a ocupar este lugar que é contingente, não é produzido por uma análise, que nós chamamos desejo do

analista. Para mim a estrutura da escola é essa que implica esta estrutura de laço social, fazer muita coisa do S1, procurar o S2 que dará conta dessa virada. O sujeito procura o S2 com a objeção que ele é. Isso associo à observação de Quinet sobre o estilo, o estilo é justamente o que resiste a ser dito.

A partir disso, retomamos a questão de desejo do analista. Até Lacan, até o passe, ninguém sabia como é que terminava uma análise, como ela se transmitia, se ela se transmitia. Quanto à psicoterapia, Lacan dizia que era uma prática que não precisava ser esclarecida para operar. Outra afirmação de Lacan, desaparecida nos EUA – temos de criar condições para que ela não desapareça – é que não há psicanalista no sentido estrito como nós entendemos, sem o desejo do analista. É equivalente a dizer que não há mulher sem uma relaçao com o gozo feminino. Assim, não podemos verificar que haja desejo do analista senao um por um.

Preocupo-me até mesmo que uma certa idealização do passe poderia ir contra o passe, na realidade toda a questão para cada um é como é que ele passa de S1 ao objeto a . Bom para mim o problema com o passe na entrada não é o termo passe, nem mesmo o momento em que o psicanalisante o demanda, mas a idéia de, a partir desse momento, tentar construir um conjunto de analistas. A questão é saber se o passe na entrada permite cernir este discurso analítico que descompleta o conjunto, ou se isso vai contra o desejo do analista. A experiência que vocês trazem parece mostrar que o desejo do analista não se deixou prender, aprisionar. O passe do fim, como se diria então, é um passe que sempre virá descompletar o conjunto dos analistas, porque o que chamamos de desejo do analista é justamente alguma coisa que Lacan não escreve, é este ponto que não se verifica senão na reinvenção de cada um dos passes. A única escrita que ele propõe é um x, como um enigma, jamais como uma fórmula plena. É o sujeito que tem de responder a esta questão.

A partir disso, isso quer dizer que talvez haja ódio, haja amor na comunidade analítica, mas o amor e o ódio de nada servem para construir essa comunidade. Para Freud, amamos o mesmo e odimosa o diferente. Então no Campo Lacaniano o ódio e o amor são novos.

MARCIA MONTEZUMA

Esta discussão sobre o passe está animadíssima mas eu gostaria de retomar alguns outros aspectos da Escola que queremos, uma vez que também que não dá para equivaler Escola a passe. O primeiro ponto que queria pensar também seria no ensino na escola, queria pensar uma maneira que não esvaziasse a Escola atraves das Formações Clínicas, acho que é um ponto importante a ser pensado. Um outro ponto seria quanto ao está acontecendo aqui, tem um espírito absolutamente de Escola em termos de refúgio do mal estar, de acolhimento

deste mal estar. É importante pensarmos numa maneira de preservar esse acolhimento da diferença, sem cair na lavação de roupa suja das conversações, na discussão sobre os amores e os ódios.

Para não sairmos daqui equivalendo Escola ao passe, devemos trabalhar as outras funções da Escola. E acolhendo essa diferença, agradeço ao Jairo, que está meio que encarnando o contraponto, pela possibilidade da discussão estar sendo tão rica. Espero que consigamos realmente lidar com o mal estar de uma maneira boa.

FERNANDO GROSSI

Estou achando muito importante este debate na nossa comunidade sobre a questão do passe e em torno do desejo do analista, sobretudo a partir da exposição dos trabalhos da Comissão Crítica do Passe, mas gostaria de me posicionar um pouco a partir das leituras dos trabalhos e interrogar alguns pontos nesse debate. Estamos tendo a oportunidade de retomarmos essas questões, à luz das experiências que cada um teve ao longo dessa caminhada, desde o percurso de cada um no Campo Freudiano e das escolas, que é o seguinte a minha questão: O desejo do analista, tal como eu apreendo um pouco das minhas leituras dos textos de Lacan situa-se precisamente na passagem de analisante a psicanalista, e parece-me que isse é um ponto consensual. Marie-Jean começou a levantar alguns pontos indexadores dessa passagem, ele lembrou a travessia do fantasma num determinado momento do ensino de Lacan, a queda do sujeito suposto saber, e um ponto dessa passagem de psicanalisante a psicanalista a passagem de um ato. Afirma que o que está em jogo é um ato, que marca um antes e um depois.

É verdade que depois a questão em 67 o ponto dessa passagem está mesmo vinculado ao ponto mesmo do final de análise. Lacan depois abre esta discussão que é possível ter o final de análise e não haver a emergência do desejo do analista, ele põe a este ponto, associando o afeto do entusiasmo e do saber no que toca o real. Uma pergunta: há uma tendência ao relativismo no conceito do desejo do analista, ou uma tendência a relativizar também a passagem de analisante a analista? Haveria uma tendência a pensar que este conceito do desejo do analista tende a se relativisar? Quando Marie-Jean Sauret toma o matema do discurso do analista, é verdade que há uma tendência a relativisar, mas em cada passagem de um discurso ao outro emerge o discurso do analista

Estou levantando essas questões, porque vejo na nossa uma tendência ao que estou chamando de relativisar o conceito do desejo do analista. Eis a minha inquietação por causa das consequências clínicas e

institucionais que há tomarmos uma vertente ou outra, haja vista a nossa experiência ao longo do Campo Freudiano. Gostaria que esse assunto continuasse e se formalizasse, já que o Campo Lacaniano tem esta incidência local, nacional e internacional.

VERA POLLO

Eu queria falar para você Jairo: eu não coloquei primeiro o desejo do analista e depois os cartéis e o passe. No meu texto eu coloquei exatamente o contrário, com base na nota aos italianos coloquei primeiro o dispositivo do passe, porque lá me parece que está colocado nestes termos inclusive, o dispositivo do passe é que vai nos possibilitar verificar o desejo do analista, ou verificar a escola. E ainda com aquela citação de Lacan que você trouxe "o passe não tem nada a ver com a análise", entendo que o dispositivo do passe não tem nada a ver com a análise, entendo: o passe clínico tem a ver com o final de análise.

Acho equivocado o desejo de conduzir uma análise até o fim, pois é preciso que o analista mantenha o seu desejo como uma incógnita, uma variável, um enigma na enunciação. É isso, sobre o desejo do analista. Sobre a Escola, interessou-me muito a fala do Bernardo Nominé no Fórum do Rio, onde ele colocava a escola no sentido da transmissão de um estilo, comparava inclusive com a escola de arte, alguma coisa que se verifica *a posteriori*.

JAIRO GERBASE

Estamos discutindo a possibilidade de fundar uma associação, então é evidente que precisamos os debater os argumentos. O Marie-Jean veio aqui há poucos instantes argumentar que uma das soluções desta produção do discurso analítico é poder colocar-se como semblante do objeto que causa o desejo do outro. Eu diria isso é quase inumano, dificílimo de verificar, então peço muito mais a humildade nossa, o debate de argumento por argumento.

Se desvincularmos o passe do final da análise, como tem sido apreendido, e quando eu evoquei Colette Soler dizendo em seu texto é que tem de distinguir a virada do final, eu sei onde Soler vai querer chegar, mas isto não quer dizer nada pessoal, quer dizer que me interessa debater os argumentos, porque se desvinculamos o passe do final da análise, daqui a pouco vamos chegar à conclusão que devemos ter passe de entrada.

É um argumento quepreciso debater, porque estou contra o passe de entrada. Então não se trata de pegar pesado, é simplesmente marcar

uma discussão. Eu tenho que dizer que escola quero, pois quero uma que não tenha passe de entrada. Pareceu-me justificado vincular o passe ao final da análise Quero defender o argumento que venho fazendo em em diversas oportunidades sobre a hipótese de que o conceito de fim da análise como identificação ao sintoma é em Lacan mais avançad do que o conceito de final de análise como travessia da fantasia, como virada de analisante a analista.

BARBARA GUATIMOSIM

Queria agradecer Alexandre pelo ponto que pegou do meu trabalho. E fiquei pensando que verificar a identificação com o sintoma, é um sintoma esvaziado que se presta como resto, precisa ser demonstrado. Qual foi o percurso do sujeito até este sintoma? No *L'insu* Lacan fala em saber lidar, *savoir y faire*. Seria preciso lavrar este percurso até onde essa identificação, que tem de ser estilosa, não ficar no reconhecimento no escuro. Lacan pergunta no *L'insu*, qual é a n qual é a lavra deste percurso.

ANTONIO QUINET

Bom, primeiro queria tentar responder a Márcia sobre algumas questões interessantes e oportunas que ela coloca. Estou de acordo com esta afirmação "A escola não é o passe", e retomaria até uma referência ao discurso à EFP, que é uma articulação interessante que Lacan faz da Escola com o passe, "a escola é o lugar em que o analista pode dispor do ato analítico". A mulher que é uma Outra para si mesma, não pode se apreender como tal. O analista também não. Ele precisa de uma escola para poder dispor ele mesmo do seu ato.

Eu fico com medo da identificação ao sintoma virar um outro *slogan*, daqui a pouco estamos vendo todos os AEs demonstrando: olha aqui o meu sintoma, como na época da demonstração da travessia. Por isso a minha insistência com o estilo: o estilo não tem como generalizar-se. Para responder rapidamente ao Fernando, acho a pergunta bem provocadora. Será que pensarmos a tentativa de mercas na direção do desejo do analista, até mesmo antes da análise, determinadas, como Lacan falava, determinadas marcas das aventuras do sujeito, e se isto não seria relativisar o desejo do analista? Lacan coloca o desejo do analista absolutamente contemporâneo do ato analítico. A meu ver só tem um ato analítico, ali aonde emerge o desejo do analista.

Agora outra questão: eu sempre associei a emergência do desejo do analista com final de análise. Estamos fazendo uma leitura nova, que a meu ver não é um *slogan,* tanto que se fosse slogan não estaríamos se dando o trabalho de discutir tanto. No texto da *Proposição* Lacan afirma 'o fim da psicanálise conserva em si uma ingenuidade sobre a qual coloca-se a questão de saber se

ele deve ser considerado como uma garantia na passagem ao desejo de ser analista'. Ele diz: o final de análise não garante. Podemos até avaliar, verificar o final de análise, mas ele não garante que haja emergência do desejo do analista.

NOTÍCIAS

À ESCOLA, POIS.

Agradeço o gentil convite da Coordenação do Espaço Escola em associação à Comissão de Publicação desse número de *Stylus* para escrever um texto nesses últimos dias de nossa gestão o que interpreto como oportunidade de me colocar como tendo sido Diretora dessa nossa tão nova Associação dos Fóruns do Campo Lacaniano, ainda o sendo, ou seja, num "entre dois".

Colette Soler, em seu texto para "Zoom", em *Wunsch* no. 1, o Boletim da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, retoma uma questão que me acompanhou durante esse ano de gestão com enorme insistência: a da pulsão de morte, "verdadeira mola" que, "de uma maneira estranha" implica as guerras, os desentendimentos, em âmbitos, mais facilmente, locais. "Tanatos é afinal pouco expansionista e opera preferencialmente onde existem laços de proximidade e de quotidiano" (cf., p. 4). Contra isso, só há uma arma, que Colette Soler também situa: a diversidade e o respeito por ela. A Associação Fóruns do Campo Lacaniano visa à sua sustentação de forma estatutária: cada Fórum do Campo Lacaniano tem sua autonomia, seus membros *podem* querer fazer parte da Associação em nível nacional, mas não precisam. Durante todo esse ano de gestão, em nenhum momento foi exigido dos Fóruns do Campo Lacaniano que solicitassem a seus membros uma adesão à Associação. Não somente porque isso seria uma ingerência nos trabalhos autônomos dos Fóruns, mas também porque esta Associação não quis ocupar um lugar de mestria em relação ao conjunto de membros dos Fóruns.

Um novo passo se constrói agora, no momento em que nos perguntamos "Em que a Escola nos falta?" e, novamente, os membros da Associação *poderão* ***querer*** fazer parte dela. O fato de não virem a querê-lo de forma imediata, não os fará menos membros de Fóruns, nem

menos membros da Associação e é isso o que faz dessa Associação uma novidade em termos de conjunto de psicanalistas e pessoas pela psicanálise interessadas: ela sustenta a diversidade e não exige de seus membros nenhuma adesão para além daquela que escolheram.

Da mesma forma vejo hoje uma possível adesão à Escola que, para alguns, falta. Ela não precisa faltar a todos para poder ser instituída, ela jamais faltará a todos já que se sustenta, de acordo com essa organização, no não todo, nem todo mundo precisa fazer parte dela, somente alguns querem fazê-la agora.

Que se permita então que estes, para os quais faz falta, a façam, e que se procure verificar a ação da pulsão de destruição que, apesar de intratável, pode ser sempre denunciada a fim de que novas amarrações sempre possam impelir para a vitória da vida, no conflito pulsional, como já dizia a frase freudiana: *Leben ist bändigen* (Viver é amarrar).

Se viver é amarrar, isso se faz no dia a dia, no cotidiano de nossas ações, na paciência do analista que aposta na visada de fazer valer o desejo, seja ele qual for, e sempre singular, de cada um dos membros, mas jamais negativado, pois o desejo, tal como Freud o conceituou a partir de sua posição de criador da psicanálise, sempre é positivo na medida em que o desejo sempre se manifesta pelo exercício do sujeito do inconsciente, aquele para quem não existe o não.

Que diante de um não, o sujeito desejante encontre novas formas de fazer valer o seu desejo, sem desistir, ao contrário, comungando com a ética de bem dizê-lo, cada vez mais, à comunidade dos analistas. Eis como poderá dar provas de que é sustentado pela coisa freudiana e que é capaz de sustentá-la num trabalho conjunto, no conjunto dos membros da Escola, trabalho que se funda na relação que cada analista membro da Escola aí encontra com a psicanálise, e para quem isso é necessário.

Proponham, façam valer o desejo, ou seja, façam valer o que sustenta a psicanálise como prática e teoria, mas sempre levando em conta que o desejo só pode efetivamente acontecer se na medição de forças não o condenamos a ser destruído. É preferível um cálculo.

De todas as questões que mais dificultam o trabalho de construção numa associação, que mais entravam a possível descoberta da "perene, insuspeitada alegria de con-viver" (como diz Drummond em seu poema de tema expansionista)[1], os problemas do narcisismo certamente são os mais graves. E que não se confunda os problemas do narcisismo com o esforço do sujeito de sustentar seu desejo até às

últimas conseqüências; normalmente se distinguem facilmente: esse último se positiva, responde a que veio!

O tempo, agora, vetorializa a conclusão! Pois se existe o desejo, o *Wunsch* - como ficou sendo chamado nosso Boletim da Internacional dos Fóruns - e, se há analistas, é preciso poder dar provas de que se pode sustentá-lo! Caso contrário, começamos a duvidar das próprias análises que nos formaram e sobre possíveis suficiências que nos paralisam. À Escola, pois. Não haverá prova mais contundente de que prosseguimos com Freud e Lacan.

Rio de Janeiro, 14 de setembro de 2000.

Sonia Alberti.

I FÓRUM NACIONAL DA AFCL
12, 13 E 14 DE OUTUBRO DE 2000 EM ARACAJU/SE

Um ano desde Belo Horizonte, para nos reencontrarmos em torno de temas instigantes e insistentes no dia a dia de cada um de nós: a clínica e a Escola. Nesse tempo, muitas idéias andaram, aqui e acolá, nas letras mudas dos e-mails, nos pensamentos e nos papéis.

Mas as idéias não devem apenas vicejar ante o olhar do seu criador. Antes, devem ser expostas para, tal como o solo das Minas Gerais, serem esburacadas pelas interrogações que provoca, descobrindo, assim, os veios por onde seja possível formar um substrato para sustentação da diversidade.

Ora, a diversidade se faz pela presença de cada um.

O I Fórum Nacional da AFCL, em Aracaju/Se, será realizado em dois momentos: o primeiro tratará da exposição da prática que os psicanalistas têm hoje em suas clínicas; o segundo, será reservado para a discussão acerca da seleção, nomeação e autorização dos analistas em direção à construção de uma Escola. A assembléia deverá escolher uma nova permutação para a Comissão de Gestão e Coordenação do Espaço - Escola. Além disso, ainda teremos um curso pré - congresso com o tema *Tempo e Espaço do Sintoma.*

Maiores informações: (0xx) (79) 211-7579 ou 2461607
Márcia Polido (Aracaju)

2001 – A ODISSÉIA LACANIANA
11 A 14 DE ABRIL DE 2001
HOTEL GLÓRIA – RIO DE JANEIRO

Organizado pela Formações Clínicas do Campo Lacaniano, e sob a égide da Associação Foruns do Campo Lacaniano e da Internacional Foruns do Campo Lacaniano, acontecerá em abril do ano que vem, no Rio de Janeiro um colóquio internacional que já tem presença confirmada de psicanalistas de todo o mundo, que virão ao Brasil para um verdadeiro debate de idéias.

A proposta do colóquio é discutir a inserção da psicanálise lacaniana na atualidade. Qual sua posição diante dos discursos da ciência e do capitalismo que foracluem o sujeito? Jacques Lacan, num retorno a Freud, fez uma aposta na ética: diante do mal-estar da civilização, moderna, globalizada, violenta e segregativa, apostou na verdade freudiana: o homem é responsável pelo seu *pathos* e livre por sua fala. Se seu ser não se resume ao biológico qual a responsabilidade da psicanálise diante do mal-estar na civilização?

O evento acompanhará os três eixos assinados por Lacan: a psicanálise pura, a psicanálise aplicada e o recenseamento do campo freudiano.

Convido todos a escreverem trabalhos e inscreverem-se já.

Andréa Brunetto
Campo Grande, 29 de setembro de 2000